





**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS
MULTIDISCIPLINARES - CEAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA – PPGDH**

MARISA GUIMARÃES LEITE

**DESLOCAMENTOS SIMBÓLICOS:
AS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E AS MARCAS DO PROCESSO
DE (IN)VISIBILIDADE DOS SUJEITOS EM MOVIMENTO**

Brasília

2025

Marisa Guimarães Leite

Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de
(in)visibilidade dos sujeitos em movimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília – PPGDH/Ceam/UnB como requisito à obtenção do título de Mestra em Direitos Humanos e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Matos de Souza

Brasília

2025

Marisa Guimarães Leite

Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de
(in)visibilidade dos sujeitos em movimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília – PPGDH/Ceam/UnB como requisito à obtenção do título de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania.

Brasília, 17 de janeiro de 2025

Banca examinadora:

Professor Dr. Rodrigo Matos-de-Souza - Presidente
Universidade de Brasília – UnB/FE

José González Monteagudo - Membro externo
Universidade de Sevilla – US

Elen Cristina Gerales
Universidade de Brasília – UnB/FAC

Djaine Damiati- Suplente
Universidade de Brasília – UnB/FE

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GG963d Guimarães Leite, Marisa
Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas
e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em
movimento / Marisa Guimarães Leite; orientador Rodrigo
Matos-de-Souza . -- Brasília, 2025.
185 p.

Dissertação(Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) --
Universidade de Brasília, 2025.

1. Ativismo. 2. Direitos Humanos. 3. Migração. 4.
Pesquisa (auto)biográfica. 5. Vulnerabilidade. I.
Matos-de-Souza , Rodrigo, orient. II. Título.

[
*Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa,
sem perigo de ódio, se a gente tem amor.
Qualquer amor já é um pouquinho de saúde,
um descanso na loucura.*

Guimarães Rosa]

À Elisa

*Que seja uma cidadã do mundo.
Que viva em harmonia em terras e mares sem limites e sem
preconceitos. Que ame o mundo,
Que seja amada pelo mundo
Que ultrapasse fronteiras.*

Meu amor por você, Elisa, é maior que o mundo, vasto mundo!

Aos Migrantes

*Que levam seus corpos em deslocamentos constantes,
em idas e vindas de incertezas e inseguranças, em territórios próximos ou
distantes, que sejam sempre muito bem-vindos, onde quer que queiram ou precisem
estar, recebidos com dignidade, respeito, afeto e justiça.*

Agradecimentos

 *Aos meus filhos Gabriel e Felipe
e aos filhos acolhidos no meu coração e no meu lar, Filipe, Viviana e Viviane, que amo
tanto, por existirem e persistirem comigo.*

*Aos meus pais,
que me ensinaram a viver em busca do conhecimento e da celebração da generosidade. Aos
amigos de sempre,
os de hoje e os de ontem, em BH, SP, BSB e em todos os lugares do planeta.
Ao amor, à generosidade e dedicação diária do Jeferson
e pela compreensão e apoio à esta minha vida de percursos inimagináveis e deslocamentos
constantes pelo mundo.*

*Ao Rodrigo Matos de Souza
por acreditar em mim, destinar atenção, tempo, cuidado e carinho nesta jornada e pela
real, sensata e criteriosa orientação. Sem você, Rodrigo, esta construção não existiria.*

*À Maria Inez Zanforlin pela iniciação ao mestrado, pelo carinho e
amizade. Elen Geraldес pelas palavras certas, pelo conhecimento e
generosidade. José González Monteagudo, Pepe, pela sinalização de novos
caminhos.*

Juliana Rocha pela abertura de portas, janelas e vidas.

Sandra Cavalcante pelo acolhimento e sensibilidade.

Dani e Lud, pela caminhada lado a lado, mesmo à distância.

*Aos amigos conquistados em tantas jornadas de estudos e trabalhos.
E aos migrantes que emprestam suas vozes e imagens aos que ainda não podem falar ou
se mostrar.*

Às pessoas essenciais para esta construção contínua de mim, muito obrigada! 

RESUMO

A escrita está pautada na observação e inquietação que envolvem a (in)visibilidade de sujeitos-migrantes e as perspectivas de narrativas (auto)biográficas possibilitarem a compreensão do processo de visibilidade dessa população. A partir da observação urbana, identifica a relação entre o olhado e o não visto, entre o ouvido e o não escutado no contexto social, considerando que o reconhecimento da dignidade humana e o respeito aos direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo. Evidencia o não-lugar como um lugar de passagem, onde encontram-se os sujeitos-migrantes. Debruça-se sobre a expressividade informativa, sensorial e linguística das narrativas (auto)biográficas deste sujeito distanciado de suas origens, de sua cultura e que conecta sua vida a uma realidade permeada por deslocamentos constantes. A partir do atravessamento social e histórico e da inscrição do sujeito no mundo contemporâneo, evidencia as narrativas (auto)biográficas desses narradores em deslocamentos territoriais e simbólicos, em suas narrativas (auto)biográficas. É nesta contemporaneidade que está este sujeito num mundo de fronteiras líquidas, nem sempre fixas ou estáveis. A escrita volta-se para o fenômeno contemporâneo de sujeitos em processo migratório ao rastrear as diferentes marcas que emergem nas histórias de vida do sujeito, e, sob a perspectiva Artivista, propõe (inter)ferir artisticamente e socialmente nesses processos de visibilização e ocupação espacial no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Artivismo; Direitos Humanos; Migração; Pesquisa (auto)biográfica; Vulnerabilidade.

ABSTRACT

The writing is based on the observation and concern that the involvement of the (in)visibility of migrant subjects and the perspectives of (auto)biographical narratives make it possible to understand the visibility process of this population. From urban observation, it identifies the relationship between the seen and the unseen, between the heard and the unheard in the social context, considering that the recognition of human dignity and respect for equal and inalienable rights is the foundation of freedom, justice and peace in the world. It highlights the non-place as a place of passage, where migrant subjects meet. It focuses on the informative, sensorial and linguistic expressiveness of the (auto)biographical narratives of this subject distanced from his origins, his culture and who connects his life to a reality permeated by constant changes. From the social and historical crossing and the subject's inscription in the contemporary world, it highlights the (auto)biographical narratives of these narrators in territorial and symbolic displacements, in their (auto)biographical narratives. It is in this contemporary world that we are subject to a world of liquid borders, not always fixed or results. The writing focuses on the contemporary characteristics of subjects in the migratory process by tracking the different marks that emerge in the subject's life stories, and, from an Artist perspective, proposes (inter)ferring artistically and socially these processes of visibility and spatial occupation in the contemporary world.

Keywords: Artivism; Human Rights; Migration; (Auto)biographical Research; Vulnerability.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Nexy Guzmán ao assinar Termo de Esclarecimento de imagem e voz	75
Imagem 2 - Nexy Guzmán na oficina audiovisual com testes de câmera	76
Imagem 3 - O posicionamento dos óculos de Nexy Guzmán durante oficina audiovisual	76
Imagem 4 - Nexy Guzmán na oficina audiovisual com testes de enquadramento e expressões	76
Imagem 5 - Nexy Guzmán na oficina audiovisual com testes de gestos e expressões e sorrisos	77
Imagem 6 - Nexy Guzmán durante oficina audiovisual com testes de movimentos de cabeça	77
Imagem 7 - O posicionamento dos óculos de Nexy Guzmán durante oficina audiovisual	77
Imagem 8 - Nexy Guzmán durante oficina audiovisual ao conhecer acerca de enquadramentos	78
Imagem 9 - Nexy Guzmán durante oficina audiovisual com olhares para a câmera	78
Imagem 10 - Nexy Guzmán durante gravação na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, MG	78
Imagem 11 - Nexy Guzmán no início do posicionamento em frente à câmera para gravar na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, MG	79
Imagem 12 - Gestos expressivos de Nexy Guzmán	79
Imagem 13 - Gestos e expressões de Nexy Guzmán	79
Imagem 14 - As gargalhadas constantes na maior parte da gravação de Nexy Guzmán	79
Imagem 15 - O uso espontâneo de expressões corporais na gravação de Nexy Guzmán	80
Imagem 16 - O uso espontâneo de gestos com as mãos na gravação de Nexy Guzmán	81
Imagem 17 - Expressividade corporal de Nexy Guzmán	82
Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024). Imagem 18 - Sorriso aberto de Nexy Guzmán ao falar do coletivo de mulheres em BH	82
Imagem 19 - Nexy Guzmán e a constatação do eu na gravação	83
Imagem 20 - Olhar distante de Nexy Guzmán em busca pela memória mais distante	83
Imagem 21 - Despedida da câmera por Nexy Guzmán	84
Imagem 22 - Nexy Guzmán e a despedida momentânea de si	84
Imagem 23 - O olhar de despedida de Nexy Guzmán	85
Imagem 24 - Alisson do Brasil, por Alisson Canelón	86
Imagem 25 - A lembrança de Alisson dos últimos dias com a mãe	88
Imagem 26 - Cristina La Rosa se divertindo ao falar para a câmera e para ela mesma	89
Imagem 27 - Cristina La Rosa concentrada em sua fala	90
Imagem 28 - Cristina La Rosa com a filha ao lado, momentaneamente, na gravação	92
Imagem 29 - Cristina La Rosa em expressão gestual ao buscar lembranças da Venezuela	94
Imagem 30 - Guiomar e a escolha de um lugar distante de todos	95
Imagem 31 - Guiomar permaneceu compenetrada durante toda a gravação	95
Imagem 32 - Guiomar sempre de olhos fixos na tela da câmera	96
Imagem 33 - Guiomar em poucos gestos e movimentos ao falar sobre sua trajetória de vida.	96
Imagem 34 - Guiomar sentada, com as pernas cruzadas e o olhar voltado para a câmera	99
Imagem 35 - Maria Esther com as mãos sempre pousadas em descanso sobre as pernas	100
Imagem 36 - Maria Esther permanece com a mesma postura desde o início da gravação	102

Imagem 37 - Maria Esther extravasa a saudade da filha	103
Imagem 38 - Gerald Canelón sentado em local interno e diferente dos outros migrantes	105
Imagem 39 - Gerald Canelón ao assinar o termo de autorização de uso de imagem e voz....	106
Imagem 40 - Gerald Canelón reflete no rosto as angústias vividas em seu país de origem...	108
Imagem 41 - As palavras embargadas de Gerald Canelón ao falar das dificuldades e medos	109
Imagem 42 - Gerald Canelón em sorriso largo, quando fala sobre o reencontro familiar em BH.....	112
Imagem 43 - Gerald Canelón com expressão sorridente ao falar sobre trabalho e filhos	112
Imagem 44 - Mackenson em sala de aula do Projeto Ler.....	114
Imagem 45 - Mackenson fala emocionado sobre o filho que ainda está no Haiti	115
Imagem 46 - Mackenson fala sobre as perspectivas de futuro no Brasil	115
Imagem 47 - Veemência em gesto com as mãos de Ángela sobre carimbo no passaporte	117
Imagem 48 - Ángela eleva e distancia o olhar da câmera	117
Imagem 49 - Ángela olha para o lado esquerdo e distancia o olhar da câmera.....	118
Imagem 50 - Ángela olha para a sua direita e distancia o olhar para a câmera.....	119
Imagem 51 - Éric se posiciona no meio da sala de aula e olha para baixo emocionado	121
Imagem 52 - Éric se emociona a cada nova história sobre a travessia por vários países	122
Imagem 53 - Éric deixa transparecer no rosto a emoção das lembranças	123
Imagem 54 - Éric leva as mãos aos olhos quando se lembra das dificuldades da travessia...	124
Imagem 55 - Armando escolheu ficar longe dos outros migrante para a gravação.....	125
Imagem 56 - Armando olha para a câmera e se emociona ao falar da filha.....	126
Imagem 57 - Armando sentado e olhando fixamente para a câmera.....	127
Imagem 58 - Armando apoia os braços e as mãos nas pernas.....	128
Imagem 59 - Saúl olha para a câmera para iniciar a gravação	129
Imagem 60 - Saúl decide gravar no contra plongée	130
Imagem 61 - Saúl decide alterar o enquadramento e gravar em plongée.....	131
Imagem 62 – Espaço vazio	133

[IN]VISÍVEIS

LISTA DE SIGLAS

ACNUR	Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados
ANAC	Agência Nacional de Aviação Civil
BH	Belo Horizonte
CEAM	Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
CIPA	Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica
CNE	Conselho Nacional Eleitoral da Venezuela
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CNMP	Conselho Nacional do Ministério Público
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
DAR	Direito Achado na Rua
EUA	Estados Unidos da América
FE	Faculdade de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
Ler	Projeto Ler PUC Minas
LGDP	Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais
ODS	Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organização das Nações Unidas
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte
PDVSA	Petróleos da Venezuela S.A.
PPGDH	Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania
PSR	Pessoa em Situação de Rua
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
RO	Rondônia
RR	Roraima
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Tessituras dos anseios, angústias e conquistas da narradora – do real ao virtual.....	19
1.2	Tessituras de outros narradores – do físico ao digital	22
2	A REINVENÇÃO DE SI.....	28
2.1	A imagem de si nas narrativas digitais: entre o real e o impossível.....	28
2.1.1	<i>A imagem de si e o autorretrato</i>	<i>31</i>
2.2	A Fala Enunciativa	34
2.2.1	<i>A fala e a inscrição do sujeito</i>	<i>34</i>
2.2.2	<i>A comunicação não verbal na (re)invenção de si: o que a fala não diz</i>	<i>36</i>
2.2.3	<i>Quando o público se torna privado</i>	<i>39</i>
3	O DIREITO DE SER, ANTES DE IR E VIR.....	41
3.1	População em Vulnerabilidade	41
3.2	Migrantes: Corpos em Movimento	44
3.3	Configuração geográfica, demográfica e estética.....	47
3.4	O distanciamento das cores e sabores venezuelanos	51
3.4.1	<i>A Instabilidade com as eleições em 28 de julho de 2024</i>	<i>52</i>
3.4.2	<i>As Incertezas.....</i>	<i>55</i>
3.5	Direito Achado na Rua – DAR.....	56
3.6	A reverberação dos direitos em solo estrangeiro	58
4	ORIGENS E NARRATIVAS	59
4.1	Narrativas (Auto)biográficas	59
4.2	Direto da fonte	64
5	POSSIBILIDADES TRANSMÍDIAS	67
5.1	Apropriação de meios para a materialização das histórias de vida	67
5.2	Caráter transdisciplinar da abordagem	68
6	A PRAÇA DA LIBERDADE.....	69
6.1	Os Encontros.....	69
6.2	O lugar na Pós-modernidade	72
6.3	Não-Lugar.....	73
7	NARRADORES DA VIDA.....	74
7.1	Nexy Guzmán: A Dançarina da Liberdade.....	75
7.2	Alisson Canelón: a irmã	86
7.3	Cristina Carolina La Rosa: ser, antes de ir e vir	89
7.4	Guiomar González: a batalhadora por uma nova vida	95
7.5	Maria Esther Figueroa, a mãe sem a filha	100
7.6	Gerald Canelón, o pai	105
7.7	Mackenson, o cantor haitiano	114
7.8	Renaldo Celífice, o estilista haitiano	116
7.9	Ángela Bolívar, a namorada	116
7.10	Éric, o namorado.....	120
7.11	Alejandro Canelón, o filho e irmão	124
7.12	Armando, o pai sem filha	124

7.13	Saúl González, o quase mineiro	129
8	MAS HÁ TAMBÉM O SILÊNCIO	133
9	CONSIDERAÇÕES, NOVAS INQUIETUDES, EXPECTATIVAS E O ARTIVISMO COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO	137
9.1	Novas Inquietudes	138
9.2	Artivismo: práticas que entrelaçam arte, tecnologia e mudanças sociais	139
	REFERÊNCIAS DAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS	143
	VIDEOPOEMAS CONCRETOS.....	144
	REFERÊNCIAS.....	144
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	151
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	153
	APÊNDICE C – OFÍCIO PROJETO LER - PUC MINAS.....	155

1 INTRODUÇÃO

Este escrito é uma jornada! Se for possível alguma apropriação do alheio como meu, tornei minhas as expectativas por uma trajetória de corpos em movimento menos sofrida desde a origem, por uma travessia sem tantas intempéries pelo caminho, por noites e dias fora das ruas e com o necessário amparo, abrigo, alimento e afeto, por uma possível reunião entre familiares e amigos, por uma justiça que garanta um acolhimento respeitoso e digno aos migrantes e uma esperança renovada por dias melhores.

Como fio condutor para você, leitor e leitora, reconheço a intencionalidade na economia de palavras em algumas frases que se pretendem curtas, potentes e impactantes, como um fechamento de temas e abordagens e também como recurso para dar uma trégua ao estranhamento.

Aproprie-se de cada letra, cada palavra, cada sentimento que emerge das narrativas (auto)biográficas de dez migrantes oriundos da Venezuela, e, de haitianos, como um caso à parte, para a compreensão destas trajetórias que ultrapassam fronteiras geográficas e corpóreas. Como a apropriação significa para Ricoeur, tornar o que é alheio seu, num esforço de diminuição do estranhamento (Matos-de-Souza, 2022a), o texto é um convite à apropriação, à interpretação e compreensão das narrativas em seu estado mais singular, diretamente da fonte primária, das vozes de seus narradores, os migrantes.

Na leitura destas páginas, as falas das venezuelanas Alisson, Ángela, Cristina, Guiomar, Maria Esther e Nexy e dos venezuelanos Armando, Eric, Gerald e Saúl são representativas de um coletivo de pessoas que têm no presente, as marcas das novas experimentações em solo estrangeiro e da luta pela sobrevivência, no passado, as marcas das lembranças incrustadas na memória de uma vida e no futuro, os desejos por marcas a serem construídas pelos novos laços, abraços e afetos.

Depois da travessia em fronteiras simbólicas, as do abandono, inicia-se a busca por ultrapassar uma linha imaginária. Deixar para trás a dor, o sofrimento, a angústia, a miséria e a fome, e receber o acolhimento, o afeto e a justiça.

Compreender para se apropriar.

Se a apropriação do texto pelo leitor é o objetivo final de todo o processo de compreensão, propiciando o desvelar de uma forma de olhar as coisas, o mundo, a partir do próprio texto, a expectativa também paira sobre esta transformação, para que o leitor e a leitora tenham a oportunidade de ver e ouvir o mundo, as fronteiras físicas ou simbólicas das travessias, pelas vozes dos próprios migrantes.

A jornada textual teve início com a sensação de angústia, com a necessidade de entrada no trabalho de campo. O tempo escorrendo pelas teclas do *notebook* e do *smartphone*, em mensagens não lidas ou não respondidas, em e-mails enviados que não resultavam em respostas, culminado com a falta de retornos necessários para a imersão no campo da pesquisa. Muitos contatos, algumas reuniões, outras possibilidades, até que em fevereiro de 2024, a resposta positiva ao encaminhamento da carta com a solicitação de aproximação com os migrantes inscritos no Projeto Ler, da PUC Minas. O Projeto Ler é uma comunidade intercultural de aprendizagem, pautada pela convivência afetiva e pelo comprometimento com o outro e com o processo de emancipação social e de inserção cultural de migrantes e refugiados, determinou o trabalho de campo.

Os principais critérios para a participação da pesquisa estavam relacionados ao país de origem do sujeito migrante, que tivesse migrado da Venezuela para o Brasil e estivesse com moradia em Belo Horizonte, em função do grande aumento de venezuelanos na capital mineira. Migrante, como termo que abrange o sujeito em deslocamento entre as fronteiras do Brasil e da Venezuela.

Mesmo que estes recortes fossem os primeiros delimitadores da seleção dos participantes, somente com migrantes venezuelanos, outros aspectos como a escolaridade, gênero, orientação sexual, profissão, idade, empregabilidade não estavam no espoco da seleção, o que caracterizou uma participação heterogênea, diversa e enriquecedora. Homens e mulheres, alguns empregados formalmente e outros informalmente e com uma variedade de escolaridade e de faixa etária, não determinantes para o escopo da pesquisa. Também independia se o participante falava a língua espanhola, o português ou mesmo a expressão híbrida do portunhol, que também não concorreram como delimitadores para a participação, focada no país de nacionalidade, a Venezuela.

Os encontros com o grupo de alunos do Projeto Ler, estrangeiros de várias nacionalidades, ocorriam sempre aos sábados, no período de fevereiro a julho de 2024, em uma das unidades da PUC Minas, na região Sul da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. A partir de visitas à todas as salas de aula com a exposição do projeto de pesquisa, o diálogo aberto sobre os objetivos, a metodologia, a possibilidade de realizar uma oficina para instrumentalizar cada migrante que não tivesse familiaridade com câmeras de *smartphones* para a gravação de narrativas (auto)biográficas.

A receptividade foi positiva durante a exposição nas salas de aulas. Nem todos os sujeitos que se interessaram, no primeiro momento, tiveram suas narrativas materializadas em gravações. A definição era, desde o início, por um grupo de migrantes da Venezuela. E um dos

migrantes, do Haiti, tornou-se um caso à parte, que você leitor irá conhecer ao longo da jornada. Eles determinavam o local da gravação, o dia e o horário, antes, nos intervalos ou depois das aulas, para não interromper ou prejudicar a aprendizagem. A cada gravação uma experiência nova, como a apropriação do equipamento, composto por dois *smartphones*, um tripé e um microfone de lapela, como instrumentos de captação das narrativas, de uma nova forma de se encontrar, de se ver, de se enxergar, de se ouvir.

Nas narrativas (auto)biográficas há a fala, os gestos, os sorrisos e gargalhadas, o silêncio, as pausas, o choro, novamente as pausas e a retomada da memória, das lembranças do passado e das perspectivas de futuro. O presente, ainda em constante construção, é transformado em frases curtas, palavras soltas e repetidas. O significado da palavra família é a expressão mais usada, como filhos, mães, pais, irmãos e sobrinhos, entre tantas outras que nomeiam e congregam o sentimento de saudades dos laços sanguíneos. As palavras que nomeiam os amigos, vêm em seguida, reiteradas vezes em cada uma das narrativas. A grande falta sentida pelos migrantes é por relações, por pessoas.

As marcas da (in)visibilidade afloram nas falas, nos silêncios e nos choros.

Nas narrativas (auto)biográficas emergem as marcas quando falam da solidão, do esquecimento, do apagamento, da necessidade de recomeços, da dificuldade de comunicação, da falta de recursos, do acolhimento e da justiça.

Durante todo o percurso e a escrita, as páginas em branco foram ganhando letras, palavras e novos contornos. Para elucidar as idas e vindas do processo de investigação é necessário pontuar algumas questões como a necessidade de identificar no texto cada migrante a partir de um aspecto que o diferencie dos demais integrantes do mesmo grupo de venezuelanos que estavam em busca de uma fala mais aprimorada do português, de uma comunicação mais ativa e assertiva.

Para cada migrante, ficou evidenciada após a gravação audiovisual, alguma característica que foi ressaltada na fala, nos gestos, na relação com o outro e por isso, cada um recebe uma identificação como A batalhadora, para Guiomar González que desde o primeiro momento expõe sua trajetória, os desafios e a necessidade de batalhar para conquistar seu espaço, alguma visibilidade como trabalhadora; A Dançarina da Liberdade, pois Nexy Guzmán, além de escolher a Praça da Liberdade para a sua gravação, fala sobre a importância da leveza de movimentos no enfrentamento dos momentos difíceis e de como a alegria e a liberdade a ajudam a bailar pela vida; A Irmã e O Pai, Alisson e Gerald, referem-se à nomeação que Alejandro, O Filho, concedeu à família, no primeiro momento de contato com os migrantes. Mesmo que Alejandro Canelón tenha ficado indisponível para os encontros aos sábados,

Alisson e Gerald, se apresentaram com a irmã e o pai de Alejandro. A mãe sem a filha (2024). Maria Esther Figueroa, em toda a sua narrativa, é tomada pela falta da filha, que havia falecido na Venezuela, e em sua fala emerge como a morte foi determinante para a travessia para o Brasil. Maria Esther, menciona inúmeras vezes o sofrimento também de Armando, seu marido, também sem a filha. Um jovem casal se identificou como namorada e namorado, Ángela e Eric, quando se apresentaram e manifestaram o interesse em participar da pesquisa e das gravações. Saúl González, o mais jovem do grupo de participantes da pesquisa, menciona e ressalta sua proximidade com a cidade e com o estado em toda a sua fala, valorizando a receptividade encontrada e sua capacidade de adaptação ao jeito de ser do mineiro.

A posteriori, foi identificada a importância de traçar um panorama do cenário sociopolítico da Venezuela, para relacionar as falas sobre as condições de moradia, empregabilidade, educação e direitos.

Como as narrativas (auto)biográficas foram, geralmente, construídas pelos migrantes de forma espontânea, sem a participação de uma entrevistadora, as gravações trazem o encontro do migrante consigo mesmo. Há experiências e vivências que não são expostas ou seccionadas em categorias metodológicas. A dificuldade em compartimentar a análise e esquadrihar e dividir por temáticas e assuntos mais recorrentes diz respeito à interrelação de cada tema abordado, de cada experiência que se conecta à outra, em cada gesto, em cada detalhe. Um atravessamento de temas constantes nas gravações audiovisuais, que, principalmente une as experiências dos migrantes, preservada a subjetividade e singularidade de cada sujeito.

As lacunas existem. As trajetórias são potentes e emocionantes. A riqueza e a expressão singular de cada sujeito nas narrativas (auto)biográficas não cabem em 166 páginas.

Na busca pelas marcas que emergem nas narrativas (auto)biográficas, de forma fragmentada e entrecortada, a análise compreende o dizer e o não dito, os silenciamentos, as repetições e as falas sobre a família, a política interna do país de origem, as relações de parentesco e amizade anteriores ao deslocamento, as comidas, à cultura e o exercício e a prática cotidiana da língua materna, a travessia em si, e o estranhamento, as incertezas com a nova cidade e o novo país, a nova língua cotidiana.

O migrante inicia a fala sobre si mesmo, percorre suas relações familiares e de amizade e perpassa as condições vivenciadas na Venezuela. A fala entrecortada por risos, suspiros, choros e silêncios é retomada em um encontro consigo mesmo.

Desde o descaso e a falta de garantia dos direitos básicos no país de origem, aos desafios com a travessia fronteiriça e a busca pela consolidação de uma nova vida no país de

acolhimento, o desrespeito, as reivindicações, o agradecimento e as conquistas estão presentes nas narrativas.

Cada excerto de narrativa, entre falas, silêncios, risos, gargalhadas, suspiros e silêncios são pequenas extrações, mas recortes definitivamente significativos, da experiência do sujeito migrante. A união destas experiências narradas traz, de certa forma, uma incompletude, uma exposição do sujeito em que abarca muito mais questionamentos que respostas, ao conciliar aspectos subjetivos e outros históricos e conceituais.

É importante ressaltar que as narrativas transcritas não estão em sua totalidade neste escrito. Alguns trechos, depois de transcritos e traduzidos, não compõem o texto final. As transcrições que fariam parte do apêndice, estão incorporadas ao manuscrito final, intencionalmente, politicamente, para que as narrativas não virassem somente uma parte acessória à dissertação. A transposição para o texto final está pautada nas reiterações e nos momentos que antecederam e sucederam as pausas, os risos, as gargalhadas e momentos de grande emoção, aliados às temáticas sobre a (in)visibilidade dos sujeitos-migrantes.

A luta contra o apagamento e o silenciamento dos migrantes venezuelanos encontra algum respaldo em instituições como a PUC Minas e o Projeto Ler, na Universidade de Brasília e suas pesquisas sobre as migrações, nas organizações internacionais em operação no Brasil e também nos coletivos e associações, que mantêm um vínculo de afeto com a população recém-chegada ao Brasil, com os sujeitos que adotam cidades como Belo Horizonte como local de moradia. Os coletivos incentivam e valorizam a convivência entre eles e a luta pela garantia dos direitos dos migrantes.

A dificuldade em compartimentar a análise e esquadrihar e dividir por temáticas e assuntos mais recorrentes diz respeito à interrelação de cada tema abordado, de cada expressão que se conecta à outra. Um atravessamento de temas constantes nas gravações audiovisuais. O migrante inicia a fala sobre si mesmo, percorre suas relações familiares e de amizade e perpassa as condições vivenciadas na Venezuela. A fala entrecortada por risos, suspiros, choros e silêncios é retomada em um encontro consigo mesmo. Desde o descaso e a falta de garantia dos direitos básicos no país de origem, aos desafios com a travessia fronteiriça e a busca pela consolidação de uma nova vida no país de acolhimento, o desrespeito, as reivindicações, o agradecimento e as conquistas estão presentes nas narrativas.

Tanto as transcrições das narrativas como os excertos utilizados como citação das falas dos migrantes, estão sinalizados com o nome dado para a identificação de cada um e o ano 2024, quando ocorreram as gravações, para orientar o leitor durante a leitura de todo o texto.

A você, leitor, um convite à leitura, à aproximação com o sujeito migrante.

Um convite a se encontrar, a se ver, se enxergar e se ouvir.

Também você, ao praticar a leitura deste escrito tem, nesse ato, a possibilidade de conhecer melhor a si mesmo. De aproximar de si e do outro. As narrativas gravadas pelos próprios migrantes foram transcritas e traduzidas pela pesquisadora e inseridas como parte integrante deste texto, não como apêndice, mas como constitutivas da essência narrativa e textual da pesquisa. Alguns trechos das falas dos dez migrantes venezuelanos foram selecionados e incorporados como citações, afinal, são autores de suas próprias vidas e têm reflexões que trazem, além do conteúdo original e inédito, o enriquecimento e o embasamento que legitimam a construção das argumentações ao longo desta jornada textual, a dissertação.

Como lembram Matos-de-Souza (2022b) e Ricoeur (2011), para a transformação em texto desta jornada acadêmica, que se tornou também uma jornada escrita, é preciso se distanciar, vivenciar uma experiência quase esquizofrênica, com um olhar ao largo, e, se aproximar, se apropriar e compreender-se diante do texto.

A você, leitor, que se distancie, se aproxime e se aproprie. Compreenda-se.

Interpretação é, ao final, para Ricoeur (2011), um ato de autocompreensão. A apropriação no sentido proposto pelo autor conduz o leitor a uma hermenêutica de si, uma forma de análise pelo sujeito de sua existência, ao inserir no modo como se vê outros conceitos e outros mundos possíveis como horizonte de possibilidade para existir (Matos-de-Souza, 2022b, p. 35)

Que estas narrativas (auto)biográficas conduzam você pelas jornadas de cada migrante e se tornem também um ato de autocompreensão.

1.1 Tessituras dos anseios, angústias e conquistas da narradora – do real ao virtual

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.
Guimarães Rosa

De forma (auto)biográfica, a trajetória pessoal tecida ao longo dos anos é rememorada. Permeada por anseios, angústias e também conquistas. Os caminhos que anteriormente eram construídos e sedimentados por lugares físicos, cada vez mais é percorrido em ambientes virtuais com as possibilidades tecidas pelas novas tecnologias.

Olhar para o passado recente é dar início à uma caminhada reversa. Afinal, como Guimarães Rosa (1994, p. 132) bem expressa “tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe”. Também é reviver os fatos mais marcantes, aqueles que também estão mais frescos nas lembranças e, paulatinamente, vasculhar

a memória para redescobrir sonhos, desejos, fronteiras, barreiras e conquistas. Como Rosa escreve, “O que lembro, tenho” (p. 260).

Nessa trajetória se integram ambientes físicos e virtuais. Lugares e não-lugares (Augé, 2006) abrangem, para além das moradias, ambientes físicos e virtuais de estudos e de trabalho em *home office*, lugares do mundo como Lisboa, Loulé, Faro e Sines em Portugal, Berlim e Frankfurt na Alemanha, Helsinki na Dinamarca, Oslo na Noruega, Estocolmo na Suécia, e em várias cidades do interior da Letônia, Lituânia e Estônia, em Brasília, São Paulo e Belo Horizonte no Brasil, em jornadas e deslocamentos constantes pelo mundo e em inúmeros espaços não geolocalizados no mapa utilizados para as experiências vivenciadas ao longo dos últimos anos.

Paredes, tetos e chão. Muitos lugares.

Rios, lagoas e mares, muitos, bem distantes.

Mais recentemente para a conexão com o ambiente virtual, a vida passou a acontecer também em ambientes físicos como o escritório, dependências residenciais, a sala de trabalho, salas de espera de aeroportos, durante deslocamentos em qualquer meio de transporte, utilizados para conectar com o mundo. Em tempos inabitáveis (Virilio, 2009), onde a informação e os fatos estão *online*, a vida passa a acontecer *online*, mas também *offline*, síncrona e assíncrona, para a conexão com o outro e com o mundo.

Neste palco, as cenas vão se avolumando de forma não-linear, e as novas conexões reativando relações e conectando uns aos outros. Novos atores entram em cena e contracenam para tecer novos processos comunicacionais em espaços de ruas e de não-lugares (Augé, 2006), mesmo com as barreiras que as diferentes línguas impõem. Culturas diferentes, línguas diferentes em espaços de encontros e desencontros de corpos em movimento.

O idioma espanhol e o português, são diferentes, e de alguma outra forma eu tinha que me comunicar. Isso tirou o medo um pouco de mim. Eu tinha muito medo de fazer coisas simples como perguntar pra uma pessoa o nome de uma rua, sei lá, qualquer coisa (A irmã, 2024).

O tempo escasso induz cada vez mais aos recursos tecnológicos e à uma vida *online* e acende a expectativa por relações virtuais, seja no âmbito familiar, profissional ou pessoal. Estas facilidades e oportunidades de encontrar o outro virtualmente contribuem significativamente para o entrelaçamento nas redes. Rosa (2001, p. 131) busca a essência da troca presencial no encontro entre sujeito e o outro, quando escreve “Eles se disseram, assim eles dois, coisas grandes em palavras pequenas, ti a mim, me a ti, e tanto. Contudo, e felizes, alguma outra coisa se agitava neles, confusa - assim rosa-amor-espinhos-saudade.”

Ah, a saudade...

A falta de tempo que impede encontros presenciais sistemáticos e constantes, impele à atividade no ambiente virtual. Nas redes, pressupõe-se que há participação efetiva dos dois lados, entre quem posta e quem lê, entre quem produz conteúdo e que consome conteúdo. Cair na rede, muitas vezes, é submeter-se a um monólogo, para se desnudar, discorrer sobre os anseios, dúvidas e questionamentos. E o outro, muitas vezes, limita-se às leituras rápidas e a um correr de olhos superficial e, quando muito, conceder um clique para curtir ou interagir com o outro.

Nas redes, a comunicação se transmuta. A interação, possibilitada por dispositivos móveis individualizados, é, quase sempre, solitária. Novas formas de interlocução se alinham entre os atores envolvidos no processo, cada vez mais refêns de ferramentas tecnológicas. Emissores e receptores, produtores e consumidores, tornaram-se dependentes de um tempo cada vez mais escasso. E, em sentido diametralmente oposto, a interação virtual exige um tempo cada vez maior de permanência nas redes. Olhos e dedos cada vez mais próximos dos *smartphones*.

[Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente - o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor (Rosa, 1994, p. 438-439).]

Na contemporaneidade, a individualidade se amplia e é preciso se apropriar de suas próprias trajetórias. A história não era vivida ou vivenciada imediatamente por quem não estivesse in loco, como testemunha ocular de fatos. Diferentemente de algumas décadas atrás, hoje, o que o poderio econômico quer que seja noticiado, é transmitido ao vivo e em cores, online, para boa parte do mundo, in real time. Instantaneamente.

As experiências também foram transmutadas. As manifestações virtuais mobilizam, julgam, interferem, transformam o mundo e se transformam.

E é a partir da trajetória pessoal, enredada nas redes, embaraçada nas tessituras dos anseios, angústias e conquistas de um caminho percorrido pelo mundo, entre migrantes e nativos em cada cidade nos mais diversos países, ao longo dos anos - do real ao virtual, que esta investigação é concebida e gestada, originada entre momentos presenciais e virtuais e em constantes deslocamentos.

Sou mais que uma migrante, sou uma cidadã do mundo! E reconhecer-me como uma cidadã do mundo, me permitiu sentir que pertença ao lugar onde eu quero ou vou estar ou ao lugar onde eu esteja (Cristina La Rosa, 2024)¹.

Aqui encontram-se a síntese e os fragmentos de conexões, de narradoras e narradores que se embaraçam nas ruas e nas redes, em lugares e não-lugares, sem fronteiras fixas, em constantes deslocamentos.

1.2 Tessituras de outros narradores – do físico ao digital

Os anseios vivenciados neste período de imersão em estudos e pesquisas por áreas distintas como a comunicação, o direito, as ciências sociais e políticas esbarram na construção de novos conhecimentos acerca dos processos migratórios no Brasil. Os primeiros contatos e convivência com pessoas oriundas de diversos países e a possibilidade de unir estes novos conhecimentos aos já ameados em décadas de dedicação ao audiovisual ao longo da trajetória profissional, aquietaram a alma, mas não o coração, e deram lugar à expectativa por esta união.

Ao desencadear novos sentimentos, a investigação veio também imbuída pela inquietude e, muitas vezes, indignação. A pesquisa estava pautada na investigação sobre as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas e se estas marcas possibilitam a compreensão sobre a (in)visibilidade de sujeitos-migrantes. Aprofundando um pouco mais nos objetivos, especificamente, visava identificar as marcas e a imagem de si nas narrativas (auto)biográficas, os processos de (in)visibilização e (hiper)visibilização das vidas em movimento; distinguir as possibilidades que os meios transmídias oferecem para operar como instrumentos narrativos; evidenciando as narrativas (auto)biográficas dos sujeitos-migrantes como instrumentos de compreensão da experiência e do processo de vulnerabilização das vidas em movimento; e ainda, posteriormente, disponibilizar os conteúdos audiovisuais frutos da investigação para a disseminação pública das narrativas (auto)biográficas, com exibição pública em lugares improváveis e invisíveis, como corpos em movimento, e em superfícies estáticas e concretas como paredes e laterais de edifícios, como também em canais de *streaming* ou abertos de rádio e televisão e em mostras e exposições.

¹ Para facilitar a identificação dos dados coletados, os recortes do corpus serão apresentados em destaque tipográfico, contrastando com o restante do texto e com as citações de autores já publicados.

A questão de investigação formulada para a qual se buscou uma resposta é: *As marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre os processos de (in)visibilidade das vidas de sujeitos-migrantes?*

Na busca por uma resposta, a caracterização do cenário e dos sujeitos da pesquisa levam em consideração que a investigação, inicialmente, foi concebida e realizada com e para pessoas em deslocamentos geográficos com interesse concentrado no crescente número de pessoas oriundas da Venezuela que migraram para o Brasil, e, foram para a cidade de Belo horizonte, Minas Gerais.

O percurso metodológico tem como base a análise das narrativas de sujeitos migrantes, por meio de relatos orais e imagéticos concedidos em gravações, com dez sujeitos-migrantes venezuelanos e um haitiano, que se tornou um caso à parte, além das pesquisas documentais, bibliográficas e informações demográficas e populacionais e históricas.

A natureza respeitosa das abordagens e a aquiescência do sujeito-migrante para a criação conjunta e colaborativa de registros imagéticos e sonoros em narrativas (auto)biográficas é determinante para a existência das conversas e de diálogos horizontalizados. A proposta de desenvolvimento de um percurso colaborativo e baseado em encontros sistemáticos têm como sustentação o recurso de registro, transcrição, leitura, análise, reflexão e revisão dos conteúdos das narrativas (auto)biográficas.

O fazer científico requer novas posturas e novas estratégias para enfrentar o desafio de uma pesquisa em um mundo globalizado, complexo e orgânico. Entre encontros e desencontros busca por respostas e a formulação de novos questionamentos, ajudaram a compreender os processos da vida contemporânea, marcados pelas incertezas e incompletudes de um sujeito atravessado pela subjetividade e em constantes deslocamentos.

Mesmo com a utilização de procedimentos de pesquisa qualitativa como a definição de sujeitos, incursão no campo de pesquisa, entrevistas, coleta e seleção e construção de dados, é a narrativa (auto)biográfica que proporciona novos dispositivos metodológicos.

Os procedimentos metodológicos foram definidos para alcançar os objetivos específicos deste trabalho. A observação e o acompanhamento das abordagens nas ruas, a gravação em áudio e vídeo, a seleção e categorização possibilitam uma primeira organização e principalmente uma aproximação e identificação com as narrativas colhidas.

Estes procedimentos também permitem a identificação do uso de instrumentos linguísticos, da incidência de repetições, das situações recorrentes, como também traz a percepção de como se dá a dinâmica entre sujeito-migrante e suas próprias narrativas.

A manutenção e acervo das gravações registradas permitiram que as narrativas fossem revistas periodicamente possibilitando releituras. Como forma de sistematizar as informações, a transcrição de todo o texto, inclusive com *hiperlinks* para posterior conferência, abrigou outras informações relevantes para a pesquisa, como data e local de algumas gravações que foram realizadas em dias e horários diferentes com e pelos migrantes.

Simultaneamente ao registro das informações constitutivas da pesquisa, e para além da documentação do cotidiano, as impressões e observações também estão presentes no documento que apresenta tanto um “caráter descritivo-analítico”, como também um caráter “investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas”, ou seja, consiste em “uma fonte inesgotável de construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento profissional e do agir através de registros quantitativos e qualitativos”, segundo Lewgoy e Arruda (2004, p. 123-124).

Num segundo momento, o registro das informações amalhadas e documentadas tornam-se fundamentais para o processo de construção da análise. E, por meio do olhar observador, da leitura minuciosa, da releitura das narrativas do migrante é possível perceber a singularidade nas narrativas e como a vida em movimento se revela em várias manifestações.

Se inicialmente, a opção era trabalhar com um maior número de pessoas, o curso da pesquisa sinalizou que a análise das narrativas de 10 sujeitos-migrantes venezuelanos, já possibilitaria extrair informações necessárias para a investigação, pois as falas são profundas, complexas e raramente curtas. Não foi realizada uma entrevista estruturada, não tem uma listagem de perguntas, é muito mais um processo dialógico horizontalizado em que a conversa se desenvolve a partir da busca pelas lembranças do passado, as constatações do presente e os desejos e anseios que espreitam o futuro para uma gravação de si. Para Virilio (2009), com a velocidade da luz há um tempo acidental, um instante que não participa nem do passado e nem do presente, que é inabitável pelos sujeitos na contemporaneidade. Um tempo ínfimo, instantâneo, o tempo do reflexo e não da reflexão, com a aceleração do real e da realidade, um tempo instantâneo, um tempo inabitável.

A interlocução com os migrantes busca este processo de construção dialógica, onde a reciprocidade de observações possa ser apreendida e o migrante se manifeste e se considere sujeito-pertencente à pesquisa, e não sujeito-objeto.

A investigação se dá sobre e com a população migrante no Brasil, na capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, onde a migração tem aumentado substancialmente. Estado da Região Sudeste do Brasil, Minas Gerais está a quase 5 mil Km de Boa Vista, a capital do estado de Roraima e principal porta de entrada de migrantes venezuelanos no país, e a mais de

6 mil km de distância da capital da Venezuela, Caracas. Mesmo assim, situada de forma central no Brasil, é crescente o número de migrantes na capital do estado oriundos de vários países e, a cidade de Belo Horizonte, alcançou, em outubro de 2023, mais 24 mil migrantes (OIM, 2023, n.p.).

A mim, me encanta Belo Horizonte, me encanta o Brasil. Eu gosto das pessoas que são daqui. Não sei se porque me deram a oportunidade de ser como eu sou, ou se porque aceitaram como eu sou. Para mim, dá no mesmo. Eu creio que é isso (A dançarina, 2024).

Cheguei em 7 de janeiro de 2020 na Casa do Imigrante da Boa Viagem (BH/MG), que era organizado pelos Serviços Jesuítas, e nós tínhamos que ficar ali até encontrar trabalho e lugar para morar, por 4 meses. Eles fizeram o meu currículo, e outras questões para eu poder trabalhar. Comecei a procurar trabalho... (A batalhadora, 2024).

Eu cheguei ao Brasil com expectativa de continuar meus estudos e trabalhar (Saúl, 2024)

A investigação foi idealizada como um processo a ser construído parcialmente em forma física, com dissertação escrita e parcialmente em transmídia, com conteúdos sonoros, gráficos e audiovisuais.

A parte física compreende 165 páginas divididas entre os elementos pré-textuais como a capa, folha de rosto, folha de aprovação, resumo e palavras-chave, *abstract* e *Keywords*, lista de tabelas, imagens e siglas e sumário, apêndices e uma introdução que aborda a temática, questão-problema, objetivo geral e específicos e justificativa.

O texto traz um delineamento do percurso metodológico, e apresenta, além da definição do objeto, do problema e do corpus da pesquisa, as fases exploratórias e de observação, a descrição e interpretação, os dispositivos de análise das informações e perspectivas.

Também compõe o corpo da dissertação o embasamento teórico, o histórico, o cenário, a contextualização do problema e a descrição dos conceitos fundamentais para o desenvolvimento do estudo, o desenvolvimento da investigação. Desenvolver, significa também realizar a correção de rumo e o aprimoramento a partir do levantamento e leitura da literatura, elaboração e execução de etapas metodológicas, elaboração, envio e recebimento da cessão de autorização, observação, encontros e desencontros com os migrantes, análise das informações amealhadas, reflexão e considerações acerca dos estudos, elaboração, reflexão e redação de dissertação com a busca pela resposta e o encontro de novas indagações. *A posteriori*, a devolutiva para as comunidades envolvidas com a população em situação de vulnerabilidade, especificamente formada por migrantes que atuam e acompanham cada passo da investigação. No encerramento da dissertação estão relacionadas as referências bibliográficas, um apêndice referente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE),

e a transcrição de trecho das falas de venezuelanas, venezuelanos e haitianos participantes de todo o processo.

A parte digital é composta por conteúdos transmídias compreendendo conteúdos audiovisuais, vídeo poemas concretos e conteúdos sonoros.

A tecnologia e os meios utilizados, de forma integrada, funcionam como dispositivos de atração, compreensão, interação e engajamento em que cada meio explorado em seus elementos e especificidades para proporcionar a melhor contribuição para a expansão da história que vem das ruas (Guimarães Leite, 2023, p. 33)

O processo de encontros e desencontros com a população migrante, sempre nos fins de semana, durante quatro meses de 2024, possibilitaram o recolhimento de valorosas narrativas (auto)biográficas em escrita, gravações audiovisuais e em áudio e resultaram na produção dos conteúdos transmídia.

É possível identificar que o processo exploratório transmídia poderá contribuir para ampliar a interação do público, com cada meio contribuindo de forma única para o sistema narrativo como um todo. Para Jenkins, os meios não mais competem entre si, e sim cooperam, incentivando que o público busque experiências de engajamento onde desejam (Gosciola; Irigaray, 2021, p. 72).

Algumas das marcas mais visíveis e reincidentes nas narrativas (auto)biográficas são os desejos comuns pela busca por um lugar que não seja de passagem. A cada narrativa, uma imagem de si, mas também um mosaico de imagens do país de origem, uma colcha com retalhos esgarçados, memórias fortes e incisivas que reconstroem a imagem do país de nascimento e constroem sentimentos de gratidão ao país de acolhimento. Graças a essas narrativas, torna-se possível re-criar e representar as identidades nacionais (étnicas, religiosa, etc.) ou outras formas de subjetividades relacionadas à etapa anterior ao processo migratório. (Cavalcante; Militão, 2016, p. 117).

Eu digo de mim mesma que quero conhecer outras pessoas, outras mulheres, que quero ser mais alegre e falar mais sobre a vida. Quando a gente segue dançando, rindo, muda a forma de ver os problemas (A Dançarina, 2024).

Nos diversos encontros com a população migrante em Belo Horizonte – Minas Gerais, algumas emoções profundas afloram, independente do recurso ou meio de comunicação para a expressão.

Para Riolfi e Andrade (2016, p. 525), escrever é ação análoga à do ouvires que, artesanalmente, trabalha, modela e refina a peça que quer criar. A escrita pode se configurar

como um poderoso dispositivo de transformação da relação que a pessoa estabelece com sua palavra, a condição de que aquele que escreve não se limite a encarar o ato de escrever como o cumprimento de uma tarefa burocrática. Paralelamente à escrita, a fala também traz a inscrição do narrador, do oleiro e do ourives. Nas falas, no choro contido ou no choro convulsivo, com os olhos marejados ou inundados, a voz embargada e os gestos sôfregos alguns conceitos estão presentes como marcas fundantes da imagem de si nas narrativas (auto)biográficas. As travessias e os deslocamentos estão sinalizados e profundamente vinculados em cada migrante.

Falar sobre mim para mim mesma, me ajudou a conhecer um pouco mais a mim mesma e sobre mim. Já me conhecia, e sigo em frente... (A dançarina, 2024).

Tenho 22 anos e já tem quase seis anos aqui no Brasil. Eu vejo as duas Alisson... A Alisson da Venezuela, adolescente e ainda começando no ensino médio, sem saber realmente qual seria o futuro dela. E agora eu vejo a Alisson no Brasil, muito mais desenvolvida... (A irmã, 2024)

Sáimos para descobrir muito mais do que somos. Muito mais do que esta definição que temos. Isso me permitiu saber e reconhecer-me em qualquer espaço (Cristina La Rosa, 2024).

A memória traz o sofrimento e também a alegria, sem revitimizar, mas com a possibilidade de se conscientizar e dar o devido lugar ao que não se cura com o tempo. Ficam sempre marcadas nas narrativas (auto)biográficas a saudade, a falta da família e de amigos, e a distância que não é medida em números, mas em letras que compõem os nomes daqueles que não estão por perto. Há o presente, marcado por sentimentos de gratidão pelo acolhimento de agentes sociais e de instituições do novo país e pelo trabalho voluntário de inúmeras pessoas desconhecidas que se tornam mais que amigos e se tornam a nova família de cada migrante.

Há o antes, a travessia, o agora e o futuro.

2 A REINVENÇÃO DE SI

2.1 A imagem de si nas narrativas digitais: entre o real e o impossível

*Narrei ao senhor.
No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu,
a minha verdade.
Fim que foi.
Aqui, a estória se acabou.
Aqui, a estória acabada.
Aqui, a estória acaba.*

Guimarães Rosa

As narrativas passaram a fazer parte das atividades cotidianas dos sujeitos embaraçados nas redes. Narra cotidianamente, publicamente, para uma infinidade de outros. Para Benjamin, (1987, p. 201) o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes. Para Bauman (2001, p. 145),

A instantaneidade (anulação da resistência do espaço e liquefação na materialidade dos objetos) faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que se pode ser extraído de qualquer momento – por mais breve e “fugaz” que seja.

Faz parte do consumo diário uma infinidade de postagens nas redes sociais que compreendem informação, notícias, piadas, frases de efeito, vídeos, fotografias e escritas pessoais, que propiciam a publicação e difusão destes conteúdos próprios, destas narrativas cotidianas compartilhadas com o outro.

Os textos escritos a partir de dispositivos móveis como *tablets* e *smartphones* abarcam boa parte do que se escreve diariamente. O efeito de mídias sociais como Facebook, Instagram, X, entre outras têm implicações potencialmente profundas onde os sujeitos passam de consumidores a produtores de conteúdo e podem ser editores, criadores e distribuidores de conteúdo. Como criador de conteúdo próprio, o sujeito encontra nas redes sociais um espaço profícuo para receber as narrativas digitais.

Se há a publicação de reportagens, de conteúdos informativos e material de interesse público, há também as situações comuns e rotineiras que se transformam em eventos extraordinários e merecedores de compartilhamento com o outro.

A vida conectada do sujeito, inicia geralmente, ao som do *smartphone* programado para despertar cinco ou seis vezes, com espaços de apenas alguns minutos entre a primeira e a última

programação. Depois de exercer a função despertador o aparelho é abruptamente levado para a cama. Os olhos que ainda brigam para se manter abertos se voltam para a tela luminosa da pequena máquina. A vivacidade desperta. Os dedos e os olhos percorrem a tela em uma busca incessante por novidades. Deslizam para cima para saber o que ocorreu no último segundo e depois vertiginosamente para baixo para se certificar que nada foi perdido. Nem o sono, os sonhos ou as atividades rotineiras concorrem com esta profusão de informação e sensação despertadas pelo pequeno aparelho. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada (Larrosa, 2002, p. 23).

O sujeito se agarra e não se desprende durante todo o dia do smartphone que possibilita ver e ser visto, narrar suas experiências e compartilhar a experiência do outro. Ainda que conscientemente saiba dos limites necessários para uma conectividade segura e saudável, a realidade que se apresenta é diferente. Ultrapassa os tempos disponíveis, e se rende cada vez mais aos desejos de novas narrativas e novas conexões. Narra ao mundo o que pensa, o que faz. As marcas do sujeito estão presentes. Nas narrativas digitais há gritos que podem se tornar ensurdecedores, há as exclamações alarmantes.

O espaço real é substituído pelo espaço virtual. Se há ganhos e economia de tempo e espaço, esta mesma aceleração de tempo e espaço traz respostas imediatas ao sujeito cada vez mais individualizado e solitário.

Os pequenos diários renovados repetidas vezes revelam marcas que constituem o sujeito, e, estas marcas permanecem, apesar dos inúmeros instrumentos disponíveis para correção ou para rever e alterar o que já foi escrito e postado. A exposição está lá, acessível aos navegantes virtuais.

Além de ver, ouvir, rir, outras ações e verbos como o curtir e comentar passaram a ser atos repetitivos e incorporados ao cotidiano. Estes verbos alcançaram uma nova dimensão nas mídias sociais, como também surgiram figuras e ícones, como *emojis*, *stickers* e *gifts* para expressar sentimentos que constituem uma nova alfabetização no mundo digital. Muitas vezes são escritas frases soltas, despedaçadas. Textos curtos. A economia da escrita busca a velocidade na interlocução. Textos fragmentados e breves. Incompletos. Os textos escritos nas mídias sociais e endereçados ao outro encontram novos significados por quem os lê.

A exposição para a lista de amigos encontra milhões de visitantes virtuais. Institui-se, pela ferramenta, a impossibilidade do silêncio virtual. Contra ou a favor, todos se sentem compelidos a se posicionar. Dificilmente ficam indiferentes a uma nova postagem. A

instantaneidade se impõe. O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido (Orlandi, 1995)

Algumas postagens trazem escritos de outros usuários, (re)postagens ou *colabs* do que consideram interessante ou relevante para apresentar à sua lista de amigos. Outras, são os textos próprios. As postagens podem ser curtas, monossilábicas, com ou sem interferência de pontuação e alimentam a rede social. O sujeito posta sobre as inúmeras experiências, mesmo as situações comuns e rotineiras, como merecedoras de compartilhamento.

As narrativas nas redes sociais buscam eternizar a instantaneidade das experiências vivenciadas. Delory-Momberger (2012, p. 279) afirma que “a narrativa não é a vida: ela seleciona, orienta, ordena, reúne, projeta segundo uma lógica *a posteriori*, que é a do locutor no momento de sua narração”. O esplendor ou a mesmice de um lugar, de uma passagem, do não-lugar, cunhado por Augé (2012), são objetos de descrições minuciosas. Os textos também exaltam, além dos espaços físicos e geográficos, as necessidades básicas como a alimentação. O sabor do café da manhã, do almoço ou do jantar são expostos e são retratadas as delícias de cada alimento, de cada composição estética dos pratos, de cada ‘gourmetização’ alimentar.

Cada nova experiência é merecedora de uma nova, ou de várias novas postagens. Por onde anda, passeia, viaja, o que come, o que faz, o que sente. “O narrador reconstrói as etapas e os acontecimentos de sua vida e lhes dá a coerência que eles não tiveram” (Delory-Momberger, 2012, p. 279). A cada acontecimento, uma narrativa renovada e o cotidiano passa a ser exposto minuciosamente e largamente adjetivado, do privado para o público.

Ao escrever, o sujeito se inscreve e endereça sua fala ao outro. Para Benjamin (1987, p. 213) quem escuta uma história, está em companhia do narrador; mesmo quem a lê, partilha desta companhia.

Benjamin (1987, p. 221), questiona se a relação entre o narrador e sua matéria — a vida humana - não seria ela própria uma relação artesanal se não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência — a sua e a dos outros. É o sujeito detentor deste dom, desejante, barrado pela castração, que fala de si a tantos outros, conhecidos ou desconhecidos que o acompanham e partilham desta companhia. Partilham e muitas vezes, compartilham.

Me encanta ser como uma menina de 15 anos. Não tem que ser amargurada, ser séria. Tem que ser alegre, dançar, conversar, e me acham diferente por isso. Esta sou eu: uma menina dentro de um adulto. Esta sou eu! (A dançarina, 2024).

É a melhor experiência da minha vida, conhecendo muitas pessoas e a cultura fazendo parte de mim nesta trajetória que tenho aqui no Brasil (Saúl, 2024).

Hoje eu me sinto feliz! Ainda que o processo não é (seja) fácil. Mas eu sinto que eu estou conseguindo esta felicidade que eu tanto queria conquistar no meu país (A irmã, 2024).

Nas narrativas dos migrantes a imagem de si não traz as melhores poses, os melhores ângulos ou a “melhor versão de si”, como se encontra nas redes sociais. O sujeito-migrante se desvela em sua fala e na *práxis* da gravação de si mesmo. Deslocando o espaço real para o digital, há também um desvelamento em narrativas, seja em escritos, vídeos, áudios ou outras formas de se manifestar. O sujeito se expõe.

2.1.1 A imagem de si e o autorretrato

Quando o olhar se volta às páginas das mídias sociais e os dedos deslizam o cursor pelo *feed* de notícias, a profusão de imagens é grande. É possível convocar a psicanálise para refletir sobre este sujeito que nela habita e navega.

Dentre as postagens mais rotineiras destas páginas estão as fotografias clicadas e os vídeos curtos para serem imortalizados, eternizados pela máquina que a suporta e a disponibiliza para o mundo.

Ao criar um perfil de relacionamento nas mídias sociais, o sujeito transita entre a vida cotidiana real e a virtual. Novas reconstruções de si vão se alinhavando, fragmentadas e renovadas, e se entrelaçam na constituição do perfil de cada um no palco digital.

Nas páginas salta aos olhos a proliferação da *selfie*, ação de fotografar a si mesmo, ou autorretrato instantâneo clicado com um celular que possua uma câmera acoplada e realizada pela pessoa que aparece na própria fotografia. O usuário se rende e se mostra nas redes por meio da *selfie*.

Mais que o conteúdo postado, as fotografias desvelam o que e como o sujeito se revela. Muitas vezes, o ato de se mostrar e exibir suas qualidades próprias, a busca por admiração, a valorização da aparência, a exposição de si, apontam traços da cultura narcisista e da busca pelo elogio e pelo reconhecimento do outro. Na psicanálise, o narcisismo não é considerado uma patologia. Por referência ao mito de Narciso, é o amor pela imagem de si mesmo, segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 287).

Ao postar, o sujeito que se expõe, vai imprimindo também as marcas de sua história, da sua singularidade, permeada por marcas distintas, desejos e saberes. Freud (1974, p. 107) indica caminhos que levam à escolha do que uma pessoa pode amar em conformidade narcisista, “(a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.” Nas escolhas do que postar de si mesmo,

figuram as poses mais bonitas, os melhores ângulos do rosto e do corpo e a tentativa de sorrisos mais autênticos para solidificar uma imagem de si, do que é, do que foi, do que gostaria de ser. A escolhas das imagens e escritas privilegiam o belo e a perfeição. As *selfies*, fotografias de si mesmo, em posições cada vez mais inusitadas e diferentes, revelam o que e como o sujeito se apresenta para os muitos outros conectados. A constância na postagem de novas *selfies*, além das poses, dos ângulos que privilegiam o que o sujeito quer mostrar, revelam mais do sujeito que as próprias fotografias. As fotografias, pouco espontâneas, geralmente são produzidas para apresentar ao Outro como o sujeito quer se mostrar: caras e bocas, expressões, gestos, enfim, a cada pose um espetáculo próprio.

Birman (2001, p. 167) realça esta espetacularização imagética quando afirma que na cultura da estetização do eu, “institui-se assim a hegemonia da aparência, que define o critério fundamental do ser e da existência do eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica”.

Para Augé (2006), o mesmo não lugar que possibilita a circulação dos sujeitos simultaneamente, também transforma o espaço em um espetáculo imagético, do qual não se pertence, mas que o sujeito é espectador. Para o autor, não há mais análise social que possa fazer economia dos indivíduos, nem análise dos indivíduos que possa ignorar os espaços por onde eles transitam (Augé, 2012, p. 110).

As *selfies* são um espetáculo à parte e como a escrita sobre si são instrumentos para garantir lugar de destaque nas redes. São os próprios usuários das redes sociais que mantêm as plataformas vivas, com as postagens próprias ou compartilhamentos de fotografias, vídeos, ilustrações, reportagens ou escritas digitais.

Quando um migrante se depara com a *selfie* há um encontro consigo mesmo. Diferentemente das poses para extrair os melhores ângulos perpetuados pelos *smartphones*, ocorre uma reconexão consigo, num primeiro momento, imagético.

Silêncio.

Suspiros cada vez mais profundos.

Soy Yo! (Sou eu) (Nexy Guzmán, 2024)

Silêncio.

Pausa.

Ao se ver estampado na pequena tela, ao se reconhecer como sujeito, sem as amarras do processo migratório, sem que a nacionalidade venha à tona, é o sujeito que se desnuda. As expressões se alternam. Primeiramente os contornos do corpo ocupam o foco e a preocupação do migrante.

A venezuelana Cristina Carolina La Rosa que havia escolhido o banco do pátio da universidade para gravar sua narrativa, se aproxima do banco amarelo. Ela se senta e se ajeita no banco, segura com firmeza o *smartphone*. Na dúvida, questiona se há algum problema se a filha aparecer na gravação. Claro que não! A orientação é para conduzir com autonomia e independência, conforto e a espontaneidade, e, se a filha naquele momento queria ficar perto da mãe e a mãe, da filha, o cenário já estava composto para a gravação de Cristina Carolina La Rosa, a venezuelana que veio para o Brasil há seis anos.

Porque quando decidimos sair do mais país, ou quando eu decidi sair do meu país, eu senti que estava abandonando algo, que estava deixando tudo o que eu era... Mas sair do meu país também me permitiu descobrir que somos mais que isso e que é uma carga muito pesada de ter na mochila... não abandonamos nada (Cristina La Rosa, 2024).

Para que as narrativas dos dez migrantes permitissem a apropriação da imagem de si e o autorretrato em áudio e vídeo, foi realizada uma oficina com cada um dos sujeitos para que o domínio da câmera do *smartphone*, fone para a gravação em áudio e tripé de sustentação do equipamento, como ferramentas básicas de captação, e noções de iluminação e enquadramento que proporcionassem maior garantia da autorrealização das narrativas audiovisuais.

Parece que estou me vendo pela primeira vez! (Cristina Carolina La Rosa, 2024)

É como uma terapia. Estou falando comigo mesma... (Nexy Guzmán, 2024)

A cada experimento com o equipamento, composto apenas por dois *smartphones*, um tripé e um microfone de lapela, novas perspectivas de se ver, de se enxergar, de se ouvir.

Muitas vezes, pela primeira vez.

Nas narrativas (auto)biográficas, os migrantes se conectam consigo mesmos. Passeggi (2016) traz a noção do sujeito biográfico, concebendo-o numa tríplice dimensão para considerar seus desejos, emoções e práticas, muitas vezes esquecidos pelas instituições que privilegiam a formação de alunos, professores, cientistas, trabalhadores, e não a da pessoa em si mesma. Nas palavras de uma das migrantes, sou uma pessoa, antes de ser migrante.

Entre as dúvidas sobre a gravação de si mesmo, apenas um migrante apresentava alguma falta de prática com o *smartphone* e apenas dois outros tinham algumas perguntas após a oficina sobre o melhor enquadramento. A decisão sobre o cenário foi a questão que menos dúvida suscitava. Em sala de aula, no pátio térreo da universidade, nas cadeiras ou bancos da entrada do prédio ou na Praça da Liberdade, os ambientes se repetiam, como uma apropriação do espaço já conhecido e visitado pelos migrantes.

2.2 A Fala Enunciativa

2.2.1 A fala e a inscrição do sujeito

Quando escrevo, repito o que já vivi antes.
Guimarães Rosa

Cotidianamente, as pessoas interagem por meio de conversa, diálogos entre os pares para a comunicação no dia a dia. Ao narrar, o sujeito se inscreve e transcende a interação solitária e individual com as pessoas das ruas. Mais que o conteúdo de suas histórias narradas, o que salta da fala é o próprio sujeito. Vários recursos da língua são utilizados para registrar as experiências de vida em uma fala reduzida composta por palavras abreviadas e frases incompletas. Diferentemente do que se imagina, abreviar é uma prática onde há a necessidade de explorar o máximo em um tempo mínimo. A proliferação das abreviações, que muitas vezes pode dificultar o entendimento, atende à necessidade de velocidade, de uma rapidez em narrar algum fato.

Neste mundo prometido à individualidade e ao efêmero, como afirma Augé (2012), e à instantaneidade, as narrativas resultam tão incompletas quanto as palavras interrompidas e abreviadas revelando outras representações simbólicas das relações do sujeito.

Nas narrativas, a exacerbação e a veemência da expressão estão muito presentes. As palavras e as frases faladas muitas vezes se prolongam ou são abreviadas. Se estica de um lado, encolhe do outro.

[...] o homem conseguiu abreviar até a narrativa. Assistimos em nossos dias ao nascimento da *short story*, que se emancipou da tradição oral e não mais permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas (Benjamin, 1987, p. 206).

Se a pontuação propicia ritmo e compreensão à língua falada, as narrativas têm tanto o excesso como a completa escassez de pontuação. Muitas frases são construídas como se não houvesse uma parada no raciocínio, como se não tivessem um ponto final. Vírgulas, para quê? Sem pausas programadas, sem pausas necessárias, sem parar nunca. Outras trazem os pontos de interrogação na fala, e, refletem também a expressividade das dúvidas e incertezas e dos questionamentos. Marcos Bagno (2007), escritor e linguista refuta o preconceito linguístico e

defende que a construção de uma sociedade tolerante com as diferenças só é possível com a exigência de respeito e valorização das diversidades nos comportamentos linguísticos.

Nas narrativas de migrantes, a norma culta é raramente utilizada e a fala que se ouve está em constante transformação, mais econômica e mais reduzida. Uma linguagem híbrida que se assemelha à oralidade cotidiana. Bagno (2007) sustenta que a língua é viva, em constante processo de mutação e evolução, que não pode ser emudecida. Nas narrativas, há espaço para receber, acolher, respeitar e valorizar esta nova fala cotidiana, com a dinamicidade que a língua viva permite, e, onde a incompletude dos sujeitos se apresenta a todo momento. As práticas tradicionais de fala e escrita vão sendo desconstruídas e reconstruídas com os constantes deslocamentos e a ocupação de novos lugares de passagem.

A abreviação usada para grafar de forma reduzida algumas palavras, onde beleza se torna *blz*, estamos juntos, *tmj*, você é grafado como *vc*, a palavra saudades, tão aclamada nos dicionários do Brasil fica reduzida a *sdds*, verdade é *vdd* e certeza é *ctz*, o verbo e adicionar é escrito *add* e teclar, *tc*, quando é *qdo*, muito é *mtm* e também, *tbm*. Diferentemente do que se imagina, abreviar não é uma prática atual.

Da escrita abreviada no Brasil Império, onde muitos documentos eram grafados com abreviações de palavras para reduzir o consumo de tinta, bico de pena, papel, materiais preciosos e escassos na época, à economia em tempos de crise do século XXI, as abreviações muitas vezes podem dificultar o entendimento, mas atendem à necessidade de rapidez da vida contemporânea.

Neste mundo prometido à individualidade e ao efêmero, como afirma Augé (2012), as narrativas resultam tão incompletas quanto as palavras interrompidas e abreviadas revelando outras representações simbólicas das relações do sujeito.

Além das abreviações com a braquigrafia, outro recurso comum é o acréscimo de letras e símbolos na escrita e a pronúncia contínua de vogais na fala ou a repetição de palavras na narrativa. Estica e encolhe.

As narrativas também sucumbiram tanto ao excesso quanto à completa escassez de pontuação. Muitas falas são construídas como se não tivessem um ponto final. Vírgulas, para quê? Sem pausas programadas, sem pausas necessárias, sem parar nunca. Outras trazem os pontos de exclamação e interrogação, e as indignações.

Bagno (2007) defende o respeito e tolerância em relação às diversidades nos comportamentos linguísticos, e também valorizadas para a construção de uma sociedade tolerante e mais justa. Bagno sustenta ainda que a língua é viva, em constante processo de mutação e evolução, e que não pode ser emudecida. Nas narrativas, há espaço para receber

esta nova língua cotidiana, entre o português e o espanhol, com a dinamicidade que a língua permite, e onde a incompletude dos sujeitos se apresenta a todo momento.

2.2.2 *A comunicação não verbal na (re)invenção de si: o que a fala não diz*

*O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca...
O senhor crê minha narração?
(Rosa, 1994, p. 840)*

Refletir sobre o encontro entre a comunicação verbal e a comunicação não verbal das narrativas digitais é um exercício que a prática audiovisual ensina. Para além da palavra escrita e oral, a narrativa (auto)biográfica pode ser encontrada na comunicação não verbal registrada nas narrativas digitais, desvelando sentimentos, angústias, necessidades e desejos nas experiências vividas. Ao narrar, o sujeito se desvela por meio da voz, na escrita, e também em gestos e ações e em outras variadas formas de reinvenção de sua história, o sujeito revive suas experiências de vida e se (re)inventa. A narrativa (auto)biográfica como metodologia possibilita a compreensão dessas experiências individuais em um contexto coletivo do processo migratório, desvelando o atravessamento social e histórico dos sujeitos em movimento em suas narrativas (auto)biográficas primárias (Ferrarotti, 1988). A linguagem expressa por meio de palavras escritas ou oralizadas, a linguagem verbalizada, muitas vezes deixa escapar o que a linguagem não verbal traz visualmente. A ubiquidade (Santaella, 2014) que a memória resgata e instala na captação audiovisual das narrativas digitais está refletida nos diversos movimentos do sujeito. Em gestos do corpo, menear de cabeça ou na eloquência dos movimentos involuntários das mãos, a grafia da memória se corporifica em signos visuais para a narrativa ser efetivada, em gestos e expressões.

Desde a antiguidade aos dias atuais, com os caminhos digitais, as narrativas estão presentes na vida do sujeito, num mundo onde existem fronteiras demarcadas e erigidas e outras líquidas, menos fixas ou estáveis.

[As formas antigas de consciência pública do ser humano nos oferecem – podemos arriscar – algumas pistas seguras das motivações da escrita autobiográfica em qualquer tempo histórico posterior: a busca pelo (auto)conhecimento/verdade (os escritos do tipo platônico), a construção de uma narrativa laudatória (o tipo retórico), a invenção do passado (a genealogia romana) e, por último, uma tentativa de organização do discurso sobre si (os *prodígia* e os escritos pessoais). Contemporaneamente, o que chamamos de (auto)biografia encontra nessas motivações – por vezes, em todas - pontos de ancoragem dos gêneros textuais que atualizam as escritas de si (Matos-de-Souza; Souza, 2015, p. 176)]

O ano de 2023 registrou 110 milhões de refugiados e pessoas deslocadas (ACNUR, 2023). As histórias de 110 milhões de sujeitos forçados a se deslocar no mundo se agrupam, se aninham e se estabelecem como números e estatísticas. As correntes migratórias recentes têm na fuga de crises humanitárias violação de direitos, nas condições degradantes de vida e empregabilidade, na desigualdade econômica mundial e na busca por melhores condições de vida e segurança, algumas de suas principais características.

Considerando que o reconhecimento da dignidade humana e o respeito aos direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo, o ir e vir, sem rumo e sem garantias evidencia o não-lugar (Augé, 2006), em território fronteiriço, como um lugar de passagem, onde encontram-se os sujeitos-migrantes que deixam sua cultura, sua família e seu país para um deslocamento obrigatório e forçado para outras terras.

No plano internacional não existe uma definição universalmente aceita de migrante. Em consequência, este termo aplica-se, às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias (OIM, 2009, p. 42). Migrante é o termo usado para definir as migrações de entrada e de saída de um país, região ou lugar. Os migrantes escolhem se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente para melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões (ACNUR, 2023).

A expressividade informativa e sensorial subjetiva que emerge destas experiências e histórias de vida dos sujeitos distanciados de suas origens impregnam as narrativas (auto)biográficas, onde as trajetórias de vida são conectadas a uma realidade permeada por deslocamentos constantes. Sujeitos distantes geograficamente de sua origem e que trazem a herança cultural manifestada na fala, no corpo, nos sentimentos, desejos e anseios.

Somos parte de um todo.

Somos parte de tudo.

Por isso que eu sempre digo que somos mais que migrantes! (Cristina La Rosa, 2024).

Nesse processo migratório, os deslocamentos internacionais compreendem um fenômeno contemporâneo com um crescente aumento percentual de sujeitos que atravessam as fronteiras geográficas. Sozinho ou acompanhado, o sujeito-migrante ultrapassa as linhas imaginárias e os cercos territoriais para entrar em um mundo ainda desconhecido, um novo país, uma nova cultura e uma nova língua, com destino incerto e ainda sem ponto de chegada ou um endereço físico para a ocupação espacial no mundo contemporâneo.

[Migração: Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos (OIM, 2009, p.40).]

O encontro com o sujeito-migrante é um ato de dialogicidade. Entre pesquisadora e migrante, entre pessoas e suas histórias. Se de um lado, esta trajetória é rememorada e verbalizada em conversas, de outro lado as narrativas (auto)biográficas podem ser registradas em áudio ou em audiovisual.

Ao se utilizar a tecnologia digital para registro das narrativas (auto)biográficas dos sujeitos-migrantes, com o emprego do meio audiovisual, a localização para a captação das imagens e do áudio, o enquadramento escolhido, a iluminação e todo a complexidade da produção audiovisual permitem a biografização de forma mais integrativa.

[[...] o sujeito, em todas as fases da vida, apropria-se de instrumentos semióticos (a linguagem, o grafismo, o desenho, os gestos, as imagens etc.) para contar suas experiências sob a forma de uma narrativa autobiográfica que até então não existia. E nesse processo de biografização, a pessoa que narra, embora não possa mudar os acontecimentos, pode reinterpretá-los dentro de um novo enredo, reinventando-se com ele (Passeggi; Souza, 2016, p. 8).]

As especificidades dos meios, desde um smartphone, uma câmera fotográfica com a capacidade de registro em vídeo à uma filmadora profissional, auxiliam e proporcionam a ampliação da expressão da experiência.

Meios que podem ser utilizados para a captação de gestos, expressões faciais e corporais que traduzem em comunicação não verbal as experiências presentes na memória. Lembranças e recordações da história de vida de cada sujeito.

No passado não há somente as coisas que ocorreram, há também todo o potencial que cada indivíduo tem para prosseguir a sua existência de futuro (Josso, 2004, p. 16). As narrativas são construídas e se pautam de maneira espontânea em suas complementariedades e encontram lugar para os significados das trajetórias, das experiências, das memórias distantes e as recentes. É a história de um imbricada na história de vida do outro.

Diferentemente das gravações de entrevistas onde um grava o outro, a exposição e reinvenção de si é um processo a ser apreendido, construído de forma colaborativa e participativa, que demanda atenção, disponibilidade e o desenvolvimento de uma relação de reciprocidade. É possível instrumentalizar o próprio depoente para que sua imagem e voz sejam o reflexo de seu desejo.

Esta prática encontra ressonância na dimensão ética e política do método (auto)biográfico ao propiciar a instrumentalização e dar voz aos sujeitos excluídos da história oficial, permitindo desta maneira, a partir da história oral e do método biográfico, escutar e, nesta pesquisa ver, as histórias das minorias e dos grupos excluídos e silenciados (González-Monteagudo; Leon-Sánchez; Martin-Gutierrez, 2022).

As narrativas digitais filmadas e gravadas pelos próprios migrantes, como forma de instrumentalizar os sujeitos para uma definição pessoal e individualizada sobre o enquadramento, o espaço como cenário da gravação e a forma de se mostrar no vídeo.

Biografar é extrair de si seus anseios, conquistas, medos e desejos.

É traduzir em forma e conteúdo sua história de vida. Nas narrativas digitais, o migrante está presente lá e cá, em seu país de origem e em seu país de migração. Assim, sujeitos dão formato e conteúdo às suas experiências e impregnam de sentido as palavras e gestos em seus percursos, trajetórias, lugares e não lugares.

2.2.3 *Quando o público se torna privado*

*No mais, mesmo,
da mesmice, sempre vem a novidade.
Guimarães Rosa*

As narrações são endereçadas a um outro e, ele, pode significar uma infinidade de outros. O outro torna-se coletivo e a distinção entre o público e o privado vai esmaecendo. Assim, o sujeito vai se expondo cada vez mais. Como afirma Bauman (2001, p. 49), não é mais verdade que o público “tente colonizar o privado”. O que se dá é o contrário: é o privado que coloniza o espaço público...o espaço público é onde se faz a confissão dos segredos e intimidades privadas.

As narrativas, muitas vezes originariamente e essencialmente privadas, foram legitimadas em um espaço público e tornaram publicizadas as exposições de si. Os migrantes que atravessam fronteiras e se desnudam ao olhar do outro, transpõem também os espaços físicos e as linhas imaginárias que passam a separá-los de suas famílias, culturas e países, sob a observação de uma nova nação, mesmo sendo migrantes de longo termo ou temporários, têm a vida esquadrinhada com minúcia. Nos questionários, formulários e compilação em relatórios, as informações privadas passam a integrar a esfera pública.

Diferentemente do compartilhamento individual e consentido que o sujeito se propõe a realizar, as informações pessoais, os dados informativos do migrante saem do privado e são disseminados publicamente. Da intimidade para a sociedade.

O anonimato, onde o sujeito não responde por suas palavras e, a solidão, são dois sintomas da contemporaneidade. Nesse sentido, Augé (2012, p. 110) constata que é no anonimato do não lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos. Para Augé (2012, p. 110), haverá, portanto, espaço amanhã, talvez já haja espaço hoje, apesar da aparente contradição dos termos, para uma etnologia da solidão.

3 O DIREITO DE SER, ANTES DE IR E VIR

*O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquentada e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem...*
Guimarães Rosa

3.1 População em Vulnerabilidade

A compreensão sobre a vulnerabilidade perpassa diversos fatores políticos e sociais, territoriais e culturais, como também incide em uma concepção de sujeitos sem direitos e marginalizados.

A vulnerabilidade extrínseca decorre do contexto socioeconômico no qual vivem os participantes de pesquisa. Circunstâncias sociais injustas podem resultar em vulnerabilidade de várias maneiras, cada uma das quais requer diferentes mecanismos para proteger a população de pesquisa contra exploração e danos (Rogers; Ballantyne, 2008, p. 32).

A palavra vulnerável tem origem no latim e traz o significado da suscetibilidade de ser ferido, *Vulnus* – ferida – *Vulnerare* – ferir. A etimologia da palavra *vulnerabili* simboliza aquele que se encontra susceptível e ou fragilizado numa determinada circunstância. Vulnerabilidade traz à consciência nossa condição de humanidade (Sevalho, 2018, p. 179).

Para além do significado e aprofundando em conceitos, a vulnerabilidade ultrapassou as questões meramente relacionadas às condições socioeconômicas para abarcar múltiplos fatores. Mesmo com as várias acepções e imprecisões pelo processo de constante construção conceitual, o termo aponta para uma discussão da realidade dinâmica e multideterminada.

A acepção da vulnerabilidade como parâmetro de reflexão e atuação implica o reconhecimento da concomitância de fatores éticos, políticos e técnicos contornando a incidência de riscos nos territórios e a capacidade humana para o seu enfrentamento (Carmo; Guizardi, 2018, p. 10).

Na definição do Decreto Federal nº 7.053/2009 que prevê a Política Nacional para a População em Situação de Rua, adotada pelo artigo 2º. da Resolução CNJ nº 425/21, a população vulnerável é identificada como

O grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou

permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Conselho Nacional de Justiça [CNJ] 2022, p. 14).

Para o enfrentamento do problema social são necessárias políticas públicas que ponderem a heterogeneidade e pluralidade de razões que levam a população à situação de suscetibilidade. Considerando a vulnerabilidade e a interseccionalidade, nos últimos anos, para além das diferentes definições, o conceito passou a levar em consideração uma multiplicidade de fatores imbricados na perspectiva da vulnerabilidade social. Entre os diversos fatores, estão as condições socioeconômicas, os acessos aos serviços, a cultura prevalente, as relações sociais e a própria subjetividade (Scott *et al.*, 2018, p. 610).

Movimentos em busca de maior visibilidade para populações vulneráveis e de garantia do acesso formal aos direitos na esfera judicial, deflagraram a construção e conquistaram uma regulamentação específica.

Com esta demanda, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), instituição responsável pelo processo de aperfeiçoamento e regulação do Poder Judiciário brasileiro, que edita resoluções e padronizações, normatizou políticas judiciais para garantir e efetivar os valores constitucionais e os direitos fundamentais da dignidade humana.

O resultado está consolidado na Resolução nº 425/2021, visando a formulação da Política Nacional de Atenção às Pessoas em Situação de Rua (PSR) e suas interseccionalidades, no âmbito do Poder Judiciário.

Trata-se de política que cuida de pessoas invisibilizadas, alijadas do mínimo existencial, sem organização institucional para vocalizar o abismo socioeconômico em que sobrevivem. Nas linhas que seguem, pretende-se lançar luz sobre o tema no âmbito do Poder Judiciário, sem pretensão de esgotá-lo, mas, sim, de despertar o interesse e a sensibilidade dos atores de Justiça para a realidade de exclusão em que vivem milhares de pessoas no solo nacional, a demandar forte atuação em rede para suplantar as barreiras do acesso à Justiça (CNJ, 2022, p. 10).

Identificadas as barreiras que impedem o exercício da cidadania e o acesso à justiça igualitária às pessoas em vulnerabilidade, a normativa publicada ainda precisa sair da formalidade das letras e ganhar vida. A (in)visibilidade da população vulnerável ultrapassa as ruas de centros urbanos e ocupa espaços institucionais que carecem de infraestrutura adequada. A Resolução do CNJ, elaborada coletivamente com o envolvimento de uma rede de parcerias, pode ocasionar mudanças de postura nos órgãos do Judiciário para o atendimento no atendimento mais humanizado e digno.

Em termos práticos, o que muda, e pode tornar efetivo o acesso, são itens referentes à desburocratização, à dispensa de agendamento prévio, ao atendimento às crianças sem a companhia dos responsáveis e ao oferecimento de guarda-volumes para objetos e local para guarda de animais de estimação da população em situação de rua. Também libera o acesso aos locais, independente da forma de vestimentas, roupas e calçados, condições de higiene pessoal ou identificação civil.

Apesar de o Brasil não realizar, em nível nacional, medição oficial da população em situação de rua, em março de 2020, chegou-se ao impressionante número de 221.869 pessoas submetidas a esta condição no país, conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), consolidados na Nota Técnica n. 73/2020, acerca da Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020) (CNJ, 2022, p. 14).

Então me aventurei a morar na rua, dormir na rua, porque no refúgio, muita gente traficava maconha. Não deixavam a gente dormir, então fui mesmo para a rua.

O primeiro dia foi ruim, muito ruim, porque a polícia foi tirar a gente da rua.

Ficava na chuva...Tinha que buscar travesseiro para dormir...

E assim estive em Roraima por 4 meses, até que conheci pessoas brasileiras. Vim para o Brasil por problema econômico no meu país, que todos sabem, e buscar uma melhoria para meu filho, para minha a família...poder ajudar todos eles (A batalhadora, 2024).

Muitas vezes, a deficiência das coletas de dados oficiais e a inconsistência das bases de dados resultam em números que destoam da realidade nacional.

Com a pandemia do Coronavírus que assolou o mundo, a partir de março de 2020, e o decorrente isolamento social foi somado à subnotificação em pesquisas que registram o número de pessoas em processo migratório.

Depois voltamos de novo para casa e ficamos guardados em casa porque não tínhamos como sair. Essa pandemia foi muito ruim para nós. Sem trabalho. Esse foi o tempo de ficar em casa, na pandemia, e com umas amigas acordamos em morar juntas (A batalhadora, 2024).

Neste período, somam-se fenômenos como o recrudescimento do isolamento e distanciamento social, da crise econômica e do aumento da inflação, do desemprego, e da pobreza e da fome.

Portanto, mesmo que existam políticas públicas voltadas para o enfrentamento dos efeitos nefastos da vulnerabilidade para a população, a imprecisão dos dados ocasiona a ineficiência das ações. A situação transitória e não fixação em um único lugar dificulta a contagem e a consolidação de dados, tornando a elaboração e a execução de políticas públicas menos eficientes. Todas as iniciativas que buscam compreender o significado do movimento migratório no Brasil como fenômeno de constituição da identidade nacional apontam para um

avanço nesse sentido, mas ainda carece de debates que realmente avancem ou expressem políticas voltadas para os sujeitos migrantes (Matos-de-Souza *et al.*, 2021)

Se há o impedimento de acesso pleno à justiça, outra barreira é enfrentada pela população vulnerável. Apagados nas estatísticas que vislumbram alguma garantia de direitos fundamentais, seja para a entrada digna em país estrangeiro, locais de atendimento as necessidades de higiene, alimentação e moradia, transitória ou permanente, ainda enfrentam dificuldades com a diferença cultural.

Se passasse em algum ponto de controle do governo com dinheiro, e você tinha um dinheiro você era considerado bandido, porque estava com muito dinheiro (O pai, 2024).

Dentre tantos enfrentamentos e violências como a desestruturação familiar, a fome, o desemprego, o abandono de tudo o que construiu na vida, de forma involuntária, por não encontrar outra forma de sobreviver na Venezuela, o processo de migração dos venezuelanos para o Brasil torna estes sujeitos vulnerabilizados em relação às condições informais ou mesmo degradantes de trabalho, a ineficiência do sistema jurídico brasileiro para a real garantia dos direitos fundamentais e as dificuldades de comunicação acarretadas pela falta de domínio da língua, o desconhecimento e falta de preparo para enfrentar as diferenças culturais. Além destas violências cotidianas, os migrantes vivem o processo de vulnerabilização e de desamparo socioeconômico.

3.2 Migrantes: Corpos em Movimento

*Cada palavra é,
segundo a sua essência,
um poema.
Guimarães Rosa*

Nas ruas de grandes metrópoles são encontradas as histórias de vida de migrantes, os anseios e desejos, as vivências e experiências sendo amalhadas em outras línguas, longe de suas culturas e países.

Quando as questões relacionadas aos Direitos Humanos são tratadas, é imprescindível uma abordagem não restritiva. Nesse sentido, o uso da terminologia Direitos Fundamentais, aborda mais que os direitos somente para humanos.

Muitas famílias também se formam nas ruas.

A escolha, como um grande desafio da contemporaneidade, também permeia as relações nas ruas, onde há encontros e desencontros, sem paredes que as individualizem ou as protejam, onde o privado torna-se público.

Mas, a rua, essa não é somente uma questão de escolha.

Escolher o parceiro para se casar ou a vida profissional que vai acompanhar a vida do sujeito - até que o divórcio ou a morte o separe ou a crise econômica o faça redirecionar a carreira, são preocupações que estão distantes das pessoas migrantes em situação de rua. Também não estão no espectro de vida futura outras escolhas como a da casa própria, a aquisição de imóveis ou mesmo de móveis. Automóveis, bicicletas ou qualquer outro meio de locomoção também estão fora de projetos e sonhos desta população vulnerável. O sonho é por respeito, por dignidade, por oportunidades e por alimento para o corpo e para a alma.

Enquanto as pesquisas acadêmicas apresentam critérios estabelecidos para o casamento de pessoas que se reúnem em matrimônio a partir da classe socioeconômica, raça e religião, nas ruas o critério é, principalmente, a proximidade física e geográfica. As pessoas se unem em sua classe social, em sua raça e sua religião ou na falta dela.

Fatos, histórias e memórias.

As narrativas de histórias de vida usam uma linguagem racional e, na maior parte das vezes, convencional, mas a interpretação narrativa e espontânea do itinerário de vida comporta uma dimensão imaginária, porque se trata de uma releitura do passado na ótica do questionamento, dos projetos, dos desejos e das perspectivas de vida inscritas no presente, passado e nas projeções, mais ou menos conscientes de um futuro próximo ou longínquo (Josso, 2004, p. 264).

A captação de narrativas (auto)biográficas propiciam um caminho para o entendimento sobre as escolhas e a vida em deslocamento dos corpos em movimento fora de seu ambiente originário, além-fronteiras.

O que significa ser migrante? Uma nova oportunidade de conhecer gente diferente. Porque apesar de estarmos na mesma América Latina não pensamos iguais. Somos diferentes. Os brasileiros são muito mais abertos que os venezuelanos. Apesar de ter conhecido muitas venezuelanas aqui que me aceitaram em amizade, os brasileiros creio que são mais receptivos com a diversidade de pessoas, os venezuelanos são mais fechados. Os brasileiros como que aceitam todos os tipos de migrantes, todo tipo de pessoas. E isso eu gosto mais! É como estar em uma nova terra, que não é a minha, mas que me agrada, que eu gosto (A Dançarina, 2024).

As saídas de pessoas de cidades da Venezuela para o Brasil, passam por muitos outros territórios. A porta de entrada dos migrantes venezuelanos, é, principalmente, o estado de

Roraima. Antes da chegada à capital do estado, Boa Vista, passam por muitos territórios nos dois países vizinhos.

A gente morou em Roraima e eu já tinha estabelecido meus amigos, meu grupo, minha familiaridade, e eu tive que sair de novo, para vir para cá para BH. Então, são coisas que a gente não gosta de fazer, não gostaria, mas a gente tem que fazer! (A irmã, 2024).

Situado na região Norte brasileira, com divisa internacional com a Guiana e com a Venezuela, Roraima é o estado brasileiro menos populoso e o com o menor índice demográfico do país. A capital Boa Vista apresenta, proporcionalmente, o maior número de pessoas em situação de rua por cem mil habitantes (2022). Historicamente, entre 2012 e 2017, o índice estatístico não ultrapassava dois dígitos, variando entre uma ou duas dezenas de pessoas em situação de rua e, em 2018, salta de 27 para 1046 pessoas, alcançando o número de 2537 vidas e corpos violentados e em flagelo em 2020 (Dias, 2021). Esse exemplo do processo migratório, a migração em massa de venezuelanos para o estado, contribuiu para o crescimento populacional no estado e de pessoas nas ruas das cidades de Roraima. A capital do estado Boa Vista, tem um crescimento rápido e alarmante do número de pessoas em situação de rua, ao sair de uma dezena para milhares de pessoas, e também por ter se tornado a capital brasileira com o maior percentual de pessoas em situação de rua.

A travessia, de uma cidade para outra, de estado para outro e de um país para outro, muitas vezes identificada pelos próprios migrantes como uma aventura, sem o glamour que a palavra enseja, é realizada com durações distintas e por meios diversos.

Por meio de automóveis próprios, de ônibus, de carona, por outros meios de locomoção e muitas vezes a pé.

Eu andei por muitos dias para chegar à Boa Vista (O Marido, 2024).

A gente chegou e dormiu na rua, andamos muito, sentimos frio e fome (A esposa, 2024).

Vimos de carro, todos nós, até a minha esposa, mas ela morreu no Brasil (O pai, 2024).

Até de avião nós viajamos para chegar a Belo Horizonte (Alisson, a irmã, 2024).

Durante a permanência em Boa Vista, para os migrantes venezuelanos, muitas vezes, perdura a sensação de proximidade com o país, com a cultura, com a família, com amigos e com as raízes. A distância mais curta entre os países vizinhos possibilita sonhar em cruzar a fronteira em busca das raízes e do que ficou para trás, mas não se arriscam na empreitada. Enquanto estavam em Pacaraima (RR), cidade fronteira entre Brasil e Venezuela, muitos

venezuelanos ainda conseguiam enviar suprimentos, dinheiro, alimentos, roupas e remédios para os familiares que permaneciam na Venezuela.

Já em Belo Horizonte, com a grande distância que separa Minas Gerais da região Norte do país, e, conseqüentemente, da Venezuela, os venezuelanos que aportaram na cidade não acalentam a esperança de manter o fluxo de envio de suprimentos. A esperança se transforma em possibilidade de emprego, trabalho, renda e oportunidade de envio de dinheiro para quem ficou para trás nesta jornada de esperanças diversas.

Lá eu não tinha mais trabalho, nem dignidade (O Pai, 2024).

Deixei meus amigos...isso é difícil, dói... (Alisson, a irmã, 2024).

Para nossa família foi melhor minha esposa morrer, aqui, no Brasil (O Pai, 2024).

Não tinha medicamentos para a minha filha (A esposa, Maria Esther, 2024)

Eu escondi dólares no teto do carro para não descobrirem (O pai, 2024).

Em Belo Horizonte, como o número de migrantes não é tão alto em relação à população local, os migrantes sentem-se mais acolhidos.

Aqui, encontrei uma outra forma de conviver em família (Alisson, a irmã, 2024).

Tenho amigas, converso, saio e me alegro de estar aqui... (A Dançarina, 2024).

Aqui eu encontrei uma nova vida. E se volto será para outro lugar... não, já me acostumei aqui (A Dançarina, 2024).

Diferentemente das cidades e do estado que funcionam como porta de entrada para os venezuelanos, onde os migrantes se aglomeram em locais preparados por organizações de recepção desta parcela de população estrangeira, na capital mineira, encontraram uma melhor receptividade e acolhimento.

3.3 Configuração geográfica, demográfica e estética

Natureza da gente não cabe em certeza nenhuma.
Guimarães Rosa

A necessidade de reflexão sobre o crescente processo migratório no Brasil e sobre o tema a partir das narrativas (auto)biográficas audiovisuais, por meio de encontros, falas e gravações, onde emergem as marcas destas narrativas sustenta esta investigação e esta escrita.

Como a migração é um evento em constante avanço, e devido à natureza evolutiva desses processos migratórios, há a necessidade de renovação de pesquisas e escritos mesmo que muitos questionamentos não encontrem respostas e apontem para a exigência cada vez maior de aprofundamento.

Como a pesquisa aborda a população migrante em situação de vulnerabilidade, por questões éticas, a população está delimitada também por faixa de desenvolvimento, restringindo a participação às pessoas adultas, e excluindo, portanto, crianças e adolescentes do processo de abordagem presencial e da investigação.

O conceito de delimitação é restringir, ficar dentro dos limites estipulados e afunilar a temática a ser desenvolvida na abordagem, dada a incapacidade de uma única pesquisa abordar todas as dimensões que perpassam este mesmo assunto. A delimitação auxilia no recorte a ser pesquisado para a busca por respostas para a questão de investigação a partir das narrativas transmídias e a compreensão sobre como as narrativas (auto)biográficas evidenciam a condição de vulnerabilização desta população.

Ao limitar formalmente o âmbito do trabalho de investigação, é possível tornar a investigação exequível. A delimitação ocorre também no âmbito geográfico, na capital do estado de Minas Gerais/Brasil. Mesmo que não tenha limite fronteiriço com outros países e se encontrar de forma central no Brasil, é crescente o número de migrantes na capital do estado e, a cidade de Belo Horizonte alcançou, em outubro de 2023, mais 24 mil migrantes (OIM, 2023, n.p.).

Minas Gerais é o segundo estado mais populoso do país, totalizando 20.538.718 pessoas, perdendo para São Paulo, onde vivem 44.420.459 de pessoas, segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A capital do estado, Belo Horizonte, tem 2.315.560 pessoas, segundo o último censo (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2022), uma queda populacional de mais de 2,5% em relação ao censo de doze anos antes (2010). Em termos populacionais, dentre os municípios brasileiros, Belo Horizonte encontra-se na 1ª colocação no estado de Minas Gerais, na 3ª colocação na região Sudeste e ocupa a 6ª colocação no Brasil.

Mas também vindo pro Brasil eu construí uma outra família: a família que me acolheu, novos amigos, músicas novas, costumes diferentes. E principalmente aqui, em Minas, o pessoal é muito aconchegante (A irmã, 2024).

No entanto, o número de migrantes cresceu nos últimos anos no estado e Belo Horizonte é a capital do Sudeste com o maior crescimento no número de venezuelanos cadastrados para

receber auxílios do governo federal. O número passou de 182 em 2020 para 619 em 2022, registrando um aumento de 240%. Venezuelanos (48%), haitianos (22%), bolivianos (21%) e sírios (9%) compreendem os migrantes com maior número no estado e a soma de africanos de diversos países no estado e na capital também tem número relevante, de acordo com o relatório de mobilidade humano e acolhimento com dados recolhidos em Minas Gerais (OIM, 2022, p. 78). Segundo dados do relatório de mobilidade humana da Organização Internacional para as Migrações (OIM) são mais de 58 mil migrantes de centenas de nacionalidades registrados e residentes em 499 municípios mineiros.

A ocorrência da investigação, da observação, e da captação das narrativas (auto)biográficas transmídias ocorre, portanto, em Belo Horizonte, com um número crescente de migrantes venezuelanos. As abordagens e gravações estão restritas a localizações específicas, identificadas como centros de convivência.

Outra delimitação da pesquisa é no âmbito estético/tecnológico, a partir do conceito de narrativa transmídia, com os conteúdos disseminados em meios distintos e complementares. Para possibilitar a visibilização das condições de vida da população vulnerável foram elencados meios como o áudio, a escrita, a imagem em movimento e a imagem estática, que aliadas apresentam um panorama mais abrangente sobre as condições das vidas em movimento.

[Os princípios da narrativa transmídia pertencem ao universo das Novas Mídias, quer seja: o vasto campo delimitado pelas tecnologias digitais comunicação e informação, uma grande narrativa repartida entre várias plataformas e cada qual com o melhor potencial para o melhor expressar daquela parte da narrativa (Gosciola, 2011, p. 122).]

Nas narrativas estas dimensões nem sempre são utilizadas em sua completude por todos os sujeitos, que muitas vezes optam por uma dimensão, seja imagética, ou sonora, ou escrita, privilegiando uma e minimizando a expressividade em outra, ou mesmo descartando a possibilidade transmídia. Ao se deparar com sua imagem na tela de um *smartphone*, o primeiro momento, geralmente, é de suspensão. Um hiato. Um silêncio.

A partir de um primeiro impacto os migrantes se olham, se desconhecem, se reconectam com si mesmos e se reconhecem. A fala vem após estes instantes de reconexão consigo mesmos.

Ah... o nome. É o nome a primeira identificação de si mesmos que brota nas gravações audiovisuais.

Eu sou... (Alisson, a irmã, 2024)

Holla, soy yo...Olá.. sou eu!!) (Com riso e semblante de satisfação) (A Dançarina, 2024)

Mi nombre és...(Meu nome é) ... (A Dançarina, 2024)

Sou... (A esposa, Maria Esther, 2024)

O migrante se olha e se vê. A (in)visibilidade começa a se dissipar para si mesmo. É um reconhecimento de si, da imagem de si.

Somos seres humanos descobrindo-nos. Seres humanos descobrindo o mundo também (Cristina La Rosa, 2024).

Para as gravações, os sujeitos se ajeitam na cadeira ou no banco, ou mesmo se reenquadram quando decidiram gravar em pé. E na fala, o eu emerge. Outras vezes, partem do individual, do sujeito, para o coletivo, para o grupo familiar, o nós como identificação de uma família ou o grupo identitário de venezuelanos como um coletivo, em uma localização sócio-histórica.

No áudio, as próprias vozes de pessoas em movimento, na escrita, na assinatura de autorizações de gravação e uso da imagem e da voz, palavras, frases e tentativas de comunicação em outros idiomas, no audiovisual a expressividade contida em gestos do rosto e do corpo. Sentimentos e sensações fortes, contundentes, transportados para narrativas transmídias em uma composição estética que estrutura esta nova experiência de um encontro consigo mesmo.

As narrativas de sujeitos-migrantes não estão somente vinculadas aos recortes, a dimensões pragmáticas, numerárias e geográficas. Afastadas do modo cartesiano de reconhecer a vida, trazem o humano de cada sujeito que se desnuda em memórias imagéticas, olfativas, degustativas e táteis. Emergem nos gestos, nas falas e nos silêncios, nos choros contidos ou transbordantes a imagem de si.

As narrativas de histórias de vida que ouvimos, lemos, trabalhamos com seus autores dão-nos acesso a essas dimensões de sensível, da afetividade e do imaginário, como tantas outras cores e notas musicais que ganham forma na trama racional das narrativas. As ciências humanas, ao imitarem servilmente o paradigma positivista das ciências da natureza, por toda espécie de razões política e historicamente explicáveis e compreensíveis, foram-nos habituando a abordar as realidades da vida dos seres humanos em categorias estandardizadas, construídas numa concepção cartesiana de recorte do objeto. Fazendo isto, muitos de nós perdem a capacidade de expressão das outras dimensões não-rationais do estar-no-mundo e, o que é anda mais grave, às vezes, afastamo-nos dessas dimensões não-valorizadas nos lugares sociais que são os nossos, por termos também, de vez em quando, a convicção que essas dimensões são lamentáveis resíduos de épocas históricas anteriores (Josso, 2004, p. 265-266)

Para além dos números e das fronteiras geográficas e imaginárias, destes sujeitos em constante processo de deslocamento, a imagem de si e a sensação de mudança e esperança perpassam cada autogravação.

Como pessoa, como pessoa quero seguir lutando! Seguir adiante é como quando o sol sai, me encanta. Me encanta ser como uma menina de 15 anos. Não tem que ser amargurada, ser séria. Tem que ser alegre, dançar, conversar, e me acham diferente por isso. Esta sou eu: uma menina dentro de um adulto. Esta sou eu! (A dançarina, 2024).

Muitas situações vividas somente aqui no Brasil, me ajudaram a ser a pessoa que eu sou hoje (A irmã, 2024).

Mesmo que o abandono e o descaso permeiem as narrativas, a esperança brota, entremeada por suspiros longos e vagarosos, como se ela fosse extraída de um lugar interno e bem profundo, já totalmente enraizada.

Ah, a esperança. Presente em todas as narrativas.

3.4 O distanciamento das cores e sabores venezuelanos

O número de sujeitos afetados e deslocados pelos conflitos, os refugiados e repatriados que são forçados a buscar proteção em outros países, mesmo com todas as restrições em função dos períodos de pandemia e pós-pandemia, já alcançava mais de 280 milhões de pessoas, segundo o Relatório Mundial sobre Migração 2022 das Nações Unidas (Organização das Nações Unidas [ONU], 2023). Milhões de pessoas que clamam por comida, por abrigo e por atenção se deslocam sem o gozo pleno de sua liberdade, de suas crenças e cultura.

Só no Brasil o número de pessoas indígenas refugiadas e migrantes atinge 9.474 pessoas de 3.402 grupos familiares, segundo dados coletados pela Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados, a ACNUR, pelo Comitê Nacional para os Refugiados, CONARE e pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome do Brasil.

A Venezuela é um país que pode ser visto sob pontos de vistas distintos. Para os migrantes é o resultado de longos anos de desgoverno, um país marcado por uma extensa e profunda crise econômica, política e humanitária, onde vivenciaram o desabastecimento, a hiperinflação, o decréscimo de indicadores como o IDH, o aumento da violência e do abuso de autoridade.

Tenho um medo. O único medo que me dá é quando perguntam sobre volta à Venezuela, mas eu digo: eu não! (A dançarina, 2024).

Vim para o Brasil por problema econômico no meu país, que todos sabem, e buscar uma melhoria para meu filho, para minha família ... poder ajudar todos eles (A batalhadora, 2024).

Sob outra perspectiva, uma Venezuela colorida, com uma culinária que valoriza a mandioca e a farinha de milho. Base da alimentação dos venezuelanos, a arepa, feita com a farinha de milho pré-cozida é alimento essencial da culinária do país, com belas praias caribenhas, de um verde azulado.

A crise de refugiados da Venezuela está entre as maiores do mundo. De acordo com *Human Rights Watch*, mais de 7,7 milhões de venezuelanos deixaram o país desde 2014, sendo que 6,5 milhões realocaram-se em países da América Latina e Caribe. O Brasil recebeu, segundo o Governo Federal, 125 mil migrantes e refugiados do país. Extraoficialmente, os números apontam cerca de 500 mil venezuelanos, o que faz do Brasil o terceiro principal destino dos migrantes venezuelanos na América Latina. A crise humanitária e migratória venezuelana tem origem política que, por sua vez, está relacionada a questões econômicas.

Dificuldades, que a gente... muitas dificuldades que a gente não devia passar: econômicas, familiares, muitos desafios que não são fáceis. Foi também muito tempo... passar por estes desafios... e a gente, e eu fui caindo nessa tristeza (A irmã, 2024).

Eu vivia numa tristeza profunda, ainda que, às vezes, eu tentava ocultar, mas era uma tristeza, e agora eu me sinto feliz, eu sinto que posso viver minha vida (A irmã, 2024).

Quando você sai do seu país e leva na mala da mão ou na mala tudo o que você tem, é difícil! Ganhei a oportunidade de conhecer pessoas, homens e mulheres muito receptivos nesta cidade (A dançarina, 2024).

Os migrantes saem de Boa Vista, em Roraima, com destino a Belo Horizonte, Minas Gerais, a bordo de aeronaves da Força Aérea Brasileira. Geralmente, ao desembarcarem solo mineiro são encaminhados para abrigos e locais das redes de apoio aos migrantes na cidade.

3.4.1 A Instabilidade com as eleições em 28 de julho de 2024

Localizado no norte da América do Sul e com a costa voltada para o mar do Caribe, o território foi colonizado pelo império espanhol a partir de 1522 e se tornou a primeira colônia hispano a declarar independente, processo iniciado em 1811 e consolidado em 1830. A história política venezuelana é atravessada por conflitos e por períodos políticos conturbados com a democracia ameaçada por golpes e guerras civis.

Não creio que volte à Venezuela. E as mulheres venezuelanas que conheço, que tenho aqui no meu grupo, tampouco pensam em voltar. Também, meu país não se reestruturou, não tá melhor.

Se pensar em educação, em escola, já fico no Brasil... Lá não tenho esta oportunidade para minhas filhas. Já sou brasileira (risos e gargalhadas) ... (A Dançarina, 2024).

A história da Venezuela é marcada por regimes autoritários desde o século XIX. Viveu uma ditadura militar na década de 1950 e na década seguinte iniciou um período com eleições regulares com o domínio de partidos ligados à elite econômica. Na década de 1990, o país aderiu a um processo de liberalização econômica e provocou a reação de militares nacionalista que tentaram um golpe de estado em 1992. À frente do grupo, estava Hugo Chavez Frias, que liderou o Movimento Bolivariano Revolucionário.

Após dois anos de prisão, Chavez foi libertado em 1994 e, quatro anos depois foi eleito presidente e iniciou o que ele chamada de revolução bolivariana, estabelecendo a nova Lei das Terras, que combatia latifúndios improdutivos, a Lei dos Hidrocarbonetos, que limitou lucros de companhias petrolíferas estrangeiras, e modificou a direção da PDVSA, a estatal de petróleo venezuelana.

Os setores que perderam privilégios reagiram, ampliando o acirramento político que culminou numa tentativa de golpe com ataques ao Palácio de Miraflores em 11 de abril de 2002. Após dois dias afastado, Chavez reverteu o levante e retornou ao poder. Ele alterou a constituição e permaneceu no poder até 2013, quando morreu vítima de câncer. Foi substituído por Nicolás Maduro, então vice-presidente, que se elegeu presidente em eleições no mesmo ano, se reelegeu em 2018 e disputa novo pleito em 2024.

A disputa de 2018 não foi reconhecida pela oposição e questionada pelos vários países, que questionaram a legitimidade de Maduro. Em reação à posse em 10 de janeiro de 2019, o presidente do parlamento Juan Guaidó se autoproclamou presidente da Venezuela. Não exerceu qualquer poder formal e, mesmo assim, obteve reconhecimento de alguns países, entre os quais o Brasil, de Jair Bolsonaro; EUA, de Donald Trump; além de Espanha, Alemanha, França Reino Unido e Israel. Guaidó foi acusado de promover a Operação Gedéon, que utilizou mercenários norte-americanos para tomar o Palácio Miraflores de assalto. A ação fracassou e Guaidó, caiu no ostracismo.

Esse processo político conturbado, instabilidade interna e rejeição de países economicamente importantes, afetaram a economia venezuelana, que se viu mais comprometida quando foi submetida ao boicote capitaneado pelos EUA, como uma potência ideológica que justifica a desigualdade no último século. A desigualdade vem ao longo dos séculos, da escravidão ao colonialismo, à atualidade capitalista, e a origem da desigualdade não está baseada no sistema econômico, a desigualdade não é econômica ou tecnológica: ela é ideológica e política (Piketty, 2014, p. 20).

As diversas sanções e embargos econômicos impostas ao país alcançam dimensões dignas de obras do realismo mágico dos melhores escritores latino-americanos. Em junho de 2020, o Banco da Inglaterra vetou o acesso do Banco Central da Venezuela a 31 toneladas de ouro que o país depositou no banco central britânico. Os lingotes, com valor equivalente a US\$ 1 bilhão, foram armazenados nas instituições como forma de proteção às reservas internacionais do país.

A justificativa da Venezuela para utilizar os recursos era a geração de fundos que seriam utilizados no combate à pandemia do coronavírus. Os valores seriam repassados ao Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (Pnud) e usados na aquisição de alimentos e remédios para os venezuelanos. Para reter os valores, o Banco da Inglaterra argumentou que o Reino Unido reconhecia o autoproclamado Juan Guaidó como presidente legítimo da Venezuela e, como o Banco Central do país latino, respondia ao governo Maduro, não teria legitimidade para reivindicar os recursos.

O país enfrenta problema equivalente desde 2020 com o *Deutsche Bank*, que possui depósito no valor de US\$ 123 milhões que pertencem ao Banco Central da Venezuela. Os recursos têm origem em um acordo de *swap* – mecanismo utilizado no mercado financeiro para diminuir os riscos de uma carteira de investimento – entre as instituições. Os alemães argumentam que, diante das dúvidas sobre quem era o presidente legítimo, seria necessário que o caso fosse avaliado por uma corte judiciária.

A proibição imposta pelos Estados Unidos da América de comercialização com o país compromete o abastecimento de vários produtos, de equipamentos e de itens necessários para o funcionamento da incipiente indústria local. Também afeta o turismo, fonte de renda que deixa de existir quando o destino sofre vetos de outras nações.

Esse histórico de boicote econômico aliado à conturbada política contribui para o comprometimento do exercício da cidadania na Venezuela. E em 2024, as relações internacionais foram acirradas com as mais recentes eleições.

As eleições presidenciais, realizadas em 28 de julho de 2024, elevaram as tensões e contribuíram para aumentar o isolamento do país. Ao mesmo tempo que o presidente Nicolás Maduro, que concorreu a um terceiro mandato, se declarou vitorioso, a oposição, que concorreu com Edmundo Gonzáles, também se apresentou como vencedora. A divulgação dos resultados pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE), que apontou vitória de Maduro, foi recebida com ceticismo pela comunidade internacional e foi contestada por parte da população.

De acordo com a legislação eleitoral da Venezuela, após a contagem dos votos, o CNE deveria confirmar o resultado com a divulgação dos boletins de urnas, mas o órgão eleitoral não

apresentou tal conferência. A comunidade internacional se dividiu em relação aos resultados. Alguns países como Estados Unidos, Uruguai, Costa Rica, Equador e Panamá reconheceram a vitória da oposição, e outros, incluindo Bolívia, Rússia, China, Irã e Cuba reconheceram a Maduro como vencedor.

Brasil e Colômbia, que se colocaram como fiadores do processo eleitoral venezuelano, exigiram a comprovação dos números por meio da divulgação dos boletins de urnas, o que não aconteceu. Os dois países passaram a contestar o processo eleitoral e não cancelaram os dados apresentados pelo CNE. O ceticismo de parte significativa da comunidade internacional contribui para ampliação do isolamento da Venezuela, tornando ainda mais difícil a retomada da estabilidade política, econômica e social no país.

3.4.2 *As Incertezas*

Além das ações isoladas de boicote que possuem grande valor monetário e afetam a economia da Venezuela, as sanções comerciais e o embargo econômico a que o país é submetido, sufocam a economia local. Os venezuelanos migram em busca de melhores condições de vida. Nada impede de pensar que a imigração tem mais chances de ser bem aceita pelas populações menos favorecidas dos países ricos se tais instituições estiverem presentes para garantir que os benefícios econômicos da globalização gerem lucros para todos (Piketty, 2014, p. 661).

Apesar de ser detentor das maiores fontes de petróleo do mundo, o país encontra dificuldades para comercializado e, assim, obter recursos fundamentais para o abastecimento do mercado interno, refletindo no crescimento da miséria.

Mais que as turbulências políticas, as restrições econômicas impostas à Venezuelana, são preponderantes para alimentar a crise migratória. Ainda que aceitáveis, as dúvidas sobre a democracia no país não são aplicadas de maneira simétrica em relação a outros regimes, fato que leva ao questionamento sobre as intenções da comunidade internacional.

[O crescimento demográfico proveniente da imigração traz outras consequências, sobretudo em termos da desigualdade entre imigrantes e nativos, assim como dentro desses próprios grupos. Não é possível, portanto, comparar essa situação com a de uma sociedade onde o dinamismo da população resulte principalmente do crescimento natural (Piketty, 2014, p.105).]

Se para quem sai da Venezuela há a incerteza sobre o que o espera após cruzar a fronteira geográfica, a desigualdade de oportunidades, as dificuldades com a língua e com a cultura de outro país ampliam a barreira da adaptação.

3.5 Direito Achado na Rua – DAR

*O direito não é; ele se faz, [...].
nasce na rua,
no clamor dos espoliados e oprimidos.
Roberto Lyra Filho*

Uma concepção teórica, colaborativa e solidária, desenvolvida a partir da ideia de pensar o Direito como liberdade e originada nos movimentos sociais, o Direito Achado na Rua (DAR) é orgânico e dinâmico e emerge de fontes variadas. Originário das demandas internas e externas nas manifestações e lutas coletivas populares, o DAR foi conceituado por Roberto Lyra filho, que tem em sua obra a referência para compreender as bases dessa corrente teórica do Direito, seguida posteriormente por José Geraldo Souza Júnior.

Ambos os pesquisadores brasileiros, que se dedicaram à pesquisa sobre o que é o Direito e buscaram identificar um saber crítico e transformador oriundo das lutas populares em busca de avanços sociais.

[Uma concepção de Direito que emerge, transformadora, dos espaços públicos – a rua – onde se dá a formação de sociabilidades reinventadas que permitem abrir a consciência de novos sujeitos para uma cultura de cidadania e de participação democrática (Sousa Júnior, 2008, p. 6).]

Direito e lei não são sinônimos. Os operadores do direito que zelam pelo conjunto de valores e tradições diferem das ações mais contundentes que enxergam no sujeito a razão de existência da legislação. Mesmo que a crença no direito único, seja predominante no Brasil, às vésperas da promulgação da Constituição de 88, quando várias pessoas que estavam nas lutas por direitos fundamentais nas terras, nas penitenciárias e nas ruas, por uma questão de resistência, o Direito Achado na Rua foi se consolidando.

[A lei sempre emana do Estado e permanece, em última análise, ligada à classe dominante, pois o Estado, como sistema de órgãos que regem a sociedade politicamente organizada, fica sob o controle daqueles que comandam o processo econômico, na qualidade de proprietários dos meios de produção (Lyra Filho, 2006, p. 3).]

Com um processo didático-pedagógico construído com a participação de pessoas em luta, esta concepção teórica denominada O Direito Achado na Rua traz um olhar voltado para as ruas e a percepção de que há novas lutas sendo empreendidas, que os movimentos sociais são significativos e que quem faz essas lutas é o “sujeito coletivo”. Mesmo que não seja hegemônico, mesmo que enfrente resistências no meio acadêmico e no próprio Judiciário, O Direito Achado na Rua coexiste com as formas mais tradicionalistas do Direito, enquanto saber e conhecimento, traz a diferenciação no olhar e um novo protagonismo. Passa da afirmação que o “Direito é lei!” para a constatação que o “Direito é liberdade!”

[O sentido que orienta o trabalho político e teórico de O Direito Achado na Rua consiste em compreender e refletir sobre a atuação jurídica dos novos sujeitos sociais e, com base na análise das experiências populares de criação do direito [...]. Enquadrar os dados derivados destas práticas sociais criadoras de direitos e estabelecer novas categorias jurídicas para estruturar as relações solidárias de uma sociedade alternativa em que sejam superadas as condições de espoliação e de opressão do homem pelo homem e na qual o direito possa realizar-se como um projeto de legítima organização social da liberdade (Sousa Junior, 1993, p. 10).]

Transcende a linha de operação do direito com a aplicação de normas, regras e sanções, para uma atuação mais humanista, com práticas mais transdisciplinares e interdisciplinares, sob a ótica do DAR. O olhar desvia-se da lei, das normas e direciona o foco ao sujeito coletivo. Mesmo a semântica se transforma.

A letra da Lei, seguida *ipsis litteris*, que representa a dominação, inclusive em seus silenciamentos, para o DAR não é mais seguida, pois a percepção da lei depende de quem ela é aplicada, afinal, tanto o rigor da lei quanto a própria dominação têm interpretações diferentes para cada sujeito. O direito serve, integra e reproduz esta dominação?

A Constituição Federal de 1988 dispõe de um título específico sobre os Direitos e Garantias Fundamentais e no Artigo 5º. trata da igualdade dos direitos fundamentais do ser humano para conferir dignidade à vida humana e proteção dos indivíduos: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (Brasil, 2016, p. 13).

Se a letra da lei institui esta igualdade, a realidade mostra que grupos são tratados e reconhecidos pela lei de forma não igualitária. As questões que envolvem os sujeitos em vulnerabilidade estão relacionadas com a vida, com a sobrevivência dos corpos em movimento, é o direito fundamental e inalienável de viver sendo desrespeitado, e, a luta contra o apagamento e a morte vivida diariamente. Como a família Canelón, que luta pela sobrevivência em Belo

Horizonte, ou o casal que além de perder a filha, ainda na Venezuela, não consegue recurso para uma vida mais digna, com o marido em emprego informal e a esposa desempregada, ou a dificuldade encontrada para a regularização da documentação em solo brasileiro.

3.6 A reverberação dos direitos em solo estrangeiro

Conhecer a historicidade do sujeito e encontrar nas trajetórias de vida os aspectos históricos, sociais, interculturais é um caminho para uma transformação humanitária.

Transcender a linha de operação do direito com a aplicação de normas, regras e sanções, para uma atuação mais humanista, com práticas mais transdisciplinares e interdisciplinares.

Após ser amplamente utilizada como metodologia nas ciências humanas e sociais, em contraponto à sociologia positivista e ter sido abandonada até a retomada no final do século passado, a aplicação do método (auto)biográfico tem reconhecimento científico, e aponta para um caminho epistemológico baseado na subjetividade e na integração entre sujeitos. A especificidade do método biográfico implica ultrapassar o trabalho formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida (Ferrarotti, 1988, p. 172).

Entre a história individual e a história social, narrada pelo sujeito-migrante o percurso construído com a (auto)biografia não se traduz como um *bric-a-brac*, um mosaico de onde se retira dados e informações para uma formatação tradicionalista. É uma construção, um encontro entre o sujeito e o sujeito social, imbricados em uma vida social determinada e determinante.

Cada indivíduo não totaliza diretamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio de seu contexto imediato, os pequenos grupos de que faz parte; nestes grupos são, por seu turno, agentes sociais ativos, que totalizam o seu contexto etc. (Ferrarotti, 1988, p. 174).

As narrativas (auto)biográficas, originariamente e essencialmente privadas, são legitimadas nas exposições de si em narrativas digitais. Sujeitos são ditos pelas palavras, construídos pelo discurso. O que a palavras não dizem, também falam pelo sujeito.

A harmonia entre a linguagem oral, escrita e falada, aliada à expressividade da comunicação não verbal resulta em uma narrativa rica, completa e plena de vivências. Mesmo quando não há sincronicidade entre o gesto e a fala, ou quando a postura é o revés da fala, as manifestações expressivas do sujeito estão inebriadas pelas lembranças das experiências vividas. A narrativa permite compreender a interculturalidade da memória e das práticas sociais de migrantes, desvelam dinâmicas sociais e culturais.

Um descortinar da experiência individual do sujeito transportada para uma forma narrativa rica. Não apenas a narrativa oral ou escrita, mas diversas e variadas manifestações de narrar subjetivamente as experiências.

Eu saí fugido! Saí fugido porque se o governo pega, mata! Eu fui perseguido pelo governo, fugi por causa do que aconteceu com a minha filha porque você não pode reclamar e nem falar a verdade (O pai, sem a filha, 2024).

A memória traz o sofrimento e também a alegria, sem revitimizar, mas com a possibilidade de se conscientizar e dar o devido lugar ao que não se cura com o tempo. Ficam sempre marcada nas narrativas (auto)biográficas a saudade, a falta da família e de amigos, e a distância que não é medida em números, mas em letras que compõem os nomes daqueles que não estão por perto. Nas narrativas, tem dor, tem sofrimento e tem um sujeito como vítima, seja pelas condições humilhantes e degradantes para a concretização do processo migratório, seja pelo desaparecimento ou pela perda da vida na travessia. A subnotificação também ocorre nesta situação, o que dificulta a implementação de políticas públicas.

Pelo menos 8.565 pessoas morreram em rotas migratórias em todo o mundo em 2023, tornando-o o ano mais mortal já registrado, de acordo com os dados coletados pelo Projeto Migrantes Desaparecidos, da OIM, Agência da ONU para as Migrações. O número total de mortes em 2023 representa um aumento trágico de 20% em comparação com 2022, enfatizando a necessidade urgente de ação para evitar mais perdas de vida. O próprio relatório menciona que é muito difícil realizar o levantamento de informações sobre as origens dessas pessoas, de modo que o número de 50 mil mortos provavelmente é subestimado, diversas mortes podem passar despercebidas pela OIM (OIM, 2024).

Por outro lado, a justiça brasileira considera vítima qualquer pessoa natural que tenha sofrido danos físicos, emocionais, em sua própria pessoa ou em seus bens, causados diretamente pela prática de um crime, por ato infracional, calamidade pública, desastres naturais ou graves violações de direitos humanos, segundo a Resolução 243/2021 do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP, 2021).

As possíveis consequências psicológicas, emocionais, sociais e econômicas estão diretamente ligadas ao desrespeito à dignidade da pessoa e desrespeito aos direitos humanos. Ao possibilitar a gravação de si, de forma humanizada e respeitosa busca minimizar danos e prevenir a revitimização dos migrantes. Ao possibilitar a fala espontânea para a câmera, esta prática oferta liberdade de escolha sobre a fala e oportuniza o aflorar da narrativa (auto)biográfica, evitando a reincidência da vitimização.

4 ORIGENS E NARRATIVAS

4.1 Narrativas (Auto)biográficas

*Quando escrevo,
repito o que já vivi antes.
Guimarães Rosa*

O termo Narrativas (auto)biográficas foi adotado nas diferentes edições do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA). Essa denominação remete a um campo de investigação já consagrado em países anglo-saxões (*Biographical Research*), na Alemanha (*Biographieforschung*) e em processo de reconhecimento na França (*Recherche biographique en éducation*).

As pesquisas que utilizam o método (auto)biográfico podem considerar diferentes tipos de materiais na abordagem investigativa, sejam primários ou secundários. Ferrarotti (1988) considera os primários, as próprias narrativas (auto)biográficas, produzidas na e com a pesquisa, pelos envolvidos diretamente no processo de investigação, de outra forma, os secundários, suportados em outras ferramentas como as cartas, correspondências, fotografias, documentos, recortes de jornal entre outros, originados de forma periférica e externa à própria pesquisa.

[Devemos voltar a trazer para o coração do método biográfico os materiais primários e a sua subjetividade explosiva. Não é só a riqueza objetiva do material primário que nos interessa, mas também e sobretudo a sua pregnância *subjetiva* no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador (Ferrarotti, 1988, p. 25).]

Os meios primários são pilar desta escrita oriunda da transcrição e análise dos conteúdos originados a partir da gravação das memórias do sujeito migrante, com narrativas (auto)biográficas produzidas pelos próprios sujeitos, instrumentalizados de forma básica e sistemática para a apropriação dos meios tecnológicos em áudio e vídeo.

As narrativas audiovisuais realizadas pelos próprios migrantes surgiram como uma volta para si mesmos, onde cada um se apropria das ferramentas e dos espaços ao escolher se a gravação seria somente por captação de áudio ou em áudio e vídeo, onde seria o cenário de gravação, o tema a ser abordado. A autogravação reduz a indução que ocorre em uma entrevista estruturada, onde o entrevistado é direcionado a partir das perguntas realizadas pelo entrevistador. Delory-Momberger (2012) explicita que a história de vida do sujeito é construída por meio da narrativa. Ao emergir, na fala ou na falta dela, na comunicação verbal e não-verbal,

as linhas de pensamento, as memórias vão surgindo, desconectadas ou associadas, e se alinhando uma narrativa onde o sujeito se encontra como protagonista da sua história. É a narrativa que dá um sentido próprio, para a vida do sujeito. A história vai sendo reconstruída pelo sujeito.

Todas as gravações filmadas pelos próprios migrantes, como forma de instrumentalizar os sujeitos, surgiram como uma definição individualizada sobre o enquadramento, o espaço como cenário da gravação e a forma de se mostrar no vídeo. Biografar é extrair de si seus anseios, conquistas, medos e desejos. Um processo de reflexão que se traduz em escolhas, definições e retomada de decisão por cada item da gravação. É traduzir em forma e conteúdo sua história de vida. Assim, sujeitos dão formato e significado às suas experiências e impregnam de sentido as palavras e gestos em seus percursos, trajetórias, lugares e não lugares. A estética audiovisual da gravação de si permite aos sujeitos um distanciamento do papel do entrevistador, questionador, interlocutor, mediador e volta-se para o próprio sujeito uma conversa consigo mesmo.

Uma verdadeira terapia (Nexy Guzmán, 2024.)

É como dar a si mesmo a oportunidade de se olhar e se enxergar no espelho (A esposa, Maria Esther, 2024)

Um sujeito de uma nacionalidade diferente do país onde se encontra, com uma língua distinta, com cultura diferenciada. Um sujeito histórico.

Sinto falta da minha cultura (Alisson, a irmã, 2024).

Os relatos orais e gestuais das narrativas (auto)biográficas como método de investigação qualitativa encontra nas narrações os pontos de convergência e divergência presentes nas expressões verbais e não verbais dos depoimentos dos migrantes, por meio dos processos de ressignificação de suas histórias de vida na narrativa (auto)biográfica. São pessoas, são mulheres, são homens, antes de se tornarem também migrantes.

Antes de adicionar à minha história a palavra e a condição de migrante, sou uma pessoa, sou gente, sou mulher (Cristina Carolina La Rosa, 2024).

Para além das gravações, há também a transcrição da fala e as consequentes leituras minuciosas, a tradução livre da língua espanhola para a língua portuguesa, e as visualizações reiteradas para identificar as questões de união e de distanciamento entre as narrativas. Cada movimento, a relação incerta entre mudança e permanência se cruzam indistintamente no

silêncio (Orlandi, 1995, p. 13), como também as impressões contidas nas imagens registradas e como as narrativas representam o próprio sentido de vida destes sujeitos em deslocamento.

Como forma de expressividade subjetiva, informativa e sensorial, as narrativas (auto)biográficas de sujeitos em deslocamentos constantes, distanciados de suas origens e de sua cultura, conectam a vida a uma realidade imaterial, permeada por lembranças e impregnadas pela realidade do presente. As implicações da subjetividade nas novas formas de se narrar apontam para uma representatividade do não-lugar seja como passagem ou seja como permanência.

Essas narrativas de si transpõem as linhas imaginárias, denominadas fronteiras, também as barreiras do privado, e, ainda revelam as marcas que constituem o sujeito, que ao se inscrever na fala endereça sua fala ao outro, a uma infinidade de outros, conhecidos e desconhecidos, e que vêm impregnadas de desejos e de saberes. Também emergem na fala os atos falhos, as faltas e as incompletudes, as marcas do sujeito.

[O autobiográfico, assim, pode ser entendido como uma linguagem da experiência, que guarda as ambiguidades da produção de sentido sobre o que nos tocou, o que nos passou, o que nos aconteceu, reelaborada com o texto. E, por isso mesmo, sua ambivalência impressa na linguagem e sua invenção, refletem a própria característica humana de narrar o acontecido, reinventando-o (Matos-de-Souza, 2022a, p.18).]

As narrativas (auto)biográficas destes sujeitos migrantes apontam caminhos que identificam as marcas do processo de (in)visibilidade que os cercam. Debruçar-se sobre estes encontros com os migrantes, sobre a expressividade informativa, sensorial e linguística das suas narrativas (auto)biográficas, distanciados de suas origens e de sua cultura contribui com a compreensão do atravessamento social e histórico na inscrição do sujeito no mundo contemporâneo, de narradores em deslocamentos territoriais e simbólicos.

Nas narrativas (auto)biográficas o sujeito se inscreve quando endereça sua fala ao outro, imbuída de significados. A língua materna e as línguas incorporadas se confundem e se aproximam em uma simbiose vocal e de significados. A necessidade da fala e do uso de meios comunicacionais de forma constante para a inserção em outro país exige do migrante um esforço extra para a sobrevivência.

Também estão presentes as marcas da vida deixada em outro país. Desde a forte resolução sobre não reviver, nunca mais, o que ficou marcado em suas vidas, que permanece impresso em cada migrante como o desejo de não querer voltar a sentir fome, desesperança, fragilidade, abandono, cansaço, incertezas de não compartilhar com a família a falta de medicamentos e atendimento médico e a vida nas ruas.

Em outras falas, o sorriso memorial, a inclinação para a frente, para ficar ainda mais próximo da câmera do smartphone, com gestos agitados de quem quer narrar sua história de superação, do vislumbre de uma nova vida, da aventura, do desafio, da esperança, das novas oportunidades, de recomeços, das possibilidades de trabalho e moradia para a reconstrução da vida.

São encontradas entre as narrativas as marcas da (in)visibilidade nas dificuldades de se fazer entender, para entender, para se comunicar em uma língua diversa, para o encontro de novas relações afetivas e amorosas, para ser ouvido, escutado, percebido, olhado e visto.

As palavras e frases, sempre curtas e entrecortadas misturam e embaralham os idiomas; os verbos conjugados buscam a tradução dos movimentos; as reticências adquirem sentidos ambíguos e vão além da suspensão da frase ou da continuidade de uma ação ou fato; as aspas gestuais com dedos que cortam o espaço ultrapassam o sentido da referência à citação de outras pessoas ou autores, e passam a conceder destaque às palavras ou expressões e também buscam dar conotações diferentes àquelas já conhecidas. Sinais de pontuação e sinais de existência do sujeito.

Traduzem mais que a língua, uma forma de se inscrever singularmente em um outro mundo, diverso do seu.

Na voz e na fala, os migrantes unem os aspectos ligados ao conjunto de fatores socioculturais que possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento da e sobre a língua materna e nova língua a ser assimilada com o deslocamento, para a interação com o outro e com o mundo.

Como o processo de deslocamento tem aumentado entre sujeitos que deixam seu país e de estrangeiros que chegam a um país diferente de sua pátria, é necessário que exista espaço de reflexão e discussão acerca destes processos migratórios, e propiciar espaços de fala e voz própria aos migrantes, e até mesmo para as formas do silêncio (Orlandi, 1995).

A gente falou tanto, de tantas coisas que passamos... Acha que podemos, depois, aproveitar toda essa nossa história contada aqui para transformar em um livro da nossa vida? (O pai, 2024).

Para Delory-Momberger (2012, p. 278), a narrativa de vida é um relato suscitado por uma solicitação exterior e esse pedido é endereçado a alguém que, na maioria das vezes, nunca teria pensado em escrever sua autobiografia.

Ao buscar na memória, contar, recontar, escolher as palavras para materializar a história de vida, ficar em silêncio, voltar à narrativa, o sujeito traz sua história biográfica, a da sua

família, da sua comunidade e de seu país com plasticidade dos conteúdos e o desvelamento das marcas que emergem deste sujeito-migrante.

4.2 Direto da fonte

*Mas quem é que sabe como? Viver. . .
o senhor já sabe: viver é etecétera. . .
Guimarães Rosa*

A construção deste escrito sobre os *Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em movimento* ultrapassa a escrita e envolve as artes visuais, a comunicação e a estética das produções audiovisuais, ameadas a partir das narrativas (auto)biográficas de sujeitos-migrantes e pauta-se em questionamentos que emergem nos caminhos da vida e no mundo e como resultado da inquietação proveniente do envolvimento e da participação em movimentos sociais que tratam da vulnerabilidade de pessoas em situação de rua.

Santaella (2016, p. 61) esclarece que a investigação nasce da observação de algum fenômeno surpreendente, de alguma experiência que frustra uma expectativa ou rompe com um hábito de expectativa. Essa atividade da passagem da dúvida à crença, de resolução de uma dúvida genuína e, conseqüente, estabelecimento de um hábito provisoriamente estável é o que se chama de investigação.

Nesses caminhos do mundo contemporâneo está este sujeito sem fronteiras, sem país e sem casa, num mundo onde existem fronteiras erigidas e outras líquidas, menos fixas ou estáveis. A pandemia de Covid-19, com duração de 1150 dias, doença causada pelo coronavírus ocasionando a síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) causou reflexos profundos e complexos sobre a mobilidade global. A Covid-19, como uma emergência da saúde global, teve o fim declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 05 de maio de 2023.

Para além dos efeitos do isolamento social, somam-se também as suspensões e restrições de deslocamentos e o fechamento de fronteiras.

Como reflexo da pandemia ocorreram também as consequências nas dimensões multiculturais que perpassam a relação do sujeito com a cultura e a educação e também com a sua própria constituição enquanto sujeito migrante em movimento, em lugares de encontro, de desencontro, de interação e de troca, e, também de travessias.

Os encontros com os sujeitos-migrantes ocorrem na cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, sempre aos fins de semana, durante a participação da população migrante da

capital mineira em aulas de curso de extensão para o aprendizado e aperfeiçoamento da língua portuguesa para estrangeiros. Para além do ensino formal da língua portuguesa, a aproximação com a cultura belorizontina, mineira e brasileira se dá pelo compartilhamento de sonhos e ideais, pelo compartilhamento de narrativas, pela ressignificação de memórias, pelo alimento, e pelo afeto. O conhecimento construído pela convivência afetiva. Um programa transdisciplinar de extensão universitária, desenvolvido pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas transdisciplinar para oportunizar a interação e a emancipação social de crianças, jovens e adultos, em situação de refúgio e migração e busca cumprir os Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pelas Nações Unidas para 2030.

Dentre os duzentos inscritos no curso de extensão, oriundos predominantemente da Venezuela, Colômbia, Haiti e Síria, as gravações foram realizadas com dez venezuelanos e dois haitianos, que se tornaram um caso à parte.

Um número expressivo de venezuelanos se encontra, sempre aos sábados no período da tarde, em um edifício próximo à Praça da Liberdade, ícone da arquitetura e da história da cidade de Belo Horizonte. Lá está localizado um dos campi da PUC Minas, Universidade Católica de Minas Gerais, onde funciona o Projeto Ler.

Os migrantes são motivados pelo desejo de aprender a língua portuguesa, em cursos oferecidos pelo Projeto Ler, uma comunidade intercultural de aprendizagem, pautada pela convivência afetiva e pelo comprometimento com o outro e com o processo de emancipação social e de inserção cultural de migrantes e refugiados.

Inspirados na Pedagogia Paulo Freire, acreditamos que a educação deve ser uma experiência humana, orientada pelo afeto, para a prática da liberdade. Em termos metodológicos, nossas ações têm forte inspiração na *Pedagogia do Bom senso*, do pedagogo francês *Célestin Freinet*. Entre essas ações, estão aquelas que assumem o espaço público como espaço de aprendizagem e o uso das tecnologias da informação e da comunicação como importante estratégia para a interação social. Todas as nossas ações pedagógicas baseiam-se na defesa do exercício da autonomia pessoal, no reconhecimento dos talentos e aptidões, na inclusão e emancipação de refugiados e migrantes que desejam ou necessitam aprender a língua portuguesa, como forma de se inserir social e culturalmente no Brasil (ProjetoLer.com, 2024, n.p.)

As abordagens para a participação dos migrantes na investigação ocorrem de forma respeitosa e com todos os cuidados que envolvem as pessoas em situação de vulnerabilidade.

Sempre aos sábados, e antes do início das aulas, os encontros resultaram em muitas horas de gravação em audiovisual, muitas imagens, áudios, além de conversas e o compartilhamento de histórias de vida.

A análise da comunicação verbal e não-verbal nas gravações (auto)biográficas do sujeito que se inscreve em uma narrativa imbuída de significados, conecta também e direciona para os momentos de captação destas gravações, dos encontros, dos partilhamentos e compartilhamentos de sonhos. As narrativas individuais de migrantes trazem as características que as unem e as que as segregam.

Nas narrativas do sujeito, o enunciado, o dito, mesmo que pareça ser endereçado ao outro e trafegar em uma mão única, desdobra-se em enunciação, o não dito. A narrativa diz do sujeito, mais que o conteúdo que ele elabora e fala. As marcas da enunciação são encontradas nas imprecisões, nos atos falhos, nos trocadilhos, nas aspas, nas pontuações desordenadas, nas reticências, nas pausas nas ausências e nos silêncios.

As aspas constantes na fala servem para dar uma conotação diferente ao sentido oferecido pela frase, ora ironia, ora humor. Funcionam também como forma de marcar a palavra e oferece um sentido inverso àquele encontrado no dicionário. Uma voz diz a palavra como se lê e outra como se interpreta. Há o sujeito que narra e o sujeito que fala entre as aspas. As diferentes marcas da enunciação emergem nas narrativas (auto)biográficas.

Há também mais de um enunciator em várias narrativas, com tempos verbais distintos, e endereçadas a vários outros. O sujeito que fala no presente e o texto narrado que traz as marcas do passado é uma constante nas narrativas dos migrantes.

Nota-se a constância das reticências para exprimir não somente a continuidade, como a constatação, a ironia, o lamento, o sofrimento, a dor, a discordância e a indignação. Mas também as lembranças, o amor e a satisfação. As reticências são usadas também como negação de palavras impronunciáveis e impúblicáveis. Mesmo que o sentido direcione para algo que o sujeito deseje, ao falar a palavra torna-se irregistrável e em seu lugar as reticências aparecem. Procura negar o seu próprio dizer buscando algo que sustente o seu dito.

É um encontro com si mesmo. Ou um reencontro com sua história. Um desencontro com sua fala.

5 POSSIBILIDADES TRANSMÍDIAS

Os meios transmídias oferecem possibilidades para operar como instrumentos narrativos e reconhecer e evidenciar as narrativas (auto)biográficas dos sujeitos-migrantes como instrumentos de compreensão e análise dos processos de (in)visibilização e (hiper)visibilização das vidas em vulnerabilidade, considerando que o reconhecimento da dignidade das pessoas e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo.

Muitos novos conceitos foram incorporados como conhecimentos essenciais para as reflexões sobre a contemporaneidade, os espaços, lugares, não-lugares reais e virtuais, a comunicação e as relações sociais.

5.1 Apropriação de meios para a materialização das histórias de vida

A ubiquidade, audiovisual e tecnológica, é um reflexo da vida contemporânea, com informações e conteúdos que podem ser acessados em múltiplos espaços e tempos, onde a convergência e a integração dos meios estão presentes. Santaella (2014) analisa a condição contemporânea da existência humana como ubíqua, com ocupação de mais de um lugar no espaço, e, ao mesmo tempo, como sujeitos presentes-ausentes, em algum lugar e fora dele.

Em função da hipermobilidade, tornamo-nos seres ubíquos. Estamos, ao mesmo tempo, em algum lugar e fora dele. Tornamo-nos intermitentemente pessoas presentes-ausentes. Aparelhos móveis nos oferecem a possibilidade de presença perpétua, de perto ou de longe, sempre presença. [...] Corpo, mente e vida ubíquas (Santaella, 2014, p. 16).

As narrativas de sujeitos-migrantes que enfrentam a necessidade de se expressar em uma língua desconhecida altera a espontaneidade da fala, da fluidez da narrativa essencialmente oral. São diálogos entrecortados pela falta de palavras, pelo vocabulário escasso de uma linguagem ainda basilar. Há várias narrativas possíveis de si e essa manifestação dialoga com a cultura.

As expressões da narrativa (auto)biográfica extrapolam a fala - no contexto da oralidade - e a escrita. Na expressão de si, o corpo se manifesta. Entre movimentos faciais, de braços e mãos, o corpo diz o que a fala não encontra palavras.

Da língua materna à local, espaço e tempo se digladiam para oferecer no mais breve período uma adaptação da linguagem para expressar os sentimentos e desnudar de forma alternativa as narrativas que emergem das fronteiras. Os relatos orais e gestuais de histórias de

vida possibilitam encontrar nas narrações os pontos de convergência e divergência presentes nas expressões verbais e não verbais dos depoimentos dos migrantes.

As palavras e as suas sonoridades estão presentes na comunicação e na relação entre os sujeitos. Os significados das trajetórias e das práticas experienciais da vida do migrante encontram lugar na comunicação não-verbal, por meio de expressões faciais, posturas, distanciamentos físicos e gestos. Para Delory-Momberger (2012, p. 279), o narrador reconstrói as etapas e os acontecimentos de sua vida e lhes dá a coerência que eles não tiveram.

5.2 Caráter transdisciplinar da abordagem

Neste processo de investigação a transdisciplinaridade está presente na abordagem teórico-metodológica que traça as relações interculturais, nestes centros de convivência com a população migrante, promovendo o intercâmbio de conhecimentos e a produção científica, nos múltiplos domínios da interculturalidade.

Essas reflexões temáticas originadas na observação e na experiência urbanas somadas à participação nos últimos anos com os movimentos sociais referentes às pessoas em vulnerabilidade social e à população de rua, aliadas à carreira profissional e a experiência ao longo das últimas décadas com a comunicação, o cinema, a televisão e ao audiovisual estão na base do caráter transdisciplinar da abordagem.

Santaella (2016, p. 54) evidencia que o que é e para onde caminha um determinado campo ou ramo da ciência é uma tarefa que se resolve, sempre provisoriamente, na comunidade dos pesquisadores que estão honestamente engajados no avanço das questões concernentes ao seu campo de indagações ou de problemas.

Estão envolvidas áreas do conhecimento como as ciências sociais, antropologia, comunicação social, especificamente o audiovisual para discutir o simulacro do não-lugar, do lugar de passagem, onde sobrevivem sujeitos-migrantes, onde ocorrem encontros e desencontros. O não-lugar é diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado (Augé, 2006).

6 A PRAÇA DA LIBERDADE

O local determinado para os encontros está localizado em um espaço icônico na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, no sudeste brasileiro: a Praça da Liberdade.

6.1 Os Encontros

O primeiro encontro com os migrantes venezuelanos ocorreu no dia 06 de abril de 2024. Durante toda a tarde foram feitas visitas a cada uma das salas onde os migrantes têm aulas. São turmas divididas primeiramente em referência à idade, sendo reunidos em turmas de crianças, adolescentes e adultos e uma segunda divisão refere-se ao nível de conhecimento da língua portuguesa.

A recepção e o acolhimento foram muito satisfatórios. A cada sala de aula foi feita uma apresentação pela coordenadora do projeto, que introduzia a temática da pesquisa e reforçava que a participação na pesquisa era totalmente voluntária e de forma alguma obrigatória. Este reforço ajudava a perceber, principalmente pelos olhares que havia uma curiosidade sobre a temática. Foi explicado em cada turma que a pesquisa era da Universidade de Brasília, a capital federal do Brasil, e o motivo de ser executada em Belo Horizonte.

Primeiramente, ao estar com a coordenadora do curso, a espera para fazer a visita ocorreu em uma turma com 8 estudantes infantis, crianças de 7 a 10 anos de idade. As crianças são nominadas somente pelo primeiro nome para que não sejam identificadas.

Pedro, Amaranta, Fabian e Mariana da Venezuela, Juan e Lucas, da Colômbia, Schriran da Síria e Maria do Brasil. Como se tratava de um segundo encontro entre a coordenadora, duas professoras e os alunos, as próprias crianças estavam se conhecendo e o contato com estes migrantes foi uma introdução ao mundo da língua espanhola, as percepções acerca da localidade onde estavam, a Praça da Liberdade, a cidade de Belo Horizonte e o Brasil.

E assim em algumas horas desse segundo encontro entre crianças e professoras, por meio de jogos e leituras, as crianças iam percorrendo em uníssono, gritando em coro as respostas corretas do *quizz* apresentado em texto e fotografias pelas professoras sobre a Praça da Liberdade onde estavam naquele momento e algumas imagens representativas de Belo Horizonte e perguntas sobre o país de origem dos alunos em sala de aula. Entre a felicidade pelos acertos das respostas e o alvoroço pela tentativa de acertar um antes do outro cada uma das respostas, esta foi a companhia para a visita em cada uma das salas de adultos.

Como uma pequena excursão, a pesquisadora, as professoras, a coordenadora e as oito crianças foram fazer, juntas, a visita a cada uma das turmas de migrantes na mesma tarde.

Em todas as turmas foi informado de forma explícita e reiterada que a participação seria voluntária, não obrigatória, mediante autorização expressa e devidamente assinada e que a qualquer momento entre o primeiro encontro e a finalização da pesquisa seria possível voltar atrás e revogar a autorização. Em todas as turmas, essa informação foi referendada e também reiterada pela coordenadora, deixando clara a não obrigatoriedade da participação.

Durante as visitas nas 8 turmas, ficou acertado que a pesquisadora aguardaria os migrantes na hora do intervalo no saguão do prédio, durante o lanche das turmas.

Na hora do intervalo, no andar térreo (identificado com andar 2 no elevador) é montado um lanche para todos os participantes das turmas. Este era o local e a hora ideais para um primeiro encontro da pesquisadora com os migrantes, sem outra mediação. A oportunidade de estar em contato diretamente com cada migrante, para um primeiro encontro "*face to face*" com os migrantes, e, especificamente, com quem tivesse realmente se interessado em participar da pesquisa.

Posicionada em um banco mais afastado, distanciado da mesa de lanche, para não interferir no momento dedicado à alimentação, a pesquisadora aguardou o primeiro contato, sem mediação.

Sim. Havia interesse.

Ao fim do primeiro dia, foram 10 migrantes venezuelanos e dois haitianos que se aproximaram, colocaram-se à disposição para participar voluntariamente da pesquisa.

A primeira conversa foi em pé, durante o período de intervalo, entre as aulas.

O haitiano Mackenson, que tem uma voz surpreendente e é cantor amador, atua de forma não profissional com o canto entre amigos

Dos venezuelanos, a primeira a se colocar como participante foi a Guiomar González. Entre um salgado e um doce, do lanche, ela se identificou como mãe de um pequeno aluno da turma infantil, informando que mora longe da Praça da Liberdade, e que participa das aulas há alguns anos.

Em seguida, um rapaz venezuelano Alejandro Canelón se aproximou e, imediatamente, avisou que queria muito ser voluntário da pesquisa e que gostaria que, além dele mesmo, a família participasse, o pai e a irmã, todos venezuelanos. Também informou que a mãe, que migrou junto com eles, havia partido (morrido) no ano passado. Assim, os três viviam no Brasil e gostariam de participar juntos.

O haitiano Renaldo Celifice é um estudante em Belo Horizonte e vai se formar em moda, falou sobre sua vida de estudante na Venezuela e da continuidade dos estudos no Brasil, com formatura prevista para o final do ano de 2024. R. C. se interessa pela moda sustentável e pelas peças em puro algodão.

A conversa inicial com Renaldo foi interrompida por um chamado insistente de quatro mulheres que estavam juntas, ainda no andar térreo onde ocorria o intervalo. Maria Esther, Maria de Lourdes, Jaidelis Carvajal e Nexy Guzmán. Todas se manifestaram positivamente para a participação na pesquisa, de forma decisiva e eloquente. Elas se entreolhavam e confirmavam com a cabeça o desejo de participar da pesquisa e ter a oportunidade de contar suas histórias. Ao final dos encontros, Maria de Lourdes, Jaidelis Carvajal não gravaram por incompatibilidade de horários e agendamentos e Maria Esther e Nexy Guzmán gravaram suas narrativas.

Cristina Carolina La Rosa, que já havia participado de uma série sobre migração, realizada pela organização não-governamental Cio da Terra, produzida no marco do Projeto Arte Sororidade sem Fronteiras pelo coletivo de mulheres migrantes, com a gravação de um vídeo², foi uma das mulheres que também se aproximou para se voluntariar e participar da pesquisa com as gravações em audiovisuais. Imediatamente, perguntou se parte da família dela também poderia participar, e que já haviam conversado entre elas durante as aulas.

E, por último, Saúl González, um jovem rapaz, com um sotaque espanhol leve e uma busca constante para o acerto do português, aproximou-se também para se voluntariar. Ao falar, informou que tem um trabalho fixo, vive em Belo Horizonte e se sente inserido na cidade. Viaja bastante para os arredores da cidade para fazer trilhas, para o sobe e desce de montanhas mineiras.

A pesquisa atraiu os migrantes que se voluntariaram. Todos manifestaram a vontade de narrar suas histórias de vida e de travessias. Durante todo o percurso, mesmo que vários migrantes tenham se interessado, alguns não dispunham de disponibilidade, e foram ao total 10 narradores venezuelanos que realizaram a gravação para a pesquisa. Dos dois haitianos, Mackenson realizou a gravação, foi feita a transcrição e a tradução, mas o conteúdo não está incorporado à pesquisa que ficou restrita às narrativas (auto)biográficas dos migrantes venezuelanos.

² A participação da venezuelana Cristina Carolina La Rosa em vídeo realizado pelo coletivo de mulheres migrantes, refugiadas e apátridas em Belo Horizonte, O Cio da Terra, pode ser visualizada no link <https://www.youtube.com/watch?v=cBsbN27jyoE>

6.2 O lugar na Pós-modernidade

*Infelicidade é questão de prefixo.
Guimarães Rosa*

2024. Época de mudanças constantes que interferem no cotidiano dos sujeitos em qualquer ambiente fechado ou aberto, em casa, no trabalho, em espaços educacionais ou nos espaços abertos de lazer ou trabalho, onde o sujeito trafega atordoado com a velocidade de tudo que o cerca, com a falta de tempo e com todas as faltas.

Época de inconstâncias e incompletudes. Sem perda de tempo, os deslocamentos se transformaram. Foram criadas novas formas de ir e vir, mediadas pela tecnologia. O georreferenciamento, os geolocalizadores, os *street views*, as marcações virtuais, e tantas outras tecnologias da rede virtual proporcionaram novas referências geográficas. O tempo e o espaço são marcas da pós-modernidade. Augé (2006, p. 105) afirma que estamos na idade do imediatismo e do instantâneo. A comunicação se produz na velocidade da luz. Assim, pois, nosso domínio do tempo reduz nosso espaço. A pós-modernidade, é caracterizada pela profusão de informação célere e fugaz, pela instantaneidade, escassez de tempo, por avanços tecnológicos. Para Bauman (1997, p. 30), a pós-modernidade vem imbuída de sonhos de consumo, de fugacidade e de desesperanças e o autor refere-se a ela como 'pós-moderna': o tempo em que vivemos agora, na nossa parte do mundo ou, antes, viver nessa época delimita o que vemos como "nossa parte do mundo".

O sujeito pós-moderno trafega atordoado com a velocidade de tudo que o cerca e cria novas formas de relacionamento por meio da rede virtual.

Na internet, a instantaneidade e a rapidez na troca de informações arrebatam tempos e ampliam espaços. Esta mesma conectividade que derruba algumas barreiras físicas, edifica outras, como a fragilidade das relações, onde os laços passam a ser atados e desfeitos com a velocidade das conexões utilizadas no mundo virtual. Além de laços fugazes, estas escolhas de relacionamentos que trazem a herança emocional oscilam rapidamente entre a simpatia e antipatia, o amor e ódio, permeadas pela ambivalência. Freud (1974, p. 287) fala sobre as imagens que perpetuam ao longo da vida e reafirma que é nesta existência concomitante de sentimentos contrários que reside o caráter essencial do que chamamos de ambivalência emocional.

Considerada positiva por alguns pesquisadores e passível de maior investigação por tantos outros, as redes e as mídias sociais possibilitam um potencial ainda não explorado amplamente. Coutinho (2000, p. 18) escreve que talvez o grande desafio para a educação na

sociedade telemidiática seja justamente o de estimular a expressão dessa complementaridade que permanece, muitas vezes, latente entre a educação e as mídias. São atitudes e novas posturas nas relações a ser ressignificadas na sociedade da informação.

Nesse sentido, Kenski (2007, p. 18) pontua a questão da utilização quando diz que ela altera comportamentos. A ampliação e banalização do uso de determinada tecnologia impõe-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo grupo social.

Já Moran, Masetto e Behrens (2014, p. 59) aposta na potencialidade das conexões ao afirmar que as tecnologias móveis abrem os horizontes do mundo, as janelas da escola para a vida, a comunicação com múltiplos grupos por afinidade... As redes sociais hiperbolizam as trocas, a exposição, a publicação, a comunicação.

O sujeito mobiliza, interfere e transforma as relações como sujeitos ativos, construindo a partir de suas histórias de vida, uma nova forma de dialogar com o outro e com o mundo. Busca a economia de tempo e de espaço ao se relacionar virtualmente com o outro. Na rede virtual, adiciona pessoas, que são somadas à uma rede de amigos. Bastam alguns segundos para a criação de novos laços de amizades virtuais.

Na internet, a instantaneidade e a rapidez na troca de informações arrebatam tempos e ampliam espaços. Esta mesma conectividade que derruba algumas barreiras físicas, edifica outras, como a fragilidade das relações, onde os laços passam a ser atados e desfeitos com a velocidade das conexões utilizadas.

6.3 Não-Lugar

Diferentemente das relações que o sujeito edifica nas redes, a população migrante constrói relações por proximidade geográfica, pela língua de origem ou pela busca por direitos no país de acolhimento, ou com outras pessoas e grupos também em trajetórias e deslocamentos. Forma um grupo heterogêneo, caracterizado pela fragilidade e incipiência dos novos vínculos em um território distinto e por estarem temporariamente sem moradia convencional ou fixa.

A reunião dos dados necessários para que se consiga localizar um imóvel como o nome da rua ou avenida, número da casa, apartamento, andar, terreno, entre tantos outros dados de identificação e localização, são informações que não têm sentido para as pessoas em situação de vulnerabilidade e em constantes deslocamentos.

A designação da residência de uma pessoa. O número ou nome que caracteriza de maneira inconfundível a posição, um registro ou um dispositivo de memória. A etimologia

mostra a origem da palavra enderec.o como uma forma regressiva de enderec.ar. Nem enderec.o, nem domicílio, nem casa, nem avenida ou sequer o número para a localizac.ão. Sem imóvel, mas com muitos movimentos.

Sem domicílio fixo os sujeitos enfrentam outros obstáculos advindos da impossibilidade de serem encontradas pelos órgãos e políticas públicas. A falta de um teto, chão e paredes que os abriguem da chuva e do sol, do calor e do frio, fragilizam os corpos e impedem o exercício dos direitos fundamentais, direitos protetivos que deveriam garantir o mínimo necessário. Direitos que são resultado de conquistas históricas. A partir da entrada no Brasil, o não-lugar permanece nas falas e na memória dos migrantes.

Por "não-lugar" designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer); e os constituídos com base na relação que os indivíduos mantêm com esses espaços (Augé, 2006). O simulacro do não-lugar e do lugar de passagem e de travessia de transeuntes, é onde sobrevivem pessoas em situação de vulnerabilidade.

Pesquisa recente realizada no Brasil, coordenada pela Plataforma digital U-Report *Uniendo Voces*, mostra os impactos no bem-estar e na saúde mental de refugiados e migrantes da Venezuela durante o seu processo de deslocamento e integração no Brasil. Realizada em setembro de 2023, a pesquisa aponta que 52% dos refugiados e migrantes da Venezuela entrevistados sentem necessidade de apoio emocional. Entre os mais de 300 participantes, 90% tiveram que enfrentar a separação familiar, 81% já se sentiram sozinhos no Brasil e 25% têm este sentimento o tempo todo (R4V, 2023, n.p.).

De Boa Vista para Belo Horizonte, a falta de moradia sobressai nas narrativas. Esta falta de domicílio fixo amplia a (in)visibilidade dos sujeitos migrantes. Sem endereço, no não-lugar também habitam as incertezas, discursos de ódio, disputas e discórdias. Nas ruas de Belo Horizonte há um número expressivo de migrantes e seus cartazes escritos à mão sobre a impossibilidade de sobrevivência sem apoios e ajudas humanitárias. O pretenso anonimato dos transeuntes e as dificuldades de compreensão sobre o processo migratório produzem e disseminam posturas conservadoras, reacionárias e intolerantes. O acolhimento de migrantes na cidade é tema de discussão entre a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM) para a elaboração de políticas públicas que buscam qualificar serviços de assistência e criar estratégias para inserção no mercado de trabalho

7 NARRADORES DA VIDA

*A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento,
uns com os outros acho que nem não misturam.
Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância.
De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era
como se fosse diferente pessoa.
Sucedido desgovernado.
Assim eu acho, assim é que eu conto
Guimarães Rosa, 1994, p. 132*

7.1 Nexy Guzmán: A Dançarina da Liberdade

Trechos transcritos e traduzidos pela pesquisadora da gravação da venezuelana Nexy Guzmán
Imagens registradas pela pesquisadora durante todo o processo de investigação.

Imagem 1 - Nexy Guzmán ao assinar Termo de Esclarecimento de imagem e voz



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 2 - Nexy Guzmán na oficina audiovisual com testes de câmera



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 3 - O posicionamento dos óculos de Nexy Guzmán durante oficina audiovisual



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 4 - Nexy Guzmán na oficina audiovisual com testes de enquadramento e expressões



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 5 - Nexy Guzmán na oficina audiovisual com testes de gestos e expressões e sorrisos



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 6 - Nexy Guzmán durante oficina audiovisual com testes de movimentos de cabeça



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 7 - O posicionamento dos óculos de Nexy Guzmán durante oficina audiovisual



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 8 - Nexy Guzmán durante oficina audiovisual ao conhecer acerca de enquadramentos



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 9 - Nexy Guzmán durante oficina audiovisual com olhares para a câmera



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 10 - Nexy Guzmán durante gravação na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, MG



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 11 - Nexy Guzmán no início do posicionamento em frente à câmera para gravar na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, MG



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 12 - Gestos expressivos de Nexy Guzmán



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 13 - Gestos e expressões de Nexy Guzmán



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 14 - As gargalhadas constantes na maior parte da gravação de Nexy Guzmán



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Olá!

Sou eu outra vez (sorriso e expressão de satisfação)!

Meu nome é Nexy Maria Guzmán!

Sou da Venezuela e estou aqui no Brasil há quatro anos e meio. Vieram comigo minhas filhas, meu esposo e meu cachorro. Sim, meu cachorro. Viemos porque... depois de 20 anos que meu esposo estava trabalhando na indústria petroleira, a companhia fechou e ele ficou sem emprego. Então, como sua mamãe é brasileira, ele aproveitou para vir para cá.

E é uma mudança drástica! Diferente!

Porque ganhamos um status diferente que é de ser imigrante.

Passamos por algo muito novo. Minhas filhas foram afetadas e muito. A casa, amigos, a comodidade... tudo que a gente tinha lá... A gente era de classe média, não éramos de classe baixa e precisamos recomeçar...

Toda mudança é boa. Fazer de novo. Bom de novo. Que bom pensar em começar de novo. Acho que tudo caminhou bem. Eu acho que tudo valeu a pena. Valeu a pena conhecer outras pessoas, valeu a pena conhecer diferentes culturas.

No Brasil, apesar de estarmos bem próximos à Venezuela é totalmente diferente, as regras, as normas, as leis, a maneira das pessoas verem as coisas é bem diferente, não é como na Venezuela.

E eu me adaptei rápido!

Elas demoram um pouquinho, mas já se consideram parte desta cultura. Porque o Brasil dá a oportunidade de fazerem o que elas querem.

Já estão estudando, estão trabalhando e têm amigos. A princípio não tinham amigos e choravam... Mas já encontram seu lugar aqui nesta cidade de Belo Horizonte, que é muito linda e onde tem pessoas muito amáveis aqui.

Primeiro eu não conhecia ninguém.

Imagem 15 - O uso espontâneo de expressões corporais na gravação de Nexy Guzmán



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Agora temos um grupo de venezuelanos, e pelo menos temos a oportunidade de falar em espanhol, o que me encanta. Temos um grupo de mulheres latino-americanas, que me encanta. Que se ajudam mutuamente, me ajudaram bastante e já me sinto mais parte desta comunidade. Os professores também são muito receptivos e muito amáveis.

Imagem 16 - O uso espontâneo de gestos com as mãos na gravação de Nexy Guzmán



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

E eu creio que quando me dizem para voltar para a Venezuela...quando me perguntam...creio que não volto! Não volto porque seria errado deixar minhas filhas aqui.

(Choro)

E não creio que elas tampouco não voltem porque já se acostumaram a ser livres, a ser independentes e me encanta, isso. E eu confio que para qualquer lugar do mundo que queiram ir vão ser pessoas independentes...

(Voz emocionada)

E eu também!

(Risos e gargalhadas)

Bom, eu sempre fui independente porque ia para todos os lados sozinha, sem minha mamãe, ela viajava muito, assim como ciganos, de férias

(suspiro) ...

Eu creio que isso me ajudou muito a me adaptar com outras pessoas e em outros lugares diferentes. Bom... isso é o que eu tenho no momento para dizer...

(Risos)

De toda maneira eu dou graças a Deus porque tenho visto coisas diferentes, mas positivas.

Imagem 17 - Expressividade corporal de Nexy Guzmán



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024). Imagem 18 - Sorriso aberto de Nexy Guzmán ao falar do coletivo de mulheres em BH



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

E me alegra estar aqui, de certa forma me alegra.

Primeiro me doía, me doía muito e profundamente,
Deixar minha casa, deixar minha comodidade, deixar todas as minhas coisas. Mas veja,
são coisas!

Imagem 19 - Nexy Guzmán e a constatação do eu na gravação



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Mas, são coisas e não senti falta. Sabia, todavia, que as tinha, e segui em frente, e a vida é diferente. E imagino que por isso, agora estou mais alegre! Deixei para trás o apego às coisas.

Imagem 20 - Olhar distante de Nexy Guzmán em busca pela memória mais distante



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Agora não me importo. Não me importo se tenho ou se não tenho.

Imagem 21 - Despedida da câmera por Nexy Guzmán



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

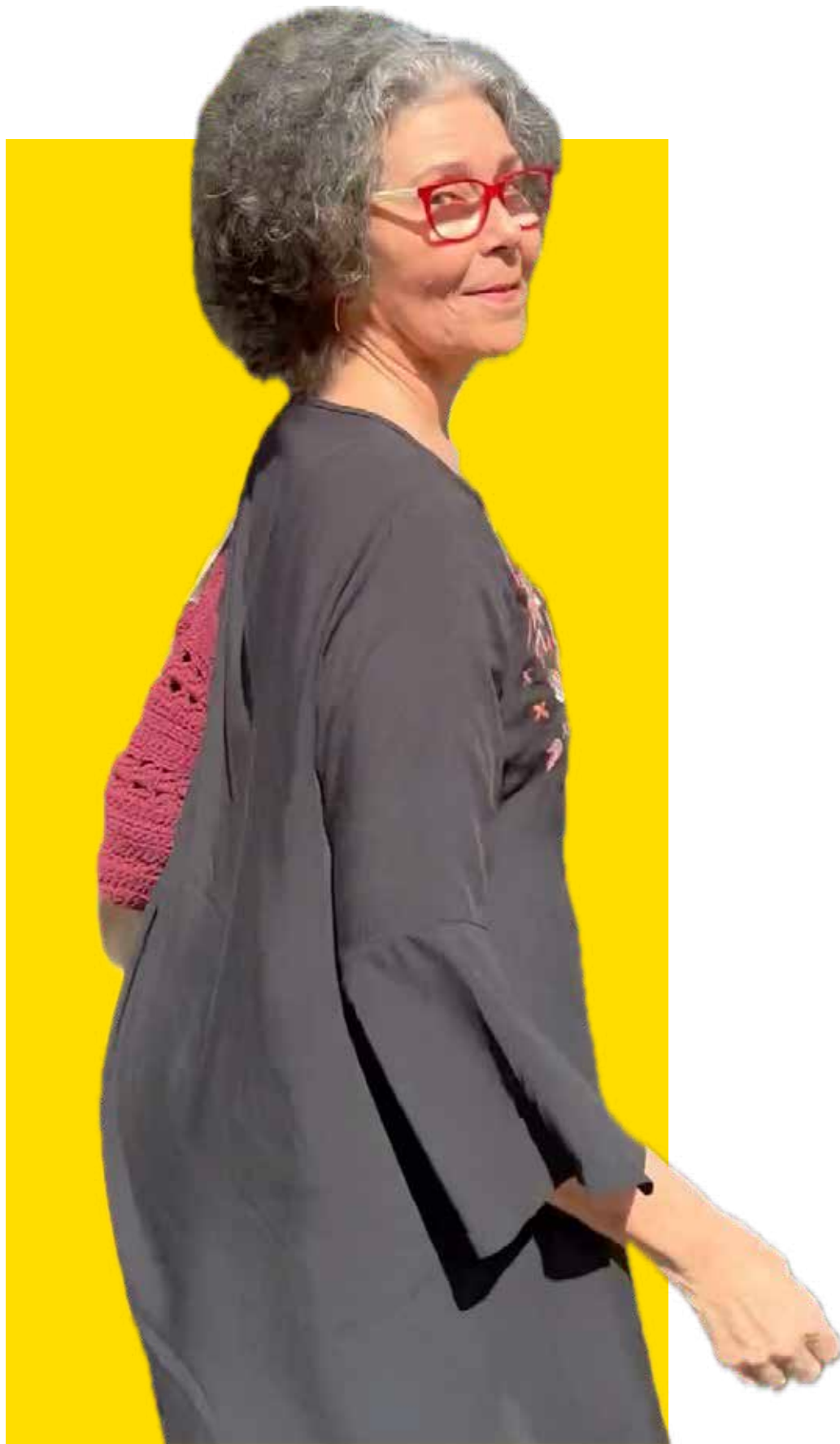
Imagem 22 - Nexy Guzmán e a despedida momentânea de si



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

É pa'lante, como dizemos na Venezuela.
É pa'lante!

Imagem 23 - O olhar de despedida de Nexy Guzmán



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

7.2 Alisson Canelón: a irmã

Trechos transcritos e traduzidos pela pesquisadora da gravação da venezuelana Alisson Canelón

Imagens registradas pela pesquisadora durante todo o processo de investigação

Meu nome é Alisson Canelón.

Tenho 22 anos e já tem quase seis anos aqui no Brasil. Eu vejo as duas Alisson.

A Alisson da Venezuela, adolescente e ainda começando no ensino médio, sem saber realmente qual seria o futuro dela. Passei por muitas situações difíceis, econômicas e familiares e sem saber realmente qual seria o futuro.

Imagem 24 - Alisson do Brasil, por Alisson Canelón



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

E agora eu vejo a Alisson no Brasil, muito mais desenvolvida, com planos para o futuro. Com habilidades pelos desafios que ela passou. Alisson era uma pessoa muito tímida, não falava em público... acho que sou né. Mas, o processo me obrigou a ter que falar, a ter que me comunicar, né.

O idioma espanhol e o português, são diferentes, e de alguma outra forma eu tinha que me comunicar. Isso tirou o medo um pouco de mim. Eu tinha muito medo de fazer coisas simples como perguntar pra uma pessoa o nome de uma rua, sei lá, qualquer coisa.

Então, esse tipo de situação e muitas situações vividas somente aqui no Brasil, me ajudaram a ser a pessoa que eu sou hoje.

Eu tinha meus amigos lá né, eu sinto falta deles. Não tem como não sentir falta das pessoas com quem você viveu. Eu sinto falta da minha cultura. O tipo de coisa que a gente gosta, né, a gente cresceu com isso.

Comidas. É a zona de conforto, né, sair da zona de conforto é muito difícil!

Mas também vindo pro Brasil eu construí uma outra família: a família que me acolheu, novos amigos, músicas novas, costumes diferentes. E principalmente aqui, em Minas, o pessoal é muito aconchegante.

A gente sente falta também das paisagens... dos lugares... Eu, principalmente gostaria de ter estado no meu país. Não foi possível, mas também eu tenho visto e visitado lugares aqui no Brasil muito bonitos. Eu também gostaria de visitar mais aqui no Brasil.

Tem tantas coisas lindas, né, aqui no Brasil. Eu sinto falta principalmente de praia. Lá na Venezuela, onde eu morava você conseguia ir (à praia) era perto. Tinha praia(s) muito bonitas. Você podia ir num dia e voltar, mas aqui no Brasil... Mas também o tamanho da Venezuela é do tamanho do estado de Minas Gerais...

Então tem muitas coisas: neve, tipo Lençóis Maranhenses, montanhas, Pantanal. Tinha muita coisa muito perto né. Meu pai principalmente conheceu o país, mas eu também gostaria de ter conhecido meu país. É um desejo de voltar e conhecer.

Voltar e conhecer.

Sinto falta da comida e do tempero. As coisas que a gente costuma comer lá na Venezuela: arepa, empanadas, cachapa, que não consegue comer aqui. Aqui a gente tenta imitar o máximo, né, mas não consegue. Mas aqui também a gente descobriu coisas muito gostosas: feijão tropeiro, brigadeiro, guaraná, que não tem lá que só tem aqui no Brasil, açaí, são muitas coisas também que a gente descobriu aqui e que agora faz parte de nós. Porque eu gosto da empanada, cachapa, malta, que é um refrigerante só de lá, muito bom.

E aqui a gente descobriu o feijão tropeiro, calabresa, brigadeiro, açaí, guaraná, algo que só tem aqui no Brasil e é muito bom.

Hoje eu me sinto feliz! Ainda que o processo não é (seja) fácil. Mas eu sinto que eu estou conseguindo esta felicidade que eu tanto queria conquistar no meu país.

Eu vivia numa tristeza profunda, ainda que, às vezes, eu tentava ocultar, mas era uma tristeza, e agora eu me sinto feliz, eu sinto que posso viver minha vida.

(Suspiro)

Dificuldades, que a gente...muitas dificuldades que a gente não devia passar: econômicas, familiares, muitos desafios que não são fáceis.

Foi também muito tempo...passar por estes desafios...e a gente, e eu fui caindo nessa tristeza.

O processo migratório não foi fácil, não ajudou, mas ...

Desafiador, por fazer coisas que você não queria fazer, mas não tinha outro jeito e você tinha que fazer, ainda que eu não quisesse eu tinha que mudar do meu país, eu tinha que sair.

A gente morou em Roraima e eu já tinha estabelecido meus amigos, meu grupo, minha familiaridade, e eu tive que sair de novo, para vir para cá para BH.

Então, são coisas que a gente não gosta de fazer, não gostaria, mas a gente tem que fazer!

(Pausa)

Minha esperança é voltar um dia, de novo, para a Venezuela.

Voltar e encontrar com amigos, que eu tenho muita saudade...

(Choro)

Imagem 25 - A lembrança de Alisson dos últimos dias com a mãe



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Tenho desejo é conhecer o meu país, a Venezuela. Realmente é conhecer o meu país. Porque é... muitas coisas lindas que tem lá, que faz parte de mim, né, eu nasci lá.

Então, eu tenho essa esperança...

Infelizmente eu perdi minha mãe, já morava no Brasil, e eu agradeço que tenha sido aqui pelas redes de apoio que conseguimos aqui, pessoas que nos apoiaram, mas eu gostaria que ela continuasse aqui vivendo comigo e desfrutasse também do país.

Tem tantas coisas que a gente gostaria de ter feito com ela...

(Choro)
(Silêncio)
(Sorriso)
(Choro)

7.3 Cristina Carolina La Rosa: ser, antes de ir e vir

Trechos transcritos e traduzidos pela pesquisadora da gravação da venezuelana Cristina Carolina La Rosa

Imagens registradas pela pesquisadora durante todo o processo de investigação

To gravando, mas to aqui pensando um pouco mais sobre o que eu quero e o que vou dizer e falar, para chegar onde eu quero...

(Gargalhadas)

Imagem 26 - Cristina La Rosa se divertindo ao falar para a câmera e para ela mesma



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Meu nome é...

Em espanhol ou em português? Português!

Eu tenho praticado o português, mas ainda é um problema...

Meu nome é Cristina e sou mais que uma migrante.

Porque no momento em que decidimos, ou, tomei a decisão de sair do meu país me dei conta que...

Não, não, não...

(Pausa)

Imagem 27 - Cristina La Rosa concentrada em sua fala



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Meu nome é Cristina e sou mais que uma migrante, sou uma cidadã do mundo! E reconhecer-me como uma cidadã do mundo, me permitiu sentir que pertenço ao lugar onde eu quero ou vou estar ou ao lugar onde eu esteja.

Porque quando decidimos sair do mais país, ou quando eu decidi sair do meu país, eu senti que estava abandonando algo, que estava deixando tudo o que eu era...

Mas sair do meu país também me permitiu descobrir que somos mais que isso e que é uma carga muito pesada de ter na mochila...não abandonamos nada!

Sáímos para descobrir muito mais do que somos.

Muito mais do que esta definição que temos.

Isso me permitiu saber e reconhecer-me em qualquer espaço.

(Suspiro)

Tomar a decisão de sair do meu país me permitiu reconhecer que não era nada mais que isso. Que somos parte de um todo. Somos parte de tudo.

Por isso que eu sempre digo que somos mais que migrantes!

Somos seres humanos descobrindo-nos. Seres humanos descobrindo o mundo também. Me liberar das crenças de que eu devo algo, de que tenho que me sentir limitada, porque sou um modelo para o migrante, que não pertencço a nada, porque eu pertencia era a outro país.

Esse momento me permitiu reconhecer-me como uma alma.

Como uma alma que está se descobrindo e que agora reconhece seu presente.

Hoje, importa!

O hoje importa!

E me reconheço como uma mulher, uma cidadã do mundo, que está encontrando e pode encontrar a sua felicidade em qualquer espaço.

(Gargalhadas ao lado da filha)

Eu recordo que eu escrevi um poema porque eu gosto muito escrever poemas e esse poema é chamado Duas Casas: a casa que me fez crescer como mulher e a outra casa que me fez crescer como mãe. Então, isso me fez refletir que a casa de um é a casa onde está consigo mesmo, está dentro de nós mesmos.

Não é um espaço físico, não é algo que eu compre ou que eu tenha. É onde você quer e está fazendo dele o seu lugar. Então, é algo muito, muito importante é saber que somos mais do que um migrante, e que todos nós migrantes deveríamos deixar de ser migrante, para poder nos reconhecemos neste espaço.

Eu creio que descobri agora!

E descobri por uma fala da Marisa: - Como você se vê?

E a primeira resposta que me veio à cabeça foi: - Me vejo, aqui, como uma migrante!

Em um espaço que nem sequer sinto como meu...

Porque sentia que talvez não pertencia a este lugar.

Porque não fazemos uma reflexão... Estamos pensando que temos necessidades, que temos que mandar dinheiro para a família que está na Venezuela, porque temos que trabalhar, trabalhar, trabalhar.

E não nos damos o tempo para parar, parece que não podemos nos deter ou parar, porque senão o mundo cairia em cima da gente. Porque, primeiro estamos em outro país, segundo, parece que necessita voltar em algum momento, parece que tudo está um caos.

Até que parei para pensar que isso... que me deu um click!

E é isso, sou mais que uma migrante!

Já tenho aqui (no Brasil) mais de 6 anos. E já posso dizer com segurança que me reconheço como esta cidadã do mundo, que me reconheço neste espaço como...

(Interrupção da gravação para dar atenção à filha que entrega um folder para Cristina La Rosa)

Imagem 28 - Cristina La Rosa com a filha ao lado, momentaneamente, na gravação



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

(Risos)

Nesta reflexão de hoje eu me reconheci! Reconheci que pertenço a onde eu quero pertencer.

Que uma vez que eu vejo a mim sei que todos os demais também vão passar a ver!

Neste caminho, ninguém imagina o que se passa nesse caminho para chegar justo a este instante onde estou, comigo mesma, e sendo sincera de que neste momento de hoje estou feliz, porque me sinto parte deste momento.

(Risos e gargalhadas)

Eu...às vezes eu divago...

Porque não é fácil...

Na verdade, é que às vezes sentimos essa carga... de que nunca mais olharemos para trás, para ver meu país e pensar em que coisas eu posso fazer por meu país estando aqui. Mas...

É complexo!

Porque, mesmo quando você sente que é removido, sai, também pensa se pode seguir adiante, à frente...

Então, não se reconhece facilmente.

Hoje estou neste ponto aqui, ou, minha alma está neste ponto aqui!

(Risos e fala com a filha)

Às vezes sinto que buscamos um lugar que se pareça muito com o lugar de onde viemos.

E no caminho, você vai buscando, buscando, buscando até que o encontra. E te conecta tanto com este sentimento de encontrar-se em um espaço que se parece muito com o lugar de onde vem.

E começam a encontrar essas pessoas que te ajudam a crescer e que te permitem se reconhecer.

É tão importante que eu me senti tão especial...

(voz embargada)

Imagem 29 - Cristina La Rosa em expressão gestual ao buscar lembranças da Venezuela



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

porque as portas foram se abrindo...

Porque também me permitiu ajudar outras pessoas,

(voz embargada)

Porque também descobri que não seremos sempre uma mesma coisa, eu achei que seria sempre professora em toda a minha vida e agora trabalho com coisa muito diferente disso.

Esta viagem é definitivamente uma viagem para me reconhecer.

Uma viagem para continuar a evolução, para saber que a felicidade é uma construção.

Uma decisão!

Por isso, bem-vindos, todos os cidadãos do mundo!

7.4 Guiomar González: a batalhadora por uma nova vida

Trechos transcritos e traduzidos pela pesquisadora da gravação da venezuelana

Guiomar González

Imagens registradas pela pesquisadora durante todo o processo de investigação

Imagem 30 - Guiomar e a escolha de um lugar distante de todos



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Boa tarde, meu nome é Guiomar, sou venezuelana.

Estou no Brasil há 4 anos e 8 meses. Vim para o Brasil por problema econômico no meus país, que todos sabem, e buscar uma melhoria para meu filho, para minha a família...poder ajudar todos eles.

Me aventurei aqui no Brasil porque achei que era um país bom, não gostei da ideia de ir para Colômbia, que poderia ser mais fácil para mim por causa do idioma, mas eu preferi me aventurar um pouco mais, aprender outra língua também. E então, passei uns 6 meses guardando dinheiro, economizando. Então saí de lá e vim com pouco dinheiro e não tinha onde morar.

Imagem 31 - Guiomar permaneceu compenetrada durante toda a gravação



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Sabia de refúgios lá em Roraima, e fui lá, cheguei numa sexta-feira, à noite e, graças a Deus, tive chances de entrar no refúgio. Ali estive só por 3 dias porque o refúgio era muito

ruim, uma poeira que levantava quando a gente caminhava e comecei a gripar, comecei a adoecer...

Então me aventurei a morar na rua, dormir na rua, porque no refúgio, muita gente traficava maconha. Não deixavam a gente dormir, então fui mesmo para a rua.

Imagem 32 - Guiomar sempre de olhos fixos na tela da câmera



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

O primeiro dia foi ruim, muito ruim, porque a polícia foi tirar a gente da rua. Ficava na chuva...Tinha que buscar travesseiro para dormir.

E assim estive em Roraima por 4 meses, até que conheci pessoas brasileiras. Vim para o Brasil por problema econômico no meus país, que todos sabem, e buscar uma melhoria para meu filho, para minha a família... poder ajudar todos eles.

Conheci uma família brasileira, que estava ali próxima de onde eu estava dormindo, junto com outras pessoas, e, eles me falaram para procurar um senhor que conheciam... que estava dando abrigo e outras coisas mais. Eles me conheceram, me perguntaram quanto tempo eu estava lá, se eu tinha família ali e este tipo de coisa. Eu falei com eles.

No primeiro dia eu não quis ficar.

Imagem 33 - Guiomar em poucos gestos e movimentos ao falar sobre sua trajetória de vida



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

E eles falaram que tinham um restaurante e que qualquer coisa eu queria, podia ir lá. Eu estava um pouco com medo...

Em uma outra ocasião, me convidaram a sair com eles e me levaram para um restaurante que eles tinham. Me levaram para conhecer a cidade e me levaram para comer. E me convidaram a morar no restaurante com eles. Eram muito boas pessoas. Mas a desconfiança e a dúvida, me fizeram não aceitar.

Muita Desconfiança...

Dúvida...

Em um país novo e onde eu não conhecia ninguém. Eu preferi esperar. Mas um dia, aconteceu algo comigo que tinha um moço que estava me incomodando, me molestando...

(Pausa)

Então, eu preferi sair de lá e fui a este restaurante onde me convidaram para ficar. Fui lá ver meu amigo brasileiro. E esta noite eu decidi ficar lá, porque já era muito tarde e perigoso. Ele me disse que eu podia ficar lá o tempo que eu quisesse. Ele era de confiança. Estive com ele 1 mês ou 15 dias. Eu estava procurando a interiorização. Algo assim.

Os Jesuítas estavam fazendo uma entrevista e eu preenchia os requisitos que eles pediam. Deu certo. Eram 20 pessoas que iam para Minas Gerais, em janeiro de 2020. Fui afortunada, a última a ser entrevistada e selecionada para esta viagem.

A família brasileira não queria que eu fosse embora. Queriam que eu ficasse lá com eles.

Fiquei em dúvida se ficava ou não ficava!

Se eu tomava a decisão de ir e me aventurar em outra cidade. Ficar sempre mudando.

Mas, Boa Vista é muito ruim, na verdade. Nós migrantes temos muita dificuldade lá.

Todos nós migrantes temos dúvida e muito medo.

Decidi viajar!

Com dúvidas, com medos, decidi viajar.

Cheguei em 7 de janeiro de 2020 na Casa do Imigrante da Boa Viagem (BH/MG), que era organizado pelos Serviços Jesuítas, e nós tínhamos que ficar ali até encontrar trabalho e lugar para morar, por 4 meses. Eles fizeram o meu currículo, e outras questões para eu poder trabalhar. Comecei a procurar trabalho...

(Voz embargada)

E foi difícil conseguir.

Então, bom, tive procurando trabalho e não consegui e depois de 1 mês e meio consegui um trabalho de faxineira, e comecei a trabalhar em Nova Lima (MG) e trabalhei só 2 meses,

aproximadamente, porque, infelizmente, começou a pandemia e me mandaram embora. Trabalhei somente esse tempo aí.

Depois voltamos de novo para casa e ficamos guardados em casa porque não tínhamos como sair.

Essa pandemia foi muito ruim para nós.

Sem trabalho.

Esse foi o tempo de ficar em casa, na pandemia, e com umas amigas acordamos em morar juntas.

Éramos 3 moças, 3 amigas. Uma delas tinha um namorado brasileiro, e conseguiu um lugar para morar. Então, a gente precisava fazer dinheiro para luz e água somente. Aí foram uns 4 meses assim, em casa, não trabalhei, não consegui uma oportunidade boa para mim. Esse trabalho em supermercado eu não gostei.

Então eu ficava em casa, enquanto ela ia trabalhar, que ela conseguiu um trabalho, e eu era a que ficava em casa arrumando, organizando a casa. Essas coisas.

Uns 2 meses depois, em maio, certamente, de 2020, o namorado dela levou um parceiro de trabalho dele para a casa e bom... Me apresentaram... e agora este moço é meu esposo, meu marido...

Desde setembro para cá eu moro com ele e temos uma filha de 2 anos e poucos meses.

Graças a Deus temos uma boa vida, com dificuldade econômica, mas está tudo bem.

Eu comecei a trabalhar... num consultório odontológico, e trabalhei quase 1 ano, e já estava morando em Venda Nova (bairro de BH) e foi bom. Gostei muito de trabalhar lá, só durante a semana, o horário não era ruim, o salário era bom e dava para ajudar a minha família.

Mas eu comecei a adoecer e a ter problema de pressão, sentir mal-estar, esse tipo de coisa. Coisas que eu não prestei atenção. Depois eu fiquei grávida e infelizmente os médicos se deram conta que tinha uma doença renal, grave. Então, comecei a fazer consulta médica urgente.

E, bom, quando eu tinha 6 meses de gravidez tive que ser internada no hospital porque meu problema renal se agravou com a minha gravidez e também a pressão alta e todo esse tipo de coisa, e ainda uma possível trombose...

Então eu tive que fazer um tratamento urgente, durante 6 meses, porque estava com problemas cardíacos, respiratórios.

Imagem 34 - Guiomar sentada, com as pernas cruzadas e o olhar voltado para a câmera



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Mas graças a Deus, depois de 3 meses e meio, eu tive que internar ela (a filha) no Risoleta Neves (nome do hospital de BH) por 22 dias, mas com a graça de Deus tudo saiu bem. Minha filha agora tem 2 anos. É uma menina muito inteligente, esperta demais e ela é a razão da nossa vida.

E, no ano passado, graças a Deus, em julho de 2023, eu consegui, veio o meu pai e trouxe meu filho mais velho, de 10 anos. E eu estou feliz com ele aqui porque sentimos falta dele, depois de 4 anos sem ele aqui. Estou me acostumando e me adaptando a ele novamente.

Mas graças a Deus, agradeço muito a este país pela ajuda e pelas portas que abrem para nós, imigrantes. E aqui me sinto bem, muito bem protegida porque tem um sistema de saúde que funciona e, a diferença no meu país que é muito ruim e não funciona. Mas aqui eu tenho todo o que eu preciso, tenho até o hospital nefrológico de Venda Nova (BH/MG), o Hospital Evangélico, tenho tudo e não me falta nada, tenho minha diálise três vezes por semana, até que apareça um rim, um transplante para mim. Tudo está na mão de Deus. Ele é quem provê tudo e é preciso ter fé. Eu agradeço a Deus e agradeço muito a esse país. Queria ter todos aqui, minha família, ou eu poder ir lá, mas tenho fé em Deus, que eu me recupere e possa ir para meu país normalmente, que seja a passeio...

Na verdade, a vida de migrante é difícil, difícil, mas quando você está sozinha, quando não tem apoio da família.

E, bom, é que agora é tratar de aproveitar toda a oportunidade, fazendo cursos, aprendendo de tudo um pouco, da gente e da cultura, e gosto muito.

Gosto muito e estou aprendendo muito no projeto Ler, gosto muito dos professores e de tudo que tem lá.

Posso falar que a minha entrada no país não foi fácil, mas não podemos desistir!

Temos que continuar!

Pa'lante! Seguir em frente. E isso é tudo!

7.5 Maria Esther Figueroa, a mãe sem a filha

Trechos transcritos e traduzidos pela pesquisadora da gravação da venezuelana

Maria Esther Figueroa

Imagens registradas pela pesquisadora durante todo o processo de investigação

Eu sou da Venezuela...

Meu nome é Maria Esther!

Tenho 41 anos e eu estou morando aqui no Brasil já faz 6 anos.

Eu vim para cá para o Brasil por causa da minha filha.

Ela adoeceu lá na Venezuela...

Ela tava com leucemia, e ela faleceu porque faltava tudo o que precisava...

Faltava medicamento e de alimentação....

Imagem 35 - Maria Esther com as mãos sempre pousadas em descanso sobre as pernas



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Meu marido decidiu vir primeiro para cá. Ele ficou 6 meses aqui, morou nas ruas e foi acolhido. A igreja ajudou e depois de 6 meses ele nos procurou lá na Venezuela.

E a gente veio para o Brasil e ficamos três meses em Pacaraima, nas ruas... Ficamos dormindo na rua, sem dinheiro para chegar a Boa Vista, que era o nosso destino.

Aí eu tava nas ruas com meu filho...

Chegamos de carona em Boa Vista.

Ficamos morando em Boa Vista durante um ano, que foi muito difícil.

Muito difícil pra mim, porque foi também muito difícil ficar aqui no Brasil pelo idioma. Foi difícil não pelo país, nem pela gente, mas porque eu recentemente havia perdido a minha filha.

Foi difícil demais.

Aqui no Brasil, não conseguia me comunicar com ninguém.

Sofri de ansiedade e de todas essas coisas.

Eu acho que também serviu para mim para seguir em frente e ficar de boa.

Foi uma terapia pra mim.

Eu não consegui trabalhar.

Dei meu jeito de fazer bolo e meu marido levava e oferecia também onde ele trabalhava. Na verdade, não foi muito bom, mas foi um aprendizado para mim e para o meu filho. Nós conhecemos umas pessoas da igreja que perguntaram se queríamos ir para outro estado do Brasil e eu não escolhi a cidade, a cidade que escolheu a mim. Aí nós viemos para Minas Gerais. Já faz seis anos que estamos morando em Belo Horizonte.

Chegar aqui foi bom.

Aprender a falar um pouquinho o português... ainda não falo muito, mas estou tentando.

Meu filho foi muito bem acolhido aqui. Ele fala muito bem o português. E ele fala: - Ô mãe, se eu precisar tirar uma nacionalidade, eu vou tirar a venezuelana. Eu prefiro o Brasil. Soa ruim, mas ele ama o Brasil. A gente ama o Brasil!

Eu não me sinto imigrante como tal.

Eu acho que aqui eu tenho a minha família.

Na Venezuela, sinceramente eu não tenho nada mais lá. Não tenho nada na Venezuela... não tenho nada lá. Até a minha casa agora é do governo. Acho que aqui eu tenho tudo. E estou a procura de aprender outras coisas...

Estou procurando estudar enfermagem e quero retomar que é o que eu quero. E, na verdade, eu amo Belo Horizonte! Se me falassem pra trocar de cidade eu não trocaria de jeito nenhum, porque é muito bom, a gente é muito receptiva, eu gosto dessa cidade.

Meu marido está trabalhando, eu ainda não estou trabalhando, mas estou correndo atrás dos meus sonhos. Eu gosto de aprender... eu faço bolo, eu faço sobancelha, eu aprendo muitas coisas diferentes. Minha carreira é meu sonho, penso nisso, em correr atrás dos meus sonhos.

Imagem 35 - Maria Esther permanece com a mesma postura desde o início da gravação



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024)

(Suspiro)

Como se fala...

Essas “*ganas*”... é isso o que tenho agora!

Eu tenho esta força, essa vontade de aprender.

(Pausa)

Meu sonho é correr atrás do meu sonho. Meu sonho realmente é continuar a minha carreira de enfermagem. Porque eu gostaria muito de cuidar das crianças com câncer.

Eu aprendi muito com a minha filha...muito mesmo... ela...

(Choro forte)

Ela me ensinou muita coisa. Por exemplo: “- Ô mãe, por que você fica triste?”

(Choro Forte)

Você sabe que sua filha está bem.

(Choro Forte)

Se esta enfermidade chegou até a minha vida foi por algo. Eu te amo e você tem que ser forte.

Imagem 36 - Maria Esther extravasa a saudade da filha



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

(Choro Forte)

E eu me lembro que quando ela foi embora ela falou: “- ô mãe, eu te amo! Eu queria fazer uma pergunta para você: Você me ama?” Eu falei: “- Sim, filha, eu te amo!”

Ela falou: - Então, assim como você cuidou de mim, cuide também de outras pessoas.

Então esse é o meu sonho, seguir na enfermagem para cuidar muito de meninos com câncer.

(Choro)

Me desculpem, eu me emocionei...

(Choro)

(Pausa)

Sinto tanta falta, mas sinto falta também da minha irmã. Da Venezuela eu sinto falta realmente da minha irmã, porque a gente era muito unida. Ela ficou para trás porque não queria sair da Venezuela de jeito nenhum.

Não está querendo, mas a gente se fala, a gente se vê por vídeo chamada, e ela não quer nem viajar pra conhecer o Brasil. Porque eu fiz daqui a minha segunda casa e me sinto muito bem aqui, eu gosto muito.

Não sinto muita falta da comida de lá, porque tem muita coisa parecida aqui. A única coisa que não tem parecido é a farinha de milho de lá que a gente faz a arepa, mas a gente se vira, a gente faz com fubá, com outra coisa, a gente procura outras coisas para fazer a arepa.

Mas a comida daqui eu amo. Feijoada, tropeiro, pão de queijo é muito bom mesmo!

(Gargalhadas)

A língua, misericórdia!

(Risos)

Aí eu sofro muito!

Tem gente que fala que você tem que ter aquela coisa, amar o idioma. Eu amo, mas eu não consigo às vezes pronunciar. A pronúncia é muito difícil pra mim, mas eu estou tentando. Eu tenho alguns medos...mesmo que meu filho esteja grande, eu fico com medo de faltar alguma coisa para o meu filho. Esse é o único medo que eu tenho.

Sobre mim eu falaria que posso falar da minha desconfiança. Eu preciso e tenho que colocar muita confiança em mim. Porque eu fico com muita... será... e se não acontecer... um medo de mostrar o que realmente eu sou, mas pouco a pouco eu to liberando isso.

A minha essência...

Mas eu acho que pouco a pouco eu vou liberando tudo. Eu gostaria de ser mais...de falar mais com as pessoas...

Queria ter mais contato com outras pessoas, queria falar mais com outras pessoas, mas eu fico assim com medo de falar por causa da língua. Então eu fico sentadinha por aí e sem falar, e se eu falar, e se errar... Eu gosto de falar eu gosto de me comunicar com as pessoas.

Eu vou tentar. Eu realmente perdi muita coisa...

Para o meu futuro... eu realmente perdi muita coisa. Eu coloquei as outras pessoas na frente, fiquei em segundo lugar. Eu não estudei, eu não concluí a minha carreira porque eu dediquei mais aos meus filhos e ao meu marido, filhos, marido, filhos, marido. E eu fiquei para trás.

Então, eu quero saber o que realmente eu quero! Eu quero sentar um dia e pensar...eu sou assim porque eu quis, porque eu lutei pra conseguir minhas coisas. Eu quero falar bem a língua, o português. Eu quero viajar, eu quero conhecer o Brasil... sozinha!

Porque eu acho que sozinha você se reencontra.

Você sabe o que você é. Quando viaja com outras pessoas você não pensa só em você. Sozinha, pode conhecer cidades, comidas, falar com outras pessoas e não se sente reprimida. Por isso, sozinha!

Obrigada, Brasil!

Por me acolher e acolher minha família!

Esse país tem muita oportunidade, vocês são ricos. Vocês têm tudo, a família toda unida, comida maravilhosa, tem amigos maravilhosos, tem tudo! Você só tem que aproveitar.

Agora eu tô aproveitando muito. Começando do zero... eu estou aproveitando essa oportunidade que me deu a PUC Minas e o Projeto Ler, para estudar a língua.

Eu acho que eu já sou feliz!

Mas, minha felicidade realmente é poder estudar o que eu quero que é enfermagem.

Aí sim, eu vou ser feliz de verdade!

7.6 Gerald Canelón, o pai

Trechos transcritos e traduzidos pela pesquisadora da gravação do venezuelano Gerald Canelón
Imagens registradas pela pesquisadora durante todo o processo de investigação

Meu nome é Gerald Canelón, sou venezuelano!

Tenho 59 anos e sou mecânico aeronáutico e mecânico automotivo.

Por que eu estou agora aqui no Brasil?

Infelizmente, porque tem a possibilidade de evoluir, de emprego e de fazer melhorias.

Então tive que mudar!

Imagem 37 - Gerald Canelón sentado em local interno e diferente dos outros migrantes



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 39 - Gerald Canelón ao assinar o termo de autorização de uso de imagem e voz



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Saí do meu país com muito esforço. Eu saí de carro com a minha família pela fronteira terrestre. Estivemos por alguns meses em Roraima, mas foi impossível ficar lá porque as possibilidades de emprego e de sustentação lá eram muito precárias.

Pedi ajuda ao Governo Federal e à Força Aérea Brasileira porque sou mecânico aeronáutico e que não tinha oportunidade de emprego lá em Boa vista.

Eles falaram: - Ok, vamos ajudar!

E aí me trouxeram para Belo Horizonte e vim para cá. Estou aqui trabalhando como mecânico automotivo, minha outra formação profissional. E estou bem, gostando demais.

Recuperando meus sonhos que foram tirados, por tantas coisas que aconteceram no meu país. 37 anos da minha vida foram jogados no lixo! Estudei em duas faculdades, de mecânico aeronáutico e mecânico automotivo.

E muitos sonhos foram embora.

Mas eu estou feliz!

Estou aqui e com vida aproveitando essa nova oportunidade que o Senhor deu para mim.

Lá em Boa Vista era bom porque comecei com o mesmo padrão de vida que tinha no meu país. Isso. Mas o que aconteceu, infelizmente, é que lá é muito longe do centro comercial administrativo do Brasil, então é um descontrole muito grande de valores para energia e muitas outras coisas. Mas eu consegui um aluguel bom, mas eu pagava de energia quase o mesmo valor do aluguel, porque energia lá é muito difícil.

Então isso foi uma das coisas determinantes para eu não conseguir trabalhar lá. As empresas tem pouco pessoal, tudo é muito caro, mas é uma cidade muito top.

Ela é uma cidade muito bonita, muito organizada, muito limpinha, mas com muito calor. Dizem que lá que tem duas estações quente e mais quente, então é assim. E não há outra estação.

(Risos)

E a vida era boa lá, mas como eu disse, precisava de muito dinheiro pra morar e para começar a minha vida lá não era suficiente. Meu dinheiro acabou, em 8 meses acabou.

Eu vim de Caracas, da capital. A situação do meu país era um pouco complicada porque no momento de sair do meu país se eu tivesse dólares era crime porque não era moeda oficial. Mas, se eu tivesse notas oficiais, que era Bolívar, também era crime. Era tanto dinheiro para um único dólar.... eu deveria ter um bloco assim de nota.

Se passasse em algum ponto de controle do governo com dinheiro, e você tinha dinheiro você era considerado bandido, porque estava com muito dinheiro.

Vou confessar que eu saí com meu carro e dentro do carro na parte interna do teto eu escondi os dólares. Era a única forma de passar com o dinheiro.

Quando eu fui de Caracas até passar de carro na fronteira, eu cruzei e passei por 92 pontos de controle, polícia, Exército, polícia civil, prefeitura, polícia municipal e qualquer outro que tivesse uniforme. Ordenavam que parasse na direita, e pediam documento do veículo, documento pessoal, perguntavam se tinha dólares, se tinha dinheiro, se podia pesquisar o carro, abriam tudo e procuravam qualquer coisa.

Cada vez que eu parava eram 40 minutos pesquisando qualquer coisa...

Era difícil, era difícil para mim.

Imagem 38 - Gerald Canelón reflete no rosto as angústias vividas em seu país de origem



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Os pontos de controle pelos quais eu passei eram muitos. Porque não era uma polícia com formação militar, com alguma formação, era simplesmente uma pessoa colocada pelo poder, pelo governo, para controlar mesmo.

Era uma pessoa colocada pelo governo para fazer um ponto de controle porque eles não queriam que a gente passasse pela fronteira. Não havia combustível disponível... então, eu tive que viajar com galões de gasolina no porta-malas do carro. Isso também é um delito... era motivo para me prender, mas eu consegui fazer uma manobra para poder passar. Eu falei que era mecânico automotivo e que eu ia pra fronteira fazer um reparo em uma unidade militar. Então, aí, eles falavam: - prossiga com o seu caminho.

Mas eu menti.

Eu te lembro desse dia...

(Choro)

Desculpe, foi um momento bem especial pra mim...

Imagem 39 - As palavras embargadas de Gerald Canelón ao falar das dificuldades e medos



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

(Choro)

A gente vivia em um país alegre, livre, por isso pra mim era muito importante sair de lá quando não era mais assim. Quando atravessamos a fronteira, eu tive aquela sensação de liberdade. Eu achava injusto o que tava acontecendo.

O meu pai se preocupou com a minha educação. Eu sempre fui uma pessoa de bem, eu saí sem recursos, deixei uma história pra trás, minha casa, oficina, tudo! O governo pegou...

Me desculpe...

(Choro)

São lembranças que me acompanham o tempo todo, todo o tempo...

(Choro)

(Suspiro)

(Choro)

(Pausa)

Quando eu saí da Venezuela, eu falei com Deus, porque eu acredito em Deus: - Senhor, eu preciso de um país, de um lugar onde eu possa sonhar, ter esperança no meu coração.

Eu estava muito decepcionado. Daí, nós acordamos! E sempre seguindo os conselhos do meu pai e da minha mãe. Eu não entendo o que aconteceu! Eu não consigo ver um caminho dentro do meu país. Injusto. Injusto.

Não tinha futuro. Não tinha nenhum futuro. Minha esposa fazia confeitaria, essas coisas de cozinha e não conseguia farinha, não conseguia açúcar, não conseguia nada do que precisava.

Era tudo muito difícil, mesmo as coisas simples como sabão, não se conseguia azeite e óleo para cozinhar, não se conseguia nada e quando a gente conseguiu ovo, farinha, açúcar, o preço era 5 às vezes 7 vezes o preço do mercado. Era algo horrível. São coisas que a gente não consegue entender. De 2015 a 2019...

As pessoas não conhecem (sabem) o que aconteceu de 2015 a 2019, quatro anos muito fortes...

(Choro)

Eu tinha um carro, um carro que era um pouco de luxo era um carrão, e aí eu pensei que era um problemão ficar com o carro e ter que fazer manutenção. Então tomei a decisão de vender meu carro na fronteira. Tinha a documentação toda correta e eu consegui ficar uns 30 dias com o carro em Boa Vista e tomei a decisão de voltar pra fronteira e vender para um pastor indígena, amigo meu, que gostava do carro e ficou fascinado com o carro.

Desde então eu não consegui mais ter um carro.

(Pausa)

Por enquanto...

Eu fui ao programa Acolhida (Operação Acolhida, do governo brasileiro), que tem lá em cima (Boa Vista – RR) e falei com os profissionais de lá para buscar uma solução porque lá que eu não tinha possibilidade de trabalhar, lá naquela cidade (Boa Vista) e nem o meu filho, porque eu sou engenheiro aeronáutico e eu não conseguia trabalhar porque eu precisava de uma aprovação do governo venezuelano para trabalhar, para conseguir qualquer trabalho na área aeronáutica. Eu tenho o meu cartão, meus documentos, tenho tudo legalizado, mas a ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil) precisava dessa confirmação, precisava ligar e conferir essa informação que eu tenho tudo correto, legal e em dia. Mas na Venezuela, por medida de represália para com o povo que saiu de lá, eles não atendiam a ligação, não davam informação...

(Pausa)

E então eu pensei, na aeronáutica eu não ia conseguir emprego. Então restava a área automotiva, e, estava tudo lotado naquela cidade! Era muito pequena, não tinha vaga pra mim. Não tinha oportunidades. Eu fiquei quase sem dinheiro e eu fui ao programa acolhida (Operação Acolhida), mostrei a minha documentação para um membro da Força Aérea e ele falou: - Temos um programa de interiorização. Eles ofereceram para mim, no primeiro momento, ir para Porto

Velho (RO), mas quando eu pesquisei Porto Velho, era uma população pequena, uma cidade pequena, igual Boa Vista. A cidade ficava perto da fronteira com a Bolívia. E lá, só tem hidrelétrica como única fonte de emprego, eu pensei que não era para mim. E aí, apareceu outra oportunidade: São Paulo! Aí, eu fiquei com medo porque era São Paulo, e toda gente fala que São Paulo é grande e complexa.

Pra mim não era bom, não saber o idioma ainda, não sabia fala português. São Paulo pra mim não dava. Nesse tempo, não dominava o idioma, nada, não sabia nem me comunicar bem. Eu ainda não conheço São Paulo, mas todo mundo fala de São Paulo, muito complexo e muito competitivo. Aí outra pessoa viu toda a minha documentação e falou: - Belo Horizonte! Belo Horizonte faz os carrões que você conhece, BMW, Mercedes, Porsche, Camaro, vamos mandar você para lá. Vou ver o que eu consigo. Porque lá tem empresas de carro tem coisas que podem servir pra você. Então fomos interiorizados pela Força Aérea. Fomos 62 venezuelanos que participamos desse voo.

Ficamos na Casa de Apoio Chico do Vale, no bairro Ouro Preto (BH) e no dia seguinte sai de moto, de carona na moto, para procurar emprego. Eu tinha tudo organizado, toda documentação, meu currículo pronto, então, quando viram isso eu consegui emprego. Pra eles (da Casa de Apoio Chico do Vale) isso foi um recorde, na casa de apoio todos ficaram muito felizes, e eu muito feliz e me tomaram como exemplo, porque quem vem com as coisas organizadas, documentos organizados, que vem pra fazer coisas, para trabalhar, consegue.

Eu fiquei sozinho dois ou três meses pra depois poder trazer a minha família que estava em Roraima, só depois é que pude trazer, aí foi o momento em que todo mundo se encontrou.

(Pausa)

Foi um momento muito especial...

E aí, aos poucos a gente foi se arrumando porque na idade que eu tenho, eu tenho 59 anos, e (quando) eu vim pra cá eu tinha 54. Nessa minha idade não era para estar empregado, era pra eu dar emprego, assim que eu pensava. Eu me capacitei durante a minha vida, estudei, me formei, fiz muitas coisas como empresário no meu país, e eu dava emprego a outras pessoas, mas aqui eu tive que mudar, tive que me adaptar, eu comecei a trabalhar como empregado pela primeira vez na minha vida.

A gente precisou lidar com muitas coisas novas, diferentes, com a carteira assinada. Com quem fala que vai assinar, mas não assina... dois anos sem carteira assinada e eu, como estrangeiro, passa um ano, dois anos sem carteira assinada, eu fiquei constrangido, porque não

é fácil, né, e a gente pensa se reclama e vive a impossibilidade de fazer uma reclamação, porque você precisa de trabalho.

Imagem 40 - Gerald Canelón em sorriso largo, quando fala sobre o reencontro familiar em BH



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Mas graças a Deus está dando tudo certo agora!

Eu trabalho como mecânico automotivo e agora estou desenvolvendo um novo projeto em parceria com uma oficina que faz esses carros antigos para colecionador.

A gente trabalha de portas fechadas, eu trabalho com projeto, já tem um ano. Eles estão encarregados da parte de lanternagem e pintura e eu estou encarregado da parte técnica de desmontagem e montagem, toda parte técnica e mecânica dos motores.

Imagem 41 - Gerald Canelón com expressão sorridente ao falar sobre trabalho e filhos



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Algo que é muito difícil aceitar... Ela (a esposa) era a pessoa mais alegre, que se alimentava melhor, muito bonita, saudável e teve um câncer muito violento. Foi muito rápido e fomos apoiados por muita gente aqui. Tivemos todo o recurso e ajuda aqui, mas foi impossível. Ela saiu de casa para fazer uns exames e nunca voltou. Ficou no hospital 1 mês e

meio, e não voltou... e para nós foi muito, muito difícil. Minha filha, tem 21 anos e precisa da sua mãe, o meu filho tem 30 e também precisa da sua mãe e, eu, eu perdi a minha esposa.

Quando nós cruzamos a fronteira, não era para isso!

(Choro)

Era para...

(Choro)

Era para termos sucesso na travessia, todos! Era um sonho!

Mas ela nos preparou. Quando ela ficou sabendo que tinha era câncer, ela nos preparou e falou para mim: - Eu fiz o que tinha que fazer, se é a vontade do senhor a partida, eu parto tranquila.

(Pausa)

Eu tenho um compromisso grande, no momento do sepultamento eu falei para ela: - seus filhos que são meus filhos não vão ficar desamparados.

Meu sonho é que meus filhos construam uma família, se relacionem com outras pessoas.

Somos sozinhos aqui no Brasil.

Muita gente não entende. Somos um grupo familiar que cruzou a fronteira.

E muita gente que não conhece, não entende isso ainda, que somos um grupo familiar que deixou para trás uma família venezuelana e que a gente não vai voltar a ver essa família, porque o meu país não mudou.

Somos uma família que está sozinha no Brasil. Tem muita coisa ainda pra fazer aqui... As coisas são estáveis. O Brasil, já o Brasil tem muito potencial porque tem valores, tem o cuidado com as pessoas e eu acho que existem duas maneiras de ver Belo Horizonte: - a bonita e uma Belo Horizonte muito desassistida e feia.

(Choro)

Aprendi o portunhol, peço desculpas e achava que conhecia o Brasil só aquele lá de cima, mas aqui é muito diferente.

Outra coisa eu sinto falta é de amizade e uma vida social porque aqui eu só trabalho, trabalho, trabalho, trabalho.

Meu sonho é ter uma companheira pra conversar. Eu me sinto muito só, sinto muito sozinho, eu queria outras coisas e não somente trabalhar e sustentar a casa.

É um sonho secundário, é importante pra mim ter uma companheira, mas a minha esperança mesmo e peço a Deus é que meus filhos tenham uma família aqui no Brasil.

Este vídeo é uma oportunidade para as pessoas conhecerem como é complexo a vida de quem sai de seu país.

(Suspiro)

7.7 Mackenson, o cantor haitiano

Imagens registradas pela pesquisadora durante o processo de investigação

Belo Horizonte é a capital do Sudeste com o maior crescimento no número de venezuelanos (48%), seguido pelos haitianos (22%), de acordo com o relatório de mobilidade humana e acolhimento com dados recolhidos em Minas Gerais (OIM, 2022, p. 78).

Imagem 44- Mackenson em sala de aula do Projeto Ler



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Dentre os migrantes inscritos no curso de português, além dos venezuelanos, dois haitianos tornaram-se um caso à parte.

Imagem 45- Mackenson fala emocionado sobre o filho que ainda está no Haiti



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Eles se aproximaram, ouviram todas as explicações sobre a pesquisa, e entenderam que o foco eram os migrantes da Venezuela.

Imagem 46- Mackenson fala sobre as perspectivas de futuro no Brasil



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Mesmo assim, queriam contar suas histórias e pediram para serem ouvidos.

O haitiano Mackenson é cantor e atua de forma não profissional com o canto entre amigos.

Mackenson fez a oficina audiovisual e realizou a gravação, que não será usada nesta pesquisa, mas que será encaminhada como vídeo para a comunidade do Projeto Ler para utilização interna e em projeções.

Mesmo que o interesse dos migrantes haitianos em serem ouvidos tenha sido contemplado, suas histórias de vida serão um caso, e não um capítulo à parte. Suas narrativas serão parte integrante da devolutiva para os migrantes que acompanharam e participaram durante todo o processo de pesquisa.

7.8 Renaldo Celifice, o estilista haitiano

O haitiano Renaldo Celifice é estudante de moda, com interesse em moda sustentável e pelas peças em puro algodão, em Belo Horizonte. Animado com a possibilidade de trabalho na área da moda sustentável e consciente no Brasil tem a formatura prevista para o final do ano de 2024. Com o passar dos dias e das semanas, Renaldo já não tinha mais disponibilidade para a gravação.

7.9 Ángela Bolívar, a namorada

Trechos transcritos e traduzidos pela pesquisadora da gravação da venezuelana

Ángela Bolívar

Imagens registradas pela pesquisadora durante todo o processo de investigação

Meu nome é Ángela.

Meu nome é Ángela Vitória Garcia Bolívar.

Sou da Venezuela e já tem dois anos que estou aqui no Brasil. Pensar na minha vida...Tem muitos sentimentos que chegam aqui no (peito/coração) da gente. Muito difícil pensar que já são seis anos fora do meu país.

E eu passei por dois países.

Quando eu pensei se saía da Venezuela as coisas não estavam tão ruins não, mas já estavam começando a ficar ruim, estavam começando as dificuldades, mas a minha mãe, minha mãe disse que as coisas estavam piorando...

Imagem 47- Veemência em gesto com as mãos de Ângela sobre carimbo no passaporte



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

(Risos)
(Gargalhadas)
(Pausa)

E o medo, o medo era que a fronteira se fechasse!

Aí, eu decidi e falei pra ela: - Eu vou sair daqui! E aí começou a minha travessia.

Imagem 42 - Ângela eleva e distancia o olhar da câmera



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Fora de lá (da Venezuela) o que eu sinto, sinto muita saudade da minha família.

Ainda bem que a gente tem o telefone porque dava pra fazer ligação de voz e de vídeo, e perguntar como as coisas estavam lá na Venezuela. Como as coisas estavam na minha casa.

Às vezes eu ficava triste porque a minha sobrinha falava: - Olha o quarto da tia. Todas as suas coisas ainda estão aqui, tia!

Imagem 49 - Ángela olha para o lado esquerdo e distancia o olhar da câmera



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

E as coisas mais difíceis para mim eram quando eu sentia vontade de abraçar minha mãe dar um abraço no meu pai, isso doía muito.

Eu chorei... mas eu tinha esperança, esperança de que algum dia a gente ainda ia se encontrar.

(Suspiro)

Eu fiquei um tempo no Peru... antes, rapidamente eu decidi que eu ia sair do país.

(Suspiro)

(Silêncio)

Foi muito difícil a saída da Venezuela para o Peru. Foi tudo muito difícil. Eu fui de ônibus, mas não foi sentada na cadeira não, foi nas escadas.

Foram cinco dias de viagem. Eu fui. Meu pai falou: - Não olhe pra trás.

Passamos pela Colômbia e só para conseguir o visto no passaporte foi um dia inteiro na fila. E aí perdemos o ônibus e só saímos no dia seguinte.

E é uma viagem muito difícil. Passamos pelo Equador, e aí precisa do selo no passaporte, e depois ainda vai para outra cidade pegar outro ônibus até fronteira com o Peru.

E aí, finalmente outro ônibus até a cidade onde eu cheguei...

E aí, passaram 4 anos...

(Riso nervoso)

Imagem 43 - Ángela olha para a sua direita e distancia o olhar para a câmera



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

No princípio não foi difícil, na verdade não foi muito difícil por causa da mesma língua e mesmo com o sotaque diferente, mas sim pela cultura.

Eu sempre falo que os venezuelanos são parecidos com os brasileiros, são alegres e têm facilidade em aceitar os outros.

Os peruanos são um pouco mais reservados. E com a documentação também é muito diferente. Lá foi muito mais difícil e complicado e precisava refazer toda a documentação a cada ano. Aqui não, foi mais fácil.

(Silêncio)

Uma das coisas que eu amaria fazer é devolver a casa para a minha mãe.

(Silêncio)

(Choro)

É difícil... é muito difícil, mas ...

(Suspiro)

É um dos pensamentos que toda hora vem.

Não é só a minha casa, a casa que eu cresci, é a casa onde minha mãe fez o nosso lar. 30 anos que ela morava lá e teve que vender.

(Choro)

(Silêncio)

7.10 Éric, o namorado

Trechos transcritos e traduzidos pela pesquisadora da gravação do venezuelano Éric

Imagens registradas pela pesquisadora durante todo o processo de investigação

Meu nome é Eric Moisés!

O primeiro sobrenome é por parte do meu pai e o segundo sobrenome da minha mãe. Já fez dois anos e meio que estou aqui no Brasil e tudo começou em 2017, 2016, mais ou menos. Quando comecei a pensar o que queria fazer da vida lá no nosso país por causa da nossa política que é muito ruim. Comecei a pensar que ia fazer. A ideia era ir para o Peru e viajei para o Peru. Morei lá uns três anos mais ou menos e tive muita dificuldade.

A cultura lá é totalmente diferente da Venezuela, muito mais fechada. Mas nós conseguimos viver lá de um jeito mais tranquilo. Aí, a família da minha “esposa” que já estava no Brasil convidou para a gente vir morar aqui.

Para mim, a minha vida mudou completamente.

O Brasil é muito parecido com a Venezuela.

E antes, quando eu morava na Venezuela tinha tudo, tudo que eu queria, era fácil de encontrar.

A gente aproveitou isso na Venezuela.

Agora não encontra nada!

Imagem 44 - Éric se posiciona no meio da sala de aula e olha para baixo emocionado



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Eu sou uma pessoa muito competitiva então não tem essa história de eu não posso, eu não posso... se eu posso fazer eu vou fazer. Não sou competitiva só do lado material, sou uma pessoa competitiva mesmo, em tudo, eu vivo tentando quebrar essa regra, quando as pessoas falam que não pode ser feito. Tem que ter um propósito na vida, tem que lutar, achar qual é o propósito e conseguir chegar lá.

Eu tenho uma vida aqui muito tranquila, uma vida muito boa...

Só que não é meu país!

Eu já estou há seis anos fora do meu país e a saudade tá aqui, do meu lado. A saudade é muito grande.

(Choro)

(Silêncio)

Imagem 52- Éric se emociona a cada nova história sobre a travessia por vários países



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

A Venezuela para mim é família!

(Silêncio)

(Choro)

Aqui, a minha família cresceu!

(Silêncio)

(Choro)

(Suspiro)

Graças a Deus, a tecnologia ajuda muito as pessoas. Eu consegui conversar com minha mãe, meu pai e conheci um sobrinho novo que nasceu, só por ligação de vídeo, mas conheci.

Minha mãe sempre fala comigo e é importante sentir isso.

(Choro)

Eu acho que essa parte aí é uma recompensa, uma luz, em momentos de tantas dificuldades. Quando a gente está fora do nosso país, tem esse acréscimo de saudade por seus entes mais queridos.

Imagem 45 - Éric deixa transparecer no rosto a emoção das lembranças



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

O que motiva, que dá mais força para lutar por tudo é saber que a gente tem essas pessoas longe, que a gente ama.

O que eu faço aqui no Brasil é lutar por eles, é trabalhar por eles.

Infelizmente eu não consigo ir no meu país, não é porque eu não quero, queria ir no meu país, mas eu não posso. Então, todos esses problemas que acontecem lá... não presta... lá não vive, você só sobrevive. Eu gostei muito da cultura brasileira... quando eu cheguei aqui tive medo, porque morar no Brasil é um choque, no Brasil ninguém fala espanhol, é muito complicado. Tive medo, mas a partir desse momento, começou aquela minha competitividade. Eu sei que o cara da Bahia fala muito rápido, mas eu vou construindo, vou aprendendo o português. Todos os dias aprendo mais uma coisa nova. Pra mim, um dia que eu não consigo conversar com alguém é um dia perdido.

E acho que estou buscando a felicidade, e eu acho que eu posso falar que eu tenho felicidade no Brasil.

Por enquanto eu vou tentar viver lutando. Estando aqui no Brasil, com todo meu esforço para trazer todo mundo pra cá.

(Choro)
(Silêncio)

Imagem 46 - Éric leva as mãos aos olhos quando se lembra das dificuldades da travessia



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Meu sonho é ajudar toda minha família e trazer todos para aqui, para o Brasil, saber que eles estão perto de mim.

A distância é muito difícil.

Tem pessoas lá da minha família que já tem quase 70 anos, e é muito difícil quando a gente pensa nisso. Não é justo uma pessoa que entregou a vida inteira trabalhando pelo país ficar sofrendo tanto e ficar sem nada lá. É muito injusto.

Quero trabalhar e trazer minha família para o Brasil.

7.11 Alejandro Canelón, o filho e irmão

Alejandro foi um dos primeiros a se disponibilizar para as gravações, demonstrando muito interesse na pesquisa e de contribuir com projetos que objetivem proporcionar maior visibilidades aos migrantes. Mas, por incompatibilidade de agenda, ele não conseguiu ir aos encontros pré-agendados para as gravações.

7.12 Armando, o pai sem filha

Trechos transcritos e traduzidos pela pesquisadora da gravação do venezuelano

Armando Astudillo

Imagens registradas pela pesquisadora durante todo o processo de investigação

Graças a Deus, o Brasil (nos) acolheu e em Belo Horizonte já estamos morando há 4 anos e 6 meses.

Eu trabalho de Uber, tem 4 anos trabalhando de Uber e minha esposa continua procurando trabalho.

Nós, nós saímos do nosso país fugindo...

Fugindo por causa da situação política que acontece lá na Venezuela.

Infelizmente para nós, morreu a nossa filha. Aqui no Brasil estamos tentando viver, mas a situação é muito difícil, mas tem muita oportunidade aqui nesse país (Brasil), então nosso sonho está dando certo. Mas, a gente tá sempre lembrando da nossa família, dos nossos entes queridos. E até mesmo daqueles que já foram embora, que já partiram na frente.

Eu agradeço muito porque acolheram a nossa família, por dar oportunidade de seguir em frente, mas não é fácil, a gente tem que lutar muito, mas lutamos para poder procurar essa melhor qualidade de vida. E por isso a gente trabalha. E trabalha com força, tem que trabalhar muito para conseguir o que você precisa.

Mas, infelizmente, aqui tem uma coisa que é difícil para nós: - Conseguir trabalho fixo!

Imagem 55 - Armando escolheu ficar longe dos outros migrante para a gravação



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Imagem 47 - Armando olha para a câmera e se emociona ao falar da filha



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Minha filha que morreu era uma menina muito estudiosa, gostava muito de estudar. Eu sei que ela queria fazer muita coisa. Ela ia ser uma profissional muito boa.

(Silêncio)

(Choro)

(Silêncio)

Era uma menina lutadora, seu nome era Esther, aquela guerreira da bíblia. Ela lutou, lutou muito. E infelizmente a leucemia acabou com a sua vida.

Ela nunca se preocupou com a morte, ela só falou: - eu nunca imaginei que eu ia ter esta enfermidade. Só caíram duas lágrimas e nunca mais falou sobre isso. Ela só lutou. Lutou muito. Ela era uma guerreira mesmo. Muito forte.

O governo da Venezuela não deu o medicamento que ela precisa para ela, não ajudou para que ela pudesse ter um tempo mais de vida.

Isso ajudou para que a gente tomasse a decisão de fugir do nosso país.

Pensando em seu irmão, nosso filho, tomamos a decisão de fugir.

Claro que eu sinto saudades do meu pai e da minha mãe, mas a minha filha era tudo para mim.

(Choro)

(Pausa)

Imagem 57 - Armando sentado e olhando fixamente para a câmera



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Quando nós tomamos a decisão de vir para o Brasil, eu viajei sozinho.

Morei nas ruas por três ou quatro meses em Boa Vista (Roraima)...

Muito triste e muito difícil, sozinho e na rua.

A naquele tempo não tinha como tomar banho, não tinha trabalho, eu estava procurando oportunidades pra minha família e eu fui ajudado por uma família brasileira, uma pessoa de coração grande. Eu morei na casa dela, com ela e a filha também, elas ajudaram com uma vaquinha pra eu tentar trazer a minha família que estava na Venezuela. Eu procurei a minha família.

Aí eu procurei e documentação da minha família e aí voltamos para Pacaraima e chegamos no Brasil. Saímos três da manhã, meu filho tinha fome.

Meu filho com 9 ou 10 anos. Saímos de madrugada, três da manhã, só levamos uma mochila cada um e na mala só mesmo sonhos e esperanças.

(Choro)

Fomos para o terminal, pegamos um ônibus, viajamos e chegamos em Pacaraima. E aí, eu me lembro que o dinheiro acabou não era muito. Eu só comprei um refrigerante pão e um pouquinho de mortadela e acabou o dinheiro. Eu lembro que meu filho ficou feliz, porque tinha muito tempo que ele não tomava refrigerante e não comia mortadela. Ele estava feliz com isso e eu chorava de tristeza e alegria, mas nós não tínhamos como viajar. Aí eu desci até onde fica o ponto de controle de Pacaraima e pedi ajuda. Ainda ficamos lá uma noite, e ajudaram a dar

comida pro meu filho, dar uma fruta, ajudaram muito e passamos a madrugada lá e de manhã cedo conseguiram uma carona pra nós até chegar em Boa Vista.

Morar lá em Boa Vista é como morar na Venezuela, por que mesmo eu trabalhando num supermercado, a gente não tinha dinheiro para nada. Para nada. Então eu pensei em ir pra outra cidade.

Pedimos ajuda de novo. Quando a gente procurou informação sobre o lugar que a gente ia, fizemos entrevistas para isso, tinha muita gente na fila esperando e era para esperar muito tempo. Tem igrejas que ajudam também a levar para os locais, mas na igreja a entrevista era só pra casal, só casal com toda a documentação.

Imagem 58 - Armando apoia os braços e as mãos nas pernas



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Quando perguntaram para onde a gente queria ir, falamos Curitiba e Florianópolis, por causa do clima, por ser mais tranquilo. Eu sou técnico de informática, mas também já trabalhei fazendo pizza, hambúrguer, doce, e como Florianópolis é uma cidade turística, ia conseguir trabalho, mas, mas eu não tinha conhecimento de que Florianópolis é uma cidade muito cara. E lá na igreja... três dias antes da viagem, eles ligaram da Igreja.

Ligaram para avisar que nós íamos é para Belo Horizonte. Iam nos mandar para Belo Horizonte. Eu não conhecia nada da cidade e passamos a madrugada e o dia pesquisando, fui procurar alguma informação.

Viajamos uma viagem muito forte, porque saímos de Boa Vista para Manaus de Manaus vamos para Pernambuco, quando chegamos em Pernambuco de avião a moça falou pra trocar a viagem e lá ficamos quatro dias dormindo e vivendo no aeroporto... Até que deu certo a viagem para Belo Horizonte.

Aqui tem muita coisa nova para nós, a língua, o português, não é tão difícil, mas demora para aprender. E tem muita comida diferente e a farinha e muito diferente da nossa.

O mineiro é muito, muito receptivo e acolhedor.

Eu não tenho amigos, mas temos muitos conhecidos.

Meu grande sonho é que meu filho entre para a faculdade e faço o que ele quiser e depois consiga um trabalho bom. E para mim é conseguir um trabalho melhor, para eu ficar mais tranquilo, e a mesma coisa para a minha esposa.

Agradeço os brasileiros que entram no meu carro e oferecem alguma palavra de ajuda para mim...

E agradeço a todos que tanto nos ajudam. Minha palavra de esperança é trabalhar.

(Choro)

7.13 Saúl González, o quase mineiro

Imagem 59 - Saúl olha para a câmera para iniciar a gravação



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Saúl, diferentemente dos outros migrantes, fez a autogravação em pequenos vídeos de aproximadamente 1 minuto cada, no início em pé e segurando o smartphone na altura dos olhos.

Em todos os shorts, pequenos vídeos comumente produzidos para as redes sociais como o Instagram, Saúl iniciava a gravação se identificando: Olá, Sou Saúl David González Romero, sou da Venezuela, e estou no Brasil há 2 anos.

Em quase 50 gravações, a variação foi bem pequena na apresentação, trocando o nome completo por apenas dois nomes, primeiro e último nomes, a saudação variando entre Oi, bom dia e Olá, a localização como Brasil, Minas Gerais, Belo Horizonte e Praça da Liberdade. Na maioria das gravações há uma reiteração sobre a experiência ser bacana, legal, construtiva, inovadora e positiva.

Imagem 60 - Saúl decide gravar no contra plongée



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

Oi, tudo bem?

Meu nome é Saúl David González Romero, sou da Venezuela, e estou no Brasil há 2 anos e desde que eu cheguei tinha uma expectativa e quando eu percebi qual era a realidade, tive um despertar, assim, de como são as coisas.

Atualmente eu estou bem sereno com a cultura brasileira, to curtindo bastante as pessoas, a cultura, o jeito das pessoas, e to achando que estão se convertendo na minha identidade já que estou no Brasil... e mesmo que seja pouco tempo, acho que é um tempo para me adaptar a elas.

Até agora, a experiência que eu tenho no Brasil tem sido uma experiência muito legal, tem sido uma experiência muito divertida, conhecendo a cultura, os hábitos, conhecendo as

peessoas brasileiras e aqui em BH, que é onde eu to morando, percebi que as pessoas são muito alegres, muito unidas e percebi como uma pessoa estrangeira.

Tem sido uma experiência bacana, tanto que as coisas aqui do Brasil, de Minas Gerais e de Belo horizonte, estão se tornando parte de mim, por este tempo que já estou aqui.

A experiência tem sido muito legal e enriquecedora.

Eu tenho curtido bastante as coisas daqui, as pessoas de Belo Horizonte, as palavras, as gírias. O sotaque, não! É meu, e acho que tenho pouco tempo aqui. Acho que o sotaque eu nunca vou mudar.

É a melhor experiência da minha vida, conhecendo muitas pessoas e a cultura fazendo parte de mim nesta trajetória que tenho aqui no brasil.

Eu trabalho aqui, na mesma empresa, há 1 ano e 4 meses, comecei como jovem aprendiz e com o meu desenvolvimento, que eu cheguei e não falava português, eles me deram esta oportunidade de trabalhar com eles e agora, depois deste primeiro ano, fui incentivado a ficar na mesma empresa.

Também estou fazendo curso na PUC Minas e isso tem me ajudado com o português, a conhecer novas palavras...

Imagem 48 - Saúl decide alterar o enquadramento e gravar em *plongée*



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

As pessoas aqui em Belo Horizonte recebem muito bem os estrangeiros.

Na cidade onde eu estou morando, que é em BH, tenho conhecido muitos lugares culturais, que tem sido muito enriquecedor para mim.

Se vocês olharem lá atrás temos a Praça da Liberdade, que é uma das primeiras praças planejadas da cidade, também temos o Palácio da Liberdade, porque aqui é um circuito cultural onde tem muitos lugares que a gente pode conhecer.

E tudo isso eu conheci porque as pessoas quiseram compartilhar o que elas sabem comigo.

Eu estou aqui no Brasil com a minha mãe.

Minha mãe já tem muito mais tempo que eu no Brasil.

Eu cheguei há pouco tempo, quase 2 anos.

Eu cheguei ao Brasil com expectativa de continuar meus estudos e trabalhar. Agora, já estou trabalhando, caminhando para começar a faculdade. Quero na Universidade Federal de Minas Gerais.

Se Deus quiser eu vou começar faculdade na UFMG.

A minha mãe sempre me apoiou, ela que me ajudou, minha mãe me ajudou no início a começar a falar português. Foi ela quem me orientou para me inscrever no projeto daqui pra falar português. O curso é para os imigrantes aprenderem a falar português.

Eu já tenho participado desse projeto em três diferentes cursos e até agora tem sido uma experiência muito legal.

Eu conheci muitas pessoas eu conheci muitas pessoas da Colômbia, da Síria, pessoas que falam francês e inglês. É muito legal, é muito legal a gente se identificar com outras pessoas que também são imigrantes que vêm de outros países e com experiências similares à minha.

8 MAS HÁ TAMBÉM O SILÊNCIO

*O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação;
um lugar de recuo necessário para que se possa significar,
para que o sentido faça sentido.
Orlandi (1995)*

Palavras como fome, desesperança, fragilidade, abandono, cansaço, solidão, e as incertezas sobre a sobrevivência e a liberdade permeiam as narrativas do migrantes.

A insegurança com a falta de emprego, dinheiro, comida e medicamentos povoam estas histórias de vida e emergem a cada gravação de si.

As falas, que muitas vezes são respostas aos próprios questionamentos, também são entrecortadas por momentos de silenciamento. Em algumas culturas o voto de silêncio é uma prática usual, mas quando ele não faz parte de um rito religioso ou cultural, aquele que ocorre em algumas situações de interlocução e diálogo entre sujeitos, pode ser entendido como respeito, dúvida, hesitação, pausa, autocorreção, redução ou suspensão momentânea do ritmo da fala para a reflexão.

Imagem 49 - Espaço vazio



Fonte: Marisa Guimarães Leite (2024).

As breves ausências de fala marcam as fronteiras que distinguem as palavras faladas e o silenciamento. As formas do silêncio são uma premissa levantada por Orlandi (1995), pesquisadora da linguagem, que sustenta que o silêncio é fundante na constituição do sujeito, que tem caráter necessário e próprio, fundante significa que o silêncio é garantia do movimento

dos sentidos, e tem um percurso que vai do "mais silêncio" ao "menos silêncio", dos mitos a's explicações científicas. O silêncio integra o processo de significação do sujeito em relação ao mundo, por meio da linguagem. Orlandi (1995, p. 11) traça uma escrita onde relaciona as formas e os sentidos do silêncio, "Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras respiram silêncio. Há silêncio nas palavras".

Os depoimentos e as falas dos sujeitos-migrantes vêm de forma fragmentada. São palavras aprendidas e apreendidas. Há uma fala contínua de narração com a descrição de detalhes e aprofundamentos recortados da trajetória do processo de migração. Desde a origem, a terra natal, e hábitos e costumes, o cotidiano e as mudanças bruscas de cultura.

[Os mecanismos subjetivadores dessa identidade empregam estratégias discursivas e argumentativas que lhes permitem dar voz à sua cultura de origem, abordando aspectos relacionados a' religião e ao folclore; apenas dessa maneira é possível manifestar sua subjetividade, a antiga, aquela que se encontra em processo de mudança ou perda, para passar a uma nova subjetividade, que se caracteriza pelo novo idioma falado e pela cultura adquirida (Cavalcante & Militão, p. 117, 2016).]

A narrativa vem imbuída de significados. De palavras e silêncios. As falas ininterruptas trazem a emoção da narrativa (auto)biográfica.

O olhar para si e para a sua história de vida, nesses momentos de introspecção, fazem as línguas se confundirem e se fundirem. A língua de origem emerge e se sobrepõe à língua portuguesa. Elas se unem num compasso de espera, para que o outro decifre o conteúdo tanto em português com em espanhol. Palavras, silêncios, palavras! Independente da língua de origem, as palavras fluem voluptuosamente. Se as próprias palavras respiram silêncio. Se há silêncio nas palavras como propõe Orlandi (1995, p. 11), a união de palavras em línguas diversas propicia um silêncio perturbador.

A autora trata a relação entre o dizível e o não dizível, em uma profunda reflexão, sobre o que dizer e o que não dizer e traz, como fio condutor, os sentidos do silêncio.

O estudo do silenciamento (que já não é silêncio, mas "por em silêncio") nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do "implícito". Vale lembrar que a significação de implícita, segundo Ducrot (1987), como citado por Orlandi, "aparece - e algumas vezes se dá - como sobreposta a outra significação". Para a autora, o sentido do silêncio não é algo juntado, sobreposto pela intenção do locutor: há um sentido no silêncio (Orlandi, 1995, p. 11-12).

A linguista aborda alguns conceitos da Análise de Discurso, que nesta pesquisa não foram relacionados, para apresentar o silenciamento e os efeitos da censura no movimento dos sujeitos e dos sentidos. Ao contrário da posição secundária, negativa e passiva, atribuída ao silêncio nas formas sociais da cultura para ocupar um lugar adjacente à linguagem, como o restante ou a falta da fala, como a ausência da linguagem, a pesquisadora eleva o silêncio como fundante. A autora também explora a incompletude da linguagem como uma das dimensões do silêncio, e para ela todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer.

[Essa dimensão nos leva a apreciar a errância dos sentidos (a sua migração), a vontade do "um" (da unidade, do sentido fixo), o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude (lugar dos muitos sentidos, do fugaz, do não apreensível), não como meros acidentes de linguagem, mas como cerne mesmo do seu funcionamento (Orlandi, 1995, p. 12).]

Como as falas compõem a base das narrativas auto(biográficas) e muitas vezes as respostas aos questionamentos que os migrantes fazem a si mesmos, elas também são entrecortadas por momentos de silenciamento, o silêncio integra a pesquisa. O silêncio tem o poder de emudecer o som das palavras, mas também fortificar o pensamento, o movimento e a reflexão. Ele estanca o som, mas também permite a pausa aos ouvidos, um momento de descanso e respiração. Ele ocupa o entremeio das palavras, das frases, muitas vezes oculta a essência, o que é importante ou o que está bem guardado. Posiciona-se entre o que se diz e o que não se ousa dizer. Por isso ele é fundante. Quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio "fala" por elas; elas "silenciam" (Orlandi, 1995, p. 14). Colocar as palavras no silêncio é ocultar do outro o que importa para o sujeito. É o não-dito que emerge nas abordagens, nas gravações e nas falas. "Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazo sem história [...] o silêncio não é mero complemento da linguagem. Ele tem significância própria" (Orlandi, 1995, p. 23).

Há modos que se diferem ao se relacionar com o mundo e com outro, seja em palavras ou em silêncio e essas formas de significar são modos diferentes entre si. Orlandi (1995) distingue o silêncio entre o silêncio fundador e a política do silêncio.

[a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que se subdivide em: b 1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as "outras" palavras); e b 2) o silêncio local, que se refere a' censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura) (Orlandi, 1995, p. 24).]

Entre as narrativas do sujeitos-migrantes, quando o silêncio é encontrado, poderá estar vinculado ao silêncio fundador, onde o não dizer implica em recuo ou suspensão das palavras, o silêncio constitutivo que significa que dizer é se colocar em silêncio e o silêncio local que se refere ao silêncio por censura, por ser migrante e estar fora de seu país, com enfrentamentos culturais, por dificuldades ainda presentes na comunicação durante a aprendizagem de uma nova forma de se expressar por palavras, a língua portuguesa.

9 CONSIDERAÇÕES, NOVAS INQUIETUDES, EXPECTATIVAS E O ARTIVISMO COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO

*O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso.
O senhor avista meus cabelos brancos. . .
Viver - não é? - é muito perigoso. Porque ainda não se sabe.
Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.
O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca. . .
O senhor crê minha narração?
(Rosa, 1994, p. 840)*

Os migrantes são (hiper)visíveis quando responsabilizados e culpabilizados por acontecimentos violentos do cotidiano como assaltos e brigas, e, nomeados e apontados como marginais, bandidos e criminosos e, conseqüentemente, tornando-se números de estatísticas para a área de segurança pública. São vidas e corpos criminalizados por existirem nas ruas de um país diferente do seu. (Hiper)visíveis quando são identificadas como responsáveis por crimes e violências urbanas.

O migrante diante da administração pública e das políticas públicas e das políticas educacionais brasileiras, é um personagem que não encontra representação fora da invisibilização de sua condição de sujeito (Matos-de-Souza *et al.*, 2021, p. 3).

(In)visíveis quando são negligenciados pelas políticas públicas, pela possibilidade de exercício dos direitos políticos. Sem atenção e cuidado, têm suas vidas apagadas para o censo demográfico que exclui da pesquisa os corpos em movimento.

*Nesta reflexão de hoje eu me reconheci!
Reconheci que pertença aonde eu quero pertencer.
Uma vez que eu veja a mim mesma sei que todos os demais também vão passar a me ver!
(Cristina La Rosa, 2024)*

Mesmo que as ruas e avenidas das metrópoles brasileiras acolham sons urbanos em uma polifonia composta por novos sons produzidos pelos migrantes, em sons de fala em línguas estrangeiras, seus sotaques e em músicas, com canções e instrumentos diversos, e, que também estejam presentes as imagens, estáticas e em movimento, de corpos e espaços, roupas e vestimentas, cores e texturas, permanecem (in)visíveis. Bauman (2001) potencializa essa complexidade, especialmente das relações do sujeito com o outro. O imediatismo como premissa para a satisfação dos desejos e anseios, a liquidez e a fragilidade das relações adaptáveis à contemporaneidade e o individualismo atrelado à escassez de tempo para si e para o outro caracterizam a complexa pós-modernidade.

Os sons e imagens, que, colorem e trazem diversidade ao Brasil, incomodam os transeuntes que atravessam as ruas, trocam de calçada para não se depararem com esta nova diversidade populacional, e relegam à (in)visibilidade estas vidas. Como distingue Augé (2012, p. 74), lugar e o não lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado; e o segundo nunca se realiza totalmente.

Afinal, o que vemos e o que não enxergamos? O que ouvimos e o que não escutamos?

Como a pesquisa envolve seres humanos em situação de vulnerabilização, há a preocupação e o cuidado em relação ao atendimento às recomendações éticas vigentes para a minimização de riscos e a utilização do consentimento livre e esclarecido, baseado na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGDP), Lei nº 13.709/2018.

A autorização para esta pesquisa foi assinada por cada um dos participantes antes das abordagens e gravações. Todos foram informados sobre o objetivo da pesquisa, cronograma a ser seguido, investigação, além de ferramentas e instrumentos necessários à sua realização. Também tiveram a liberdade para solicitar a qualquer fase da pesquisa quaisquer informações que possam elucidar ou dirimir dúvidas e com conhecimento acerca da possibilidade de interromper a participação, mesmo depois de assinado o termo de autorização.

Uma das premissas é o estabelecimento de diálogo horizontalizado com a população vulnerável e o planejamento para a execução de devolutiva para que a participação seja verdadeiramente dialógica. De certo modo, o usuário do não-lugar é sempre obrigado a provar sua inocência (Augé, 2001, p. 94). Os dados das observações e das gravações foram utilizados para fins de estudo, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

9.1 Novas Inquietudes

Como definir e evidenciar o não-lugar como um lugar de passagem e de travessia de transeuntes, onde sobrevivem pessoas em situação de vulnerabilização?

Como contribuir para a elaboração e implementação de políticas públicas se as informações disponíveis são controversas, ultrapassadas e não sofrem atualizações sistemáticas e transparentes sobre as realidades vivenciadas?

Como trabalhar juridicamente as questões que envolvem os migrantes sem a letra fria da lei? A lei não vê todos os lugares, há não-lugares onde sobrevivem sujeitos (in)contáveis, apagados e silenciados.

Palavras como solidão, fome, cansaço, prazer, revolta, tédio, angústia e morte rondam os migrantes. Algumas frases que emergem das narrativas apontam para o sofrimento e a solidão, e ressaltam a necessidade de respeito e transformação consciente de quem somente encontra migrantes, não vê, não enxerga, não escuta e nem ouve pessoas.

Fome, desesperança, fragilidade, abandono, cansaço, incertezas de não compartilhar com a família a falta de medicamentos e atendimento médico e a imposição e obrigação de viver nas ruas são sentimentos que, paulatinamente, são substituídos pela esperança.

Se mesmo com o acolhimento a vida ainda é pautada pela solidão e pelo sofrimento, a expectativa é que exista uma reflexão que corresponda a esta profundidade e complexidade da vida em movimento. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido (Benjamin, 1987, p. 205). Espera-se que essa investigação possa contribuir verdadeiramente para que as pessoas passem a ver o que não se enxerga nas ruas e que ouçam o que não é escutado nas narrativas de corpos em constantes movimentos.

Se são (in)contáveis, como há tantos números visíveis de corpos (in)visíveis?

Como há um número expressivo de corpos estigmatizados como marginais e bandidos, contabilizados pelas áreas de segurança no país?

A controvérsia envolve a visibilidade de pessoas em vulnerabilidade social. São (hiper)visíveis quando usadas para notificar eventos ligados à criminalidade. Responsabilizadas e culpabilizadas pelas violências das ruas, utilizadas para aumentar as estatísticas da área de segurança pública. De forma controversa, são (in)visíveis para o afeto, para a compreensão e para as políticas públicas. As grandes ondas migratórias e que demandam novas políticas públicas voltadas para esta população especificamente na área da educação, e, não somente na área da saúde e da Segurança Pública, ainda não encontraram o sujeito migrante (Matos-de-Souza *et al.*, 2021).

São vidas abandonadas e apagadas para o censo demográfico e pesquisas. As ruas, casas fixas, de passagem ou temporárias tornam-se um não-lugar, um lugar de passagem e de travessia, onde sobrevivem pessoas em constantes deslocamentos.

9.2 Artivismo: práticas que entrelaçam arte, tecnologia e mudanças sociais

Vivendo minha sorte, com lutas e guerras!
Guimarães Rosa

O Artivismo pode ser transgressor, inovador, criador, colaborativo, subversivo, crítico e pode vir imbuído por uma grande carga de reflexão social. É necessário identificar a força e

o valor da arte e da tecnologia ao longo da história. O papel intervencionista do Artivismo consciente, imbuído de uma prática sistematizada, pode ter reflexos e mesmo impactos sociais e políticos, com possibilidades transformadoras.

Uma energia criativa que vem de dar o coração, a alma e a imaginação à luta. Não é agressão, mas fúria. Não é dor, mas confronto. Não viola, mas disrompe. Esta paixão tem todos os ingredientes do ativismo, mas está carregada com as criações selvagens da arte. *Artivismo* – onde os limites são empurrados, a imaginação é libertada, e uma totalmente nova linguagem emerge, é a definição de Ensler (2011) para o *Artivismo*, referendada por Veiga (2020, p. 194).

A criação de novas ações colaborativas com e para a população migrante em um próximo momento, pós pesquisa, está voltada para a disseminação das condições de vulnerabilidade destes sujeitos em processo migratória. A busca é por transformar, por meio de ações práticas, a (hiper)visibilidade que sugere uma perspectiva negativa sobre a vida dos migrantes. Contribuir para a visibilidade mais realista sobre as condições de vida destas pessoas só é possível a partir da construção coletiva, para e com os migrantes, com novas formas de atuar colaborativamente.

A desobediência implica na invenção do novo. E é muito difícil produzir algo novo reproduzindo o que já vem sendo feito há décadas, há séculos. Caminhar sobre caminho aberto, terraplanado, com vários níveis de calçamento pode ser tudo menos trilhar um caminho novo. Por isso, a pesquisa que não é obediente precisa trilhar um caminho em mata fechada, a ser aberto por instrumentos que nem possuímos, esses precisam também ser inventados. Isto implica em deslocar-se no território, indo para além dos limites predeterminados e impostos de antemão, reconhecendo-os como limitadores epistemológicos e culturais. Por fim, desobedecer epistemologicamente pode significar um ato de produção teórica e metodológica. Ou seja, de dar nome ao que estamos fazendo ao significar nossos contextos, sem malabarismos para caber em um desejo de adesão teórico-metodológica qualquer. Reconhecer que o que fazemos pode ter um nome próprio, uma marca, que apresente o que fazemos ao mundo. Talvez, precisemos negociar geopoliticamente o que estamos produzindo localmente, mas só conseguiremos isso se tivermos antes um nome para o que fazemos (Matos-de-Souza, 2022a, p. 25).

Ainda não nomeadas definitivamente, as narrativas audiovisuais possibilitam ultrapassar fronteiras físicas e projetar textos e vídeo poemas em locais públicos, disseminando sentimentos, conquistas e lutas. Benjamin (1987, p. 205) considera que a narrativa mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida tirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador como a mão do oleiro na argila do vaso.

Participação e colaboração no âmbito do Ativismo, permitem que as bandeiras sejam hasteadas e as lutas sejam travadas coletivamente. No Ativismo, as práticas entrelaçam arte, tecnologia e apontam para mudanças sociais, como instrumentos de uma transformação social, fundados nas questões sociais, políticas e jurídicas. “Para agir com eficácia nesta topografia cultural, é necessário observar, analisar e responder criativamente, não apenas centrando-se no conteúdo, mas também no próprio suporte de exposição do mesmo e no entrosamento dos dois” (Veiga, 2020, p. 188).

Para o futuro, com o resultado deste processo investigativo, as perspectivas são de permitir que o Ativismo também se configure como uma manifestação política e social, a partir da disseminação das narrativas (auto)biográficas, em depoimentos, em projeções públicas, em redes de emissoras televisivas e radiofônicas públicas, universitárias e comunitárias.

O Ativismo, que pode transmutar os depoimentos em obras de repercussão pública, aliando a arte da captação audiovisual ao ativismo em prol dos migrantes, estará permanentemente presente em cada projeção em praça pública, em empenas de prédios, em qualquer superfície que permita ser utilizada como suporte para a projeção de imagens.

Por isso, bem-vindos, todos os cidadãos do mundo! (Cristina La Rosa, 2024).

Os passos desta trajetória foram construídos a partir de encontros, desencontros, falas, silêncios, memórias, imagens e áudios que buscaram refletir os anseios da população migrante no Brasil, em Minas Gerais e em Belo Horizonte.

A (auto)biografia é um trabalho físico, emocional, intelectual e relacional, comprometido com a alteridade, a ética, a política e o crescimento pessoal. De um lado, o self como produto das condições e dos contextos em que opera, e, por outro, o eu construído por meio das histórias que recebe, cria e compartilha. Assim, com um movimento dialógico entre estrutura e agência, possibilita que os estudos a partir da reinvenção e da imagem de si deste sujeito migrante superem as limitações das abordagens tradicionalistas individualistas e essencialistas, que reificam e reduzem a riqueza e pluralidade das identidades dos imigrantes (González-Monteagudo; Leon-Sánchez; Martin-Gutierrez, 2022).

Essas narrativas trazem a inscrição do sujeito no mundo contemporâneo, de narradores que se lançam, laçam e se entrelaçam em novos territórios em busca de oportunidades. São história de sujeitos que se encontram longe de sua terra natal, que constroem novos olhares e sentimentos sobre família, amizades, trabalho e lugares. São sujeitos que integram o movimento migratório. E que, antes de serem migrantes, são sujeitos.

Em um país distinto de sua pátria, com diferentes hábitos, comportamentos, linguagem, transbordam em suas narrativas os elos de resgate da sua própria cultura, de suas raízes e de seu povo, de sua origem e da sua subjetividade.

Os sentimentos que emergem das vozes e das imagens destes migrantes ultrapassam o cenário acadêmico e têm a oportunidade de ser acessíveis à sociedade. Migrantes que dão vida a este fenômeno histórico e social, político e de transformação do sujeito em movimento: a migração.

Um desnudar de histórias de vida, narradas pelos próprios sujeitos em vozes e gestos, com traços e marcas simbólicas nas narrativas (auto)biográficas.

Ao pesquisar as marcas que emergem nas narrativas (auto)biográficas do sujeito-migrante, as informações e os relatos amalhados apontam para a compreensão das novas relações construídas pelos sujeitos de diversas origens, a busca e o resgate por raízes entranhadas em uma terra nem tão distante no tempo e no espaço, a tentativa de aplacar os medos, a dor e o sofrimento, e a procura constante pela oportunidade de construir um futuro possível, nessa incompletude das ideias e ideais de cidadania e garantia de direitos fundamentais.

O processo investigativo também esteve revestido de interesse, desejo e motivação pessoais que habitam o cotidiano de quem vive com a liberdade de ir e vir, que pode ultrapassar as fronteiras físicas. Observa, participa de grupo de trabalho e discussão sobre as pessoas em vulnerabilidade, participa das lutas e suas implicações e também se enreda e se embaraça na temática. Sob outro aspecto, a investigação ocorre concomitante ao aumento exponencial do processo migratório no Brasil.

Com a perspectiva de (inter)ferir artisticamente e socialmente, as narrativas (auto)biográficas materializadas em conteúdos audiovisuais, trazem o contexto social e comunicacional em que está inserida essa população e evidencia o processo de (in)visibilidade dos sujeitos-migrantes ao buscar novas reflexões sobre o lugar do sujeito migrante neste cenário das relações humanas.

Esta é uma perspectiva para um futuro próximo em que todo o conteúdo possa estar disponível para visualização, exibição, disseminação para que organizações não-governamentais e grupos de apoio à população migrante, e todo e qualquer sujeito, o que enxerga e vê, ou não, o que ouve e escuta, ou não possa perceber a existência de sujeitos, que muitas vezes não têm outra opção de vida e se lançam ao mundo, em busca de uma existência fora de seus territórios físicos, políticos e culturais de origem.

Referências das Narrativas (auto)biográficas

A batalhadora (2024). Guiomar González: a batalha por uma nova vida

A dançarina (2024). Nexy Guzmán: A dançaria da Liberdade

A irmã (2024). Alisson Canelón: a irmã

A mãe sem a filha (2024). Maria Esther Figueroa: a mãe sem a filha

A namorada (2024). Ángela, a namorada

A pessoa (2024). Cristina Carolina La Rosa: ser, antes de ir e vir

O marido (2024). Armando, o marido

O namorado (2024). Éric, o namorado

O pai (2024). Gerald Canelón: o pai

O quase mineiro (2024). Saúl González: o quase mineiro

VIDEOPOEMAS CONCRETOS

A parte digital deste processo investigativo é composta por conteúdos transmídias compreendendo conteúdos audiovisuais, conteúdos sonoros e vídeopoemas concretos como estes abaixo relacionados. São palavras, frases e expressões selecionadas das transcrições e traduções das narrativas (auto)biográficas que amalhadas produzem e refletem desejos e esperanças. É a materialização de sentimentos na concretude de palavras em movimento, que extrai dos verbos e dos substantivos presentes nas falas das narrativas gravadas, uma ressignificação.

Os vídeopoemas concretos foram criados a partir das palavras mais faladas, reiteradamente, pela maioria dos migrantes participantes. É, portanto, uma criação a partir da subjetividade coletiva, com a reunião e transposição de anseios e constatações, sem uma autoria individual, mas de uma coletividade venezuelana. Os 16 vídeopoemas concretos, marcados pela síntese e pela repetição trazem a vanguarda da poesia concreta, caracterizada pela expressão visual e experimental, na relação entre a palavra, os movimentos e a imagem. Palavras como solidão, cansaço e família são repetidas em várias narrativas.

A projeção destes vídeopoemas em paredes de prédios urbanos e nas empenas, fachadas laterais de edifícios que não possuem janelas ou portas, como uma ação Artivista, proporciona uma visibilidade e uma comunicação alternativas, desafiando a mídia convencional e subvertendo o *modus operandi* do poder instituído e arraigado da comunicação tradicionalista.

Os vídeopoemas a serem projetados, emergentes das narrativas, apontam para a esperança de uma vida mais digna e ressaltam a necessidade da garantia dos direitos humanos e ainda de transformação consciente de quem somente encontra migrantes no espaço urbano: não vê, não enxerga, não escuta e nem ouve estes sujeitos.

Ter vida

Ter esperança

Ter futuro

DeSeJOs

Ser visto como ser humano

Viver no lugar de [Sobre]viver

É MUITO DIFÍCIL

Se para a gente é DIFÍCIL,
nem imagino como é DIFÍCIL
para quem ficou lá.

É muito DIFÍCIL superar.

É DIFÍCIL

É DIFÍCIL largar tudo

É DIFÍCIL olhar para trás

É DIFÍCIL viver sem família

É DIFÍCIL não saber o português

É DIFÍCIL NÃO CONHECER QUEM
NASCEU NA SUA FAMÍLIA

É DIFÍCIL NÃO SER [RE]CONHECIDO

É DIFÍCIL NÃO SONHAR

É DIFÍCIL NÃO CONSEGUIR TRABALHAR

É DIFÍCIL

É DIFÍCIL largar tudo

É DIFÍCIL olhar para trás

É DIFÍCIL viver sem família

NÃO

é só a minha casa,
é a nossa vida lá dentro

Do nada você olha e **NÃO** vê
mais seus colegas, seus amigos, sua vida

NASCEU NA SUA FAMÍLIA

É DIFÍCIL **NÃO** SER [RE]CONHECIDO

É DIFÍCIL **NÃO** SONHAR

É DIFÍCIL **NÃO** CONSEGUIR TRABALHAR

NÃO

foi justo ter que fugir,
mas é preciso ir adiante

NÃO

conseguia nem me comunicar

NÃO

quero voltar

O que eu faço no Brasil?
Luto pela família.

Brasil?
Lá ninguém fala espanhol.
Tá louco?

CANSAÇO

FICO CANSADO DE SÓ [SOBRE]VIVER

EU LUTO, MAS TO CANSADO

NÃO VOU DESISTIR, MAS CANSA TENTAR DE TUDO

PROCURO E PROCURO TRABALHO E NÃO CONSIGO

PASSEI FOME
SENTI MUITO FRIO
PASSAMOS FOME E FRIO
MOREI NAS RUAS COM MEU FILHO
FIQUEI NA RUA
NÃO TINHA NADA
ABANDONEI TUDO
VENDI TUDO
CRUZEI A FRONTEIRA A PÉ
SEM ROUPA, SEM MALA, SEM NADA

CICATRIZES

ABUSOS

VIOLÊNCIA

HUMILHAÇÃO

DROGAS

FRIO

FOME

SOLIDÃO

DESPREZO

INDIFERENÇA

FALTAS

PAÍS

CASA

FAMÍLIA

LÍNGUA

CULTURA

COMIDA

EU SOU

a filha da mãe Venezuelana

EU SOU
uma lutadora, uma batalhadora

EU SOU

aquele que trabalha todos
os dias com fé no futuro

EU SOU

uma pessoa que chora sozinha

EU SOU
sozinho

EU SOU

uma pessoa, antes de ser migrante!

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. ACNUR acolhe mais de 9,4 mil pessoas indígenas refugiadas e migrantes. 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/04/25/brasil-acolhe-mais-de-94-mil-pessoas-indigenas-refugiadas-e-migrantes/> Acesso em: 22 maio 2023.

AGÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. Em 2023, ACNUR respondeu ao maior número de emergências humanitárias da última década. 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/em-2023-acnur-respondeu-ao-maior-numero-de-emergencias-humanitarias/> Acesso em: 12 jan. 2024.

AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de M. L. Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994. 2012.

AUGÉ, M. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, D. (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 99-117. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/343518341/Sociedade-Midiaticizada-Completo-Org-Denis-de-Moraes-pdf> Acesso em: 2 jul. 2024.

BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. São Paulo: Zahar, 1997.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BIRMAN, J. **Mal-Estar na Atualidade**: A Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação. 3a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 10 out. 2024.

BRASIL. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 16, 24 dez. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 22 maio 2023.

BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 (Marco Civil da Internet). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 59, 15 ago. 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 22 maio 2023.

BRASIL. **Pesquisa brasileira de mídia 2016**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Secom, 2016.

CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cad. Saúde Pública**, v. 34, n. 3, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00101417> Acesso em: 2 jul. 2024.

CAVALCANTE, S. M. S.; MILITÃO, J. A. **Emoções**: desafios para estudos da linguagem e cognição. Belo Horizonte: CESPUC, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/31918989> Acesso em: 15 jan. 2024.

CHERPINSKI, A.; LIBANORI, E. V. Um narrador “quase” oral. **Línguas e Letras**, v. 20, n. 47, p. 58-74, 2019. DOI: 10.5935/1981-4755.20190016

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Resolução nº 425 de 08 de outubro de 2021**. Institui, no âmbito do Poder Judiciário, a Política Nacional Judicial de Atenção a Pessoas em Situação de Rua e suas interseccionalidades. 2021. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/4169> Acesso em: 2 jul. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Política Nacional Judicial de Atenção a Pessoas em Situação de Rua e suas interseccionalidades**: relatório de atividades. Brasília: CNJ, 2022. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/02/relatorio-pop-rua-v2-2022-02-03.pdf>. Acesso em: 22 maio 2023.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Resolução nº 243, de 18 de outubro de 2021**. Dispõe sobre a Política Institucional de Proteção Integral e de Promoção de Direitos e Apoio às Vítimas. Brasília-DF, 18 out. 2021. Disponível em: <https://www.cnpm.mp.br/portal/images/Resolucoes/2021/Resoluo-n-243-2021.pdf> Acesso em: 19 nov. 2024.

COUTINHO, L. M. **Tecnologia, Currículo e Projetos**. Brasília. Dance, Confessore, and Laforgia, NYT, 2018, June 3, 2000

DELORY-MOMBERGER, C. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de: C. G. Braga; M. C. Passeggi; N. Patriota. Natal: Editora da UFRN, 2012.

DIAS, A. L. F. (org.). **Dados referentes ao fenômeno da população em situação de rua no Brasil**: Relatório técnico-científico. Plataforma de Atenção em Direitos Humanos, Programa Polos de Cidadania, Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Marginália Comunicação, 2021.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Brasília: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1239/1/13.pdf> Acesso em: 2 jul. 2024.

FREUD, S. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1974. (Ed. Standard Bras., v. 13).

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J.; LEON-SÁNCHEZ, M.; MARTIN-GUTIERREZ, Á. Comunicar-se de outra maneira: A escrita (auto)biográfica em contextos de pesquisa. **Esferas**, ano 12, v. 2, n. 25, set./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.31501/esf.v1i25.14076> Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14076> Acesso em: 13 nov. 2024.

GOSCIOLA, V. Narrativa transmídia: a presença de sistemas de narrativas integradas e complementares na comunicação e na educação. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 13, n. 2, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/692/716> Acesso em: 2 jul. 2024.

GOSCIOLA, V.; IRIGARAY, F. **Transmedia Storytelling e complexidades narrativas**. Aveiro, Portugal: Ria Editorial, 2021. Disponível em: https://adobeindd.com/view/publications/158f3caa-a523-4a88-938e-6baba0542e92/1/publication-web-resources/pdf/Transmedia_storytelling_e_complexidades_narrativas.pdf Acesso em: 15 jan. 2024.

GUIMARÃES LEITE, M. Narrativas Transmídias Controversas: Das ruas para as redes em Lugares (in)habitáveis. **Rotura**: Revista de Comunicação, Cultura e Artes, v. 3, n. 1, p. 28-45, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34623/bjv2-kw36>

JOSSO, M-C. **Experiência de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KENSKI, V. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Editora Papirus, 2007.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEWGOY, A. M. B.; ARRUDA, M. P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital. **Revista Textos e Contextos**: coletâneas em Serviço Social, n. 2, p. 115-130, 2004.

LYRA FILHO, R. **O que é Direito?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MATOS-DE-SOUZA, R. A desobediência epistemológica da pesquisa (auto)biográfica: outros tempos, outras narrativas e outra universidade. **Revista UFG**, Goiânia, v. 22, n. 28, p. 2-31, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.5216/revufg.v22.72988>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/72988>. Acesso em: 22 out. 2024.

MATOS-DE-SOUZA, R. Notas para o trabalho com a hermenêutica na pesquisa em educação. **Revista Momento: Diálogos em Educação**, v. 31, n. 3, p. 26-40, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.14295/momento.v31i03.14038>. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14038> Acesso em: 15 jan. 2024.

MATOS-DE-SOUZA, R.; LAZARINI, T.; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J.; BARROSO-TRISTÁN, J. M. Migração e educação: Um estudo sobre a invisibilização do migrante nas políticas educacionais brasileiras e distrital. **Arquivos analíticos de políticas educativas**, v. 29, n. 24, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14507/epaa.29.5540>. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/ojs/article/view/5540/2590>. Acesso em: 8 abr. 2024.

MATOS-DE-SOUZA, R.; SOUZA, E. C. O fenômeno da escrita (Auto)biográfica: localização teórico-históricas. In: SOUZA, E. C. (org.). **(Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2015. p.173-184

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Mundo registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272> Acesso em: 2 jul. 2024.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. Direito Internacional da Migração – **Glossário sobre Migração** – OIM. 2009. Disponível em <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf> Acesso em: 2 jul. 2024.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. Mobilidade Humana e Acolhimento de Venezuelanos: Fortalecendo a Governança Migratória no Estado de Minas Gerais. **OIM**, 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/relatorio-mobilidade-humana-mg.pdf> Acesso em: 19 jul. 2024

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. Prefeitura de Belo Horizonte e OIM debatem soluções para a inserção socioeconômica de migrantes. **OIM**, 2023. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/prefeitura-de-belo-horizonte-e-oim-debatem-solucoes-para-insercao-socioeconomica-de-migrantes> Acesso em: 10 set. 2024

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. 2023 marca o ano mais mortal para migrantes, com quase 8.600 mortes registradas. **OIM**, 2024. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/2023-marca-o-ano-mais-mortal-para-migrantes-com-quase-8600-mortes-registradas> Acesso em: 10 jun. 2024

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PASSEGGI, M. C. Narrativas da Experiência na Pesquisa-Formação: do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico. **Roteiro**, vol. 41, núm. 1, pp. 67-86. Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3519/351964732005/html/> Acesso em: 11 jun. 2024

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, 2(1) pp. 6-26. 2016 Disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032> Acesso em: 07 de jan. de 2024

PAUL Virilio: Pensar la Velocidad. Extractos seleccionados del film de Stéphane Paoli para el Canal Arte, 2009. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal A Parte Rei Revista de Filosofia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OAPn7pBP0L8> Acesso em: 10 set. 2024.

PIKETTY, T. **O Capital no Século XXI**. Tradução Mônica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

RIOLFI, C; ANDRADE, E. Diretrizes psicanalíticas para a orientação de pós-graduandos. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 4, p. 569-579, 2016.

ROGERS, W.; BALLANTYNE, A. Populações especiais: vulnerabilidade e proteção. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, v. 2, Sup.1, 2008. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/865/1682> Acesso em: 10 set. 2024.

ROSA, J. G. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

SANTAELLA, L. **Comunicação Ubíqua. Repercussões na Cultura e na Educação**. Editora Paulus, 2014. <https://docero.com.br/doc/n1xe0ne>

SANTAELLA, L. Reflexões sobre arte & pesquisa. In: PRADO, G.; TAVARES, M.; ARANTES, P. (org.). **Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa**. São Paulo: ECA/USP, 2016. p. 54-65. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/679/o/dialogostransdisciplinares.pdf> Acesso em: 10 set. 2024.

SCOTT, J. B.; PROLA, C. A.; SIQUEIRA, A. C.; PEREIRA, C. R. R. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no brasil: uma revisão sistemática a literatura. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 2, p. 600-615, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p600-615> Acesso em: 10 set. 2024

SEVALHO, G. The concept of vulnerability and health education based on the theory laid out by Paulo Freire. **Interface**, v. 22, n. 64, p. 177-188, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/CCnBTxySpYqFqS93W5RN3Sv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 set. 2024.

SOUSA JÚNIOR, J. G. O Direito Achado na Rua: concepção e prática. In: SOUSA JÚNIOR, J. G. (org.). **Introdução crítica ao direito**. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

SOUSA JÚNIOR, J. G. **Direito como Liberdade: O Direito Achado na Rua Experiências Populares Emancipatórias de Criação do Direito**. 2008. Tese (Doutorado em Direito) -

Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/1401> Acesso em: 10 set. 2024.

THE INTERAGENCY Coordination Platform for Refugees and Migrants - R4V. Saúde Mental da Juventude Refugiada e Migrante. U-Report Uniendo Voces Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt> Acesso em: 2 jul. 2024.

VEIGA, P. A. **O Museu de Tudo em Qualquer Parte**: arte e cultura digital: inter-ferir e curar. Coimbra Portugal: Grácio Editor, 2020. Disponível em:
<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11265> Acesso em: 2 jul. 2024.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade De Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: *Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em movimento*

Pesquisadora responsável: *Marisa Guimarães Leite – Ceam/UnB*

Orientador (a): *Professor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UnB*

Garantia de acesso: *em qualquer etapa do estudo você terá acesso à pesquisadora responsável pela pesquisa por meio do e-mail: marisa_guimaraes@yahoo.com.br*

Objetivo do estudo: *Investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de sujeitos-migrantes.*

Olá,

este é um convite para você participar deste estudo, que acontece entre 2022 e 2024.

O objetivo da Pesquisa é investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de pessoas em processo de deslocamento e migração. Para tanto, solicito autorização para realizar observação e registros em áudio e vídeo das entrevistas e conversas sobre a vida com você.

A participação nesse estudo é voluntária. Somente se você quiser e autorizar. A sua assinatura indica que você leu as informações acima e decidiu autorizar sua participação nesta pesquisa. Ressalto que esta participação pode ser interrompida a qualquer momento, mesmo depois da assinatura deste documento.

Comprometo-me a disponibilizar todas as informações, bem como prestar todos os esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante e após a coleta de dados da pesquisa.

Benefícios e riscos: *Não existe nenhum tipo de risco ou benefício direto envolvido nesta pesquisa.*

Custo/Reembolso: A participação será totalmente espontânea e gratuita, não havendo nenhuma cobrança ou pagamento para a sua participação.

Sigilo: Os dados das observações e das entrevistas serão utilizados exclusivamente para fins de estudo.

_____, de _____ de 202_.

Assinatura do participante

Nome legível e contato

Marisa Guimarães Leite

Endereço eletrônico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania

TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

Título de la investigación: Desplazamientos simbólicos: narrativas (auto)biográficas y las marcas del proceso de (in)visibilidad de sujetos en movimiento

Investigadora responsable: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UnB

Asesor docente: Profesor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UnB

Garantía de acceso: en cualquier etapa del estudio tendrá acceso al investigador responsable de la investigación por correo electrónico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

Objetivo del estudio: Investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de los sujetos migrantes.

Beneficios y riesgos: No existe ningún riesgo o beneficio directo involucrado en esta investigación.

Costo/Reembolso: La participación será completamente espontánea y gratuita, no habrá ningún cargo ni pago por su participación.

Confidencialidad: Los datos de las entrevistas se utilizarán exclusivamente para fines de estudio.

Hola,

esta es una invitación para que participe en este estudio, entre 2022 y 2024.

El objetivo de la Investigación es investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de las personas en el proceso de desplazamiento y migración. Para ello solicito autorización para realizar observación y grabaciones de audio y video de entrevistas y conversaciones sobre la vida con usted. La participación en este estudio es voluntario. Sólo si lo desea y lo autoriza. Su firma indica que ha leído la información anterior y ha decidido autorizar su participación en esta investigación.

Resalto que esta participación puede ser interrumpida en cualquier momento, incluso después de firmar este documento.

Me comprometo a poner a disposición toda la información, así como a proporcionar todas las aclaraciones sobre la investigación antes, durante y después de la investigación. Los contenidos audiovisuales podrán ponerse a disposición de estaciones públicas de radio y televisión y canales oficiales de instituciones humanitarias y proyectos especiales de acogida de migrantes.

, de 2024.

Firma del participante

Nombre y contacto legibles

Marisa Guimarães Leite

Dirección electrónica: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

APÊNDICE C – OFÍCIO PROJETO LER - PUC MINAS



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA – PPGDH**

MARISA GUIMARÃES LEITE

**DESLOCAMENTOS SIMBÓLICOS:
AS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E AS MARCAS DO PROCESSO DE
(IN)VISIBILIDADE DOS SUJEITOS EM MOVIMENTO**

**Brasília
2024**

PROJETO LER**PROF. DRA. SANDRA CAVALCANTI**

PUC Minas

Belo Horizonte – Minas Gerais

Como informado anteriormente, dirijo-me à coordenação do PROJETO LER - Leitura e Escrita com refugiados e migrantes, da PUC Minas com o objetivo de apresentar esta proposta e solicitar apoio à pesquisa de Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania intitulada *Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em movimento*.

A proposta de investigação já está devidamente qualificada pelo Programa de Pós-graduação em Direito Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília – PPGDH/Ceam/UnB como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania, sob orientação do professor Dr. Rodrigo Matos de Souza.

Em consonância com os objetivos específicos do PROJETO LER, contribuir para o desenvolvimento das habilidades dos migrantes e desenvolver estratégias artístico-culturais, inéditas e criativas que contribuam para o fortalecimento do espírito de comunidade intercultural de aprendizagem e, por conseguinte, de integração e emancipação social dos beneficiários do projeto e a busca por documentar e socializar as ações desenvolvidas no projeto por meio de diversos registros, linguagens e mídias sempre numa perspectiva de narrativas de vida e experiências, solicito, o apoio desta coordenação para a participação como pesquisadora da Universidade de Brasília - UnB no PROJETO LER, durante o primeiro semestre de 2024, e, a aproximação junto a grupos de venezuelanos integrantes do projeto. O conteúdo das oficinas com os integrantes do PROJETO LER poderá ser disponibilizado, replicado e poderá ser disponibilizado nas plataformas oficiais do projeto.

A minha proposta de investigação está pautada na observação e inquietação que envolvem a (in)visibilidade e a (hiper)visibilidade de sujeitos-migrantes e as perspectivas de narrativas (auto)biográficas, considerando que o reconhecimento da dignidade humana e o respeito aos direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo. Como etapa do processo metodológico, debruçar sobre a expressividade informativa, sensorial e linguística das narrativas (auto)biográficas deste sujeito distanciado de suas origens, de sua cultura e que conecta sua vida a uma realidade permeada por deslocamentos constantes. A pesquisa busca contribuir para a compreensão do atravessamento social e

histórico na inscrição do sujeito no mundo contemporâneo, em deslocamentos territoriais e simbólicos.

Para esta pesquisa, inicialmente, há a delimitação no número de pessoas definida em até **20 migrantes da Venezuela**, por idade, **acima de 21 anos** e ocorre também no âmbito geográfico, com encontros realizados entre a pesquisadora e a população migrante na **RMBH, Região Metropolitana de Belo Horizonte**, em Minas Gerais/Brasil. Não está delimitada por gênero ou à diversidade de formação familiar. **Não há seleção por gênero**, entendendo a identidade de gênero como produção da realidade social e não em decorrência da anatomia de seus corpos e sem prévia determinação em relação à diversidade de formação familiar, sendo, portanto, migrantes que chegaram ao Brasil, **acompanhados ou não de familiares**. A proposta é que todas as narrativas sejam realizadas pelos próprios migrantes e, para isso, nas abordagens nos diversos lugares, cada participante seja instrumentalizado, por meio de *workshops* para o conhecimento, apropriação e domínio mínimo da potencialidade estética e informaticva do meio audiovisual, e, tenha total liberdade de escolher se a gravação será somente por captação de áudio ou em audiovisual, ou mesmo escrita, o cenário de gravação, o tema a ser abordado. Todas as gravações serão acompanhadas pela pesquisadora, ao definir local e data, mas filmadas e gravadas pelos próprios migrantes, como forma de apropriação dos meios pelos sujeitos em uma definição pessoal e individualizada. (Auto)biografar é extrair de si seus anseios, conquistas, medos e desejos. A pesquisa é baseada nas narrações (auto)biográficas com relatos escritos, orais e gestuais de histórias de vida como método de investigação qualitativa.

Para a pesquisa serão necessários, no mínimo, **três encontros** com as mesmas pessoas, com **intervalos de aproximadamente uma semana** entre os encontros, após o contato inicial. Como anexo segue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como modelo de autorização para a realização da pesquisa.

Coloco-me à disposição para outras informações e continuo com total disponibilidade para a primeira reunião *in loco*.

Cordialmente.

 Documento assinado digitalmente
MARISA GUIMARAES LEITE
Data: 12/03/2024 14:43:13-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Marisa Guimarães Leite
Mestranda

 Documento assinado digitalmente
RODRIGO MATOS DE SOUZA
Data: 12/03/2024 13:50:29-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Rodrigo Matos de Souza
Orientador



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e
Cidadania

TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

Título de la investigación: Desplazamientos simbólicos: narrativas (auto)biográficas y las marcas del proceso de (in)visibilidad de sujetos en movimiento

Investigadora responsable: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB

Asesor docente: Profesor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB

Garantía de acceso: en cualquier etapa del estudio tendrá acceso al investigador responsable de la investigación por correo electrónico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

Objetivo del estudio: Investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de los sujetos migrantes.

Beneficios y riesgos: No existe ningún riesgo o beneficio directo involucrado en esta investigación.

Costo/Reembolso: La participación será completamente espontánea y gratuita, no habrá ningún cargo ni pago por su participación.

Confidencialidad: Los datos de las entrevistas se utilizarán exclusivamente para fines de estudio.

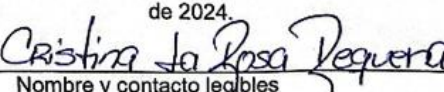
Hola,

esta es una invitación para que participe en este estudio, entre 2022 y 2024.

El objetivo de la Investigación es investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de las personas en el proceso de desplazamiento y migración. Para ello solicito autorización para realizar observación y grabaciones de audio y video de entrevistas y conversaciones sobre la vida con usted. La participación en este estudio es voluntario. Sólo si lo desea y lo autoriza. Su firma indica que ha leído la información anterior y ha decidido autorizar su participación en esta investigación. Resalto que esta participación puede ser interrumpida en cualquier momento, incluso después de firmar este documento.

Me comprometo a poner a disposición toda la información, así como a proporcionar todas las aclaraciones sobre la investigación antes, durante y después de la investigación. Los contenidos audiovisuales podrán ponerse a disposición de estaciones públicas de radio y televisión y canales oficiales de instituciones humanitarias y proyectos especiales de acogida de migrantes.


Firma del participante

de 2024.

Nombre y contacto legibles

- 31982621887.

Marisa Guimarães Leite

Dirección electrónica: marisa_guimaraes@yahoo.com.br



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e
Cidadania

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em movimento

Pesquisadora responsável: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB

Orientador (a): Professor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB

Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso à pesquisadora responsável pela pesquisa por meio do e-mail: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

Objetivo do estudo: Investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de sujeitos-migrantes.

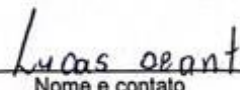
Olá,

este é um convite para você participar deste estudo, que acontece entre 2022 e 2024. O objetivo da Pesquisa é investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de pessoas em processo de deslocamento e migração. Para tanto, solicito autorização para realizar observação e registros em áudio e vídeo das entrevistas e conversas sobre a vida com você. A participação nesse estudo é voluntária. Somente se você quiser e autorizar. A sua assinatura indica que você leu as informações acima e decidiu autorizar sua participação nesta pesquisa. Ressalto que esta participação pode ser interrompida a qualquer momento, mesmo depois da assinatura deste documento.

Comprometo-me a disponibilizar todas as informações, bem como prestar todos os esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante e após a pesquisa de campo. Os conteúdos audiovisuais poderão ser disponibilizados para emissoras públicas de rádio e televisão e canais oficiais de instituições humanitárias e projetos voltados para o acolhimento de migrantes.

de 2024.


Assinatura do participante


Nome e contato

Marisa Guimarães Leite

Endereço eletrônico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

Lucas Ceant 31995642181



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e
Cidadania

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em movimento

Pesquisadora responsável: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB

Orientador (a): Professor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB

Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso à pesquisadora responsável pela pesquisa por meio do e-mail: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

Objetivo do estudo: Investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de sujeitos-migrantes.

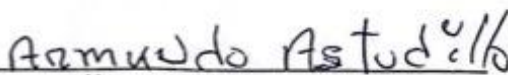
Olá,

este é um convite para você participar deste estudo, que acontece entre 2022 e 2024. O objetivo da Pesquisa é investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de pessoas em processo de deslocamento e migração. Para tanto, solicito autorização para realizar observação e registros em áudio e vídeo das entrevistas e conversas sobre a vida com você. A participação nesse estudo é voluntária. Somente se você quiser e autorizar. A sua assinatura indica que você leu as informações acima e decidiu autorizar sua participação nesta pesquisa. Ressalto que esta participação pode ser interrompida a qualquer momento, mesmo depois da assinatura deste documento.

Comprometo-me a disponibilizar todas as informações, bem como prestar todos os esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante e após a pesquisa de campo. Os conteúdos audiovisuais poderão ser disponibilizados para emissoras públicas de rádio e televisão e canais oficiais de instituições humanitárias e projetos voltados para o acolhimento de migrantes.

de 2024.


Assinatura do participante


Nome e contato
Marisa Guimarães Leite 31987074465

Endereço eletrônico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania

TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

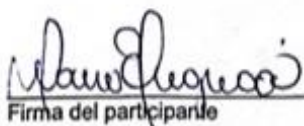
Título de la investigación: Desplazamientos simbólicos: narrativas (auto)biográficas y las marcas del proceso de (in)visibilidad de sujetos en movimiento
Investigadora responsable: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB
Asesor docente: Profesor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB
Garantía de acceso: en cualquier etapa del estudio tendrá acceso al investigador responsable de la investigación por correo electrónico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br
Objetivo del estudio: Investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de los sujetos migrantes.
Beneficios y riesgos: No existe ningún riesgo o beneficio directo involucrado en esta investigación.
Costo/Reembolso: La participación será completamente espontánea y gratuita, no habrá ningún cargo ni pago por su participación.
Confidencialidad: Los datos de las entrevistas se utilizarán exclusivamente para fines de estudio.

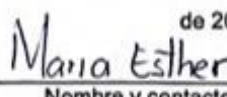
Hola,

esta es una invitación para que participe en este estudio, entre 2022 y 2024.

El objetivo de la Investigación es investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de las personas en el proceso de desplazamiento y migración. Para ello solicito autorización para realizar observación y grabaciones de audio y video de entrevistas y conversaciones sobre la vida con usted. La participación en este estudio es voluntario. Sólo si lo desea y lo autoriza. Su firma indica que ha leído la información anterior y ha decidido autorizar su participación en esta investigación. Resalto que esta participación puede ser interrumpida en cualquier momento, incluso después de firmar este documento.

Me comprometo a poner a disposición toda la información, así como a proporcionar todas las aclaraciones sobre la investigación antes, durante y después de la investigación. Los contenidos audiovisuales podrán ponerse a disposición de estaciones públicas de radio y televisión y canales oficiales de instituciones humanitarias y proyectos especiales de acogida de migrantes.


Firma del participante

de 2024.
 31985817884
Nombre y contacto legibles
Figueroa

Marisa Guimarães Leite

Dirección electrónica: marisa_guimaraes@yahoo.com.br



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e
Cidadania

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em movimento

Pesquisadora responsável: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB

Orientador (a): Professor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB

Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso à pesquisadora responsável pela pesquisa por meio do e-mail: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

Objetivo do estudo: Investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de sujeitos-migrantes.

Olá,

este é um convite para você participar deste estudo, que acontece entre 2022 e 2024. O objetivo da Pesquisa é investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de pessoas em processo de deslocamento e migração. Para tanto, solicito autorização para realizar observação e registros em áudio e vídeo das entrevistas e conversas sobre a vida com você. A participação nesse estudo é voluntária. Somente se você quiser e autorizar. A sua assinatura indica que você leu as informações acima e decidiu autorizar sua participação nesta pesquisa. Ressalto que esta participação pode ser interrompida a qualquer momento, mesmo depois da assinatura deste documento.

Comprometo-me a disponibilizar todas as informações, bem como prestar todos os esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante e após a pesquisa de campo. Os conteúdos audiovisuais poderão ser disponibilizados para emissoras públicas de rádio e televisão e canais oficiais de instituições humanitárias e projetos voltados para o acolhimento de migrantes.

de 2024.

Allison Camelon
Assinatura do participante

Allison Camelon (31) 98323 8853
Nome e contato

Marisa Guimarães Leite

Endereço eletrônico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e
Cidadania

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em movimento

Pesquisadora responsável: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB

Orientador (a): Professor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB

Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso à pesquisadora responsável pela pesquisa por meio do e-mail: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

Objetivo do estudo: Investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de sujeitos-migrantes.

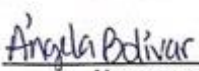
Olá,

este é um convite para você participar deste estudo, que acontece entre 2022 e 2024. O objetivo da Pesquisa é investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de pessoas em processo de deslocamento e migração. Para tanto, solicito autorização para realizar observação e registros em áudio e vídeo das entrevistas e conversas sobre a vida com você. A participação nesse estudo é voluntária. Somente se você quiser e autorizar. A sua assinatura indica que você leu as informações acima e decidiu autorizar sua participação nesta pesquisa. Ressalto que esta participação pode ser interrompida a qualquer momento, mesmo depois da assinatura deste documento.

Comprometo-me a disponibilizar todas as informações, bem como prestar todos os esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante e após a pesquisa de campo. Os conteúdos audiovisuais poderão ser disponibilizados para emissoras públicas de rádio e televisão e canais oficiais de instituições humanitárias e projetos voltados para o acolhimento de migrantes.

Belo Horizonte, 29 de Junho de 2024.


Assinatura do participante

 (31) 99113-4144
Nome e contato

Marisa Guimarães Leite

Endereço eletrônico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e
Cidadania

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em movimento
Pesquisadora responsável: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB
Orientador (a): Professor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB
Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso à pesquisadora responsável pela pesquisa por meio do e-mail: marisa_guimaraes@yahoo.com.br
Objetivo do estudo: Investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de sujeitos-migrantes.

Olá,

este é um convite para você participar deste estudo, que acontece entre 2022 e 2024. O objetivo da Pesquisa é investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de pessoas em processo de deslocamento e migração. Para tanto, solicito autorização para realizar observação e registros em áudio e vídeo das entrevistas e conversas sobre a vida com você. A participação nesse estudo é voluntária. Somente se você quiser e autorizar. A sua assinatura indica que você leu as informações acima e decidiu autorizar sua participação nesta pesquisa. Ressalto que esta participação pode ser interrompida a qualquer momento, mesmo depois da assinatura deste documento.

Comprometo-me a disponibilizar todas as informações, bem como prestar todos os esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante e após a pesquisa de campo. Os conteúdos audiovisuais poderão ser disponibilizados para emissoras públicas de rádio e televisão e canais oficiais de instituições humanitárias e projetos voltados para o acolhimento de migrantes.

Belo Horizonte . 29 de Junho de 2024.

Assinatura do participante

Eric Moisés Baixinho Meffer (31) 9 9113-6012

Nome e contato

Marisa Guimarães Leite

Endereço eletrônico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania

TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

Título de la Investigación: Desplazamientos simbólicos: narrativas (auto)biográficas y las marcas del proceso de (in)visibilidad de sujetos en movimiento

Investigadora responsable: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB

Asesor docente: Profesor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB

Garantía de acceso: en cualquier etapa del estudio tendrá acceso al investigador responsable de la investigación por correo electrónico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br

Objetivo del estudio: Investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de los sujetos migrantes.

Beneficios y riesgos: No existe ningún riesgo o beneficio directo involucrado en esta investigación.

Costo/Reembolso: La participación será completamente espontánea y gratuita, no habrá ningún cargo ni pago por su participación.

Confidencialidad: Los datos de las entrevistas se utilizarán exclusivamente para fines de estudio.

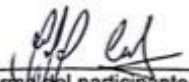
Hola,

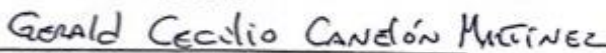
esta es una invitación para que participe en este estudio, entre 2022 y 2024.

El objetivo de la Investigación es investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de las personas en el proceso de desplazamiento y migración. Para ello solicito autorización para realizar observación y grabaciones de audio y video de entrevistas y conversaciones sobre la vida con usted. La participación en este estudio es voluntario. Sólo si lo desea y lo autoriza. Su firma indica que ha leído la información anterior y ha decidido autorizar su participación en esta investigación. Resalto que esta participación puede ser interrumpida en cualquier momento, incluso después de firmar este documento.

Me comprometo a poner a disposición toda la información, así como a proporcionar todas las aclaraciones sobre la investigación antes, durante y después de la investigación. Los contenidos audiovisuales podrán ponerse a disposición de estaciones públicas de radio y televisión y canales oficiales de instituciones humanitarias y proyectos especiales de acogida de migrantes.

de 2024.


Firma del participante


Nombre y contacto legibles

Marisa Guimarães Leite

Dirección electrónica: marisa_guimaraes@yahoo.com.br



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e
Cidadania

TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

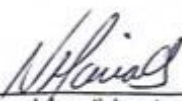
Título de la investigación: Desplazamientos simbólicos: narrativas (auto)biográficas y las marcas del proceso de (in)visibilidad de sujetos en movimiento
Investigadora responsable: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UnB
Aesor docente: Profesor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UnB
Garantía de acceso: en cualquier etapa del estudio tendrá acceso al investigador responsable de la investigación por correo electrónico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br
Objetivo del estudio: Investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de los sujetos migrantes.
Beneficios y riesgos: No existe ningún riesgo o beneficio directo involucrado en esta investigación.
Costo/Reembolso: La participación será completamente espontánea y gratuita, no habrá ningún cargo ni pago por su participación.
Confidencialidad: Los datos de las entrevistas se utilizarán exclusivamente para fines de estudio.

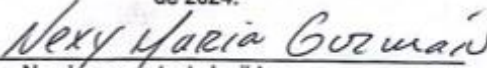
Hola,

esta es una invitación para que participe en este estudio, entre 2022 y 2024.

El objetivo de la Investigación es investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de las personas en el proceso de desplazamiento y migración. Para ello solicito autorización para realizar observación y grabaciones de audio y video de entrevistas y conversaciones sobre la vida con usted. La participación en este estudio es voluntario. Sólo si lo desea y lo autoriza. Su firma indica que ha leído la información anterior y ha decidido autorizar su participación en esta investigación. Resalto que esta participación puede ser interrumpida en cualquier momento, incluso después de firmar este documento.

Me comprometo a poner a disposición toda la información, así como a proporcionar todas las aclaraciones sobre la investigación antes, durante y después de la investigación. Los contenidos audiovisuales podrán ponerse a disposición de estaciones públicas de radio y televisión y canales oficiales de instituciones humanitarias y proyectos especiales de acogida de migrantes.


Firma del participante

de 2024.

Nombre y contacto legibles

319286-3578

Marisa Guimarães Leite

Dirección electrónica: marisa_guimaraes@yahoo.com.br



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e
Cidadania

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Deslocamentos simbólicos: as narrativas (auto)biográficas e as marcas do processo de (in)visibilidade dos sujeitos em movimento
Pesquisadora responsável: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB
Orientador (a): Professor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB
Garantia de acesso: em qualquer etapa do estudo você terá acesso à pesquisadora responsável pela pesquisa por meio do e-mail: marisa_guimaraes@yahoo.com.br
Objetivo do estudo: Investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de sujeitos-migrantes.

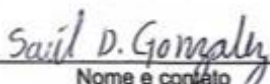
Olá,

este é um convite para você participar deste estudo, que acontece entre 2022 e 2024. O objetivo da Pesquisa é investigar se as marcas presentes nas narrativas (auto)biográficas possibilitam a compreensão sobre a visibilidade de pessoas em processo de deslocamento e migração. Para tanto, solicito autorização para realizar observação e registros em áudio e vídeo das entrevistas e conversas sobre a vida com você. A participação nesse estudo é voluntária. Somente se você quiser e autorizar. A sua assinatura indica que você leu as informações acima e decidiu autorizar sua participação nesta pesquisa. Ressalto que esta participação pode ser interrompida a qualquer momento, mesmo depois da assinatura deste documento.

Comprometo-me a disponibilizar todas as informações, bem como prestar todos os esclarecimentos sobre a pesquisa antes, durante e após a pesquisa de campo. Os conteúdos audiovisuais poderão ser disponibilizados para emissoras públicas de rádio e televisão e canais oficiais de instituições humanitárias e projetos voltados para o acolhimento de migrantes.

de 2024.


Assinatura do participante

 31994260883
Nome e contato
Saul30905928@gmail.com

Marisa Guimarães Leite

Endereço eletrônico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br



Universidade de Brasília – UnB
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM
Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania

TÉRMINOS DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

Título de la investigación: Desplazamientos simbólicos: narrativas (auto)biográficas y las marcas del proceso de (in)visibilidad de sujetos en movimiento
Investigadora responsable: Marisa Guimarães Leite – Ceam/UNB
Asesor docente: Profesor Dr. Rodrigo Matos de Souza FE/UNB
Garantía de acceso: en cualquier etapa del estudio tendrá acceso al investigador responsable de la investigación por correo electrónico: marisa_guimaraes@yahoo.com.br
Objetivo del estudio: Investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de los sujetos migrantes.
Beneficios y riesgos: No existe ningún riesgo o beneficio directo involucrado en esta investigación.
Costo/Reembolso: La participación será completamente espontánea y gratuita, no habrá ningún cargo ni pago por su participación.
Confidencialidad: Los datos de las entrevistas se utilizarán exclusivamente para fines de estudio.

Hola,

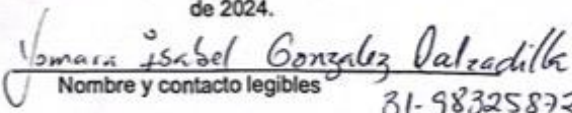
esta es una invitación para que participe en este estudio, entre 2022 y 2024.

El objetivo de la Investigación es investigar si las marcas presentes en las narrativas (auto)biográficas permiten comprender la visibilidad de las personas en el proceso de desplazamiento y migración. Para ello solicito autorización para realizar observación y grabaciones de audio y video de entrevistas y conversaciones sobre la vida con usted. La participación en este estudio es voluntario. Sólo si lo desea y lo autoriza. Su firma indica que ha leído la información anterior y ha decidido autorizar su participación en esta investigación. Resalto que esta participación puede ser interrumpida en cualquier momento, incluso después de firmar este documento.

Me comprometo a poner a disposición toda la información, así como a proporcionar todas las aclaraciones sobre la investigación antes, durante y después de la investigación. Los contenidos audiovisuales podrán ponerse a disposición de estaciones públicas de radio y televisión y canales oficiales de instituciones humanitarias y proyectos especiales de acogida de migrantes.

de 2024.


Firma del participante


Nombre y contacto legibles 31-983258721

Marisa Guimarães Leite

Dirección electrónica: marisa_guimaraes@yahoo.com.br